

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa**



**FORMAS DE TRATAMENTO NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: A ALTERNÂNCIA TU / VOCÊ NA
CIDADE DE SANTOS-SP**

Artarxerxes Tiago Tácito Modesto

São Paulo, 2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de pós graduação em Filologia e Língua Portuguesa

**FORMAS DE TRATAMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: A
ALTERNÂNCIA TU/VOCÊ NA CIDADE DE SANTOS - SP**

Artarxerxes Tiago Tácito Modesto

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Angela Cecília de S. Rodrigues

São Paulo, 2006

DEDICATÓRIA

À minha filha Yasmim C. Tácito Modesto

e

À memória de meu pai Antonio Tácito Modesto

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por ter me dado forças e condições para empreender esta tarefa e finalizá-la.

À Prof^a Angela Cecília de Souza Rodrigues, pela força, incentivo e carinho com que me tem conduzido até aqui. Sem seu experiente auxílio não seria possível a concretização desta dissertação.

Ao Prof. José Lemos Monteiro, pela ajuda constante e pela gentileza de fornecer preciosos materiais de referência e por muitas vezes ter apreciado meus textos com o olhar crítico que, não raro, me fez mudar o rumo de minhas investigações.

À Professora Jânia Ramos, por ter fornecido as primeiras referências bibliográficas e rico material sobre as formas de tratamento usadas em Minas Gerais e por ter tecido preciosas considerações sobre este trabalho.

A todos os professores do DLCV que me prestaram auxílio quando a eles recorri, e pelo tempo que dispensaram a mim.

Aos meus colegas de Mestrado, que acompanharam meu trajeto e sempre me deram grande apoio.

À minha mãe, Helena Farinha Tácito Modesto, e ao meu irmão Samuel Veloso Fidelis, pela luz e pela confiança.

À minha esposa Heide Ketti C. Modesto, pela paciência e pelo amor.

Aos amigos sempre presentes da família Pinto, Luiz, Sônia, Samuel e Saul, por terem ajudado nas transcrições dos inquéritos, e por terem sido companheiros nos momentos em que precisei.

À Renira Cirelli Appa, que me sempre me incentivou e me fez perceber como a amizade é um dom de Deus.

Ao Marco Antonio da Silva, por ter sido sempre presente quando precisei de ajuda.

Agradecimento especial a Sueli Lucas, cuja ajuda possibilitou cumprir esta fase de minha vida acadêmica.

Aos informantes da Baixada Santista que forneceram rico material para análise.

A todos os que contribuíram para que este trabalho pudesse ser concretizado.

TU, VOCÊ E TODOS NÓS

-Se tu,
confuso;
te atrapalhares,
sê tu
esperto
e chama-me.
-Se você mais claro fosse,
na fala,
no linguajar,
entenderia melhor
este amigo
que aqui está.
- E se a gente
percebesse
que a vida
é muito mais simples,
quando as falas
de um povo,
misturam-se as telas da vida,
no mercado, na feira,
nas ruas, nas casas, nas salas de aula,
talvez pudéssemos
multiplicar conhecimentos
e não apenas classificá-los como produtos
de um determinado meio.

RESUMO

Esta pesquisa visa a descrever e explicar o uso das formas de tratamento *tu* e *você* em Santos, cidade do litoral do Estado de São Paulo, levando em consideração aspectos sociolingüísticos e pragmático-discursivos, que atuam na alternância destas formas. Há, segundo RAMOS (2001), dois pontos de vista que têm norteado as pesquisas sobre as formas de tratamento: um de natureza sócio-histórica, que leva em consideração o uso amplo de *você* como uma opção por um tratamento igualitário, e outro que trata o problema como um processo de mudança baseado na implementação da forma *você* com estatuto pronominal, que desta forma vem alterando a concordância e acarretando muitas mudanças no sistema pronominal a partir de meados dos séculos XIX. Assim, este trabalho apresenta um estudo quantitativo das formas de tratamento *tu* e *você* em Santos, buscando os fatores relevantes para a primeira das duas abordagens sugeridas, além de fazer algumas considerações acerca da segunda abordagem. Com o suporte da metodologia da Sociolingüística Variacionista Laboviana, busca-se explicitar até que ponto as diferentes situações interacionais levam os falantes a escolherem uma ou outra forma pronominal. Constituem o *corpus* analisado 20 inquéritos correspondentes a textos conversacionais realizados entre falantes santistas. Em outras palavras, busca-se verificar em que medida fatores discursivos (referenciação, expressividade, monitoramento), ao lado dos fatores sociais (gênero, faixa etária, escolaridade dos informantes) e um lingüístico (função sintática da forma de tratamento), podem explicar o fenômeno. Adota-se, por conseguinte, uma perspectiva funcionalista de análise, já que se leva em conta toda a situação comunicativa: o propósito do evento da fala, seus participantes e o contexto discursivo.

PALAVRAS-CHAVE: formas de tratamento, pronomes, variedade lingüística, Sociolingüística, Funcionalismo.

ABSTRACT

This research aims to describe and explain the ways of address “*tu*” and “*você*” in Santos, city of the coast of São Paulo, considering sociolinguistic and pragmatic-discursive aspects that act on the alternation of these forms. There is, according to RAMOS(2001), two points of view that have lead the researches on the ways of address: one of socio- historical nature, that considers the ample use of “*você*” as an option for equalitarian treatment, and another one that sees the problem as a change in process problem, based on the implementation of the form “*você*” with a pronominal statute, causing by this way modifications in the concordance and provoking many changes in the pronominal system since the middle of the XIX centuries. Therefore, this work presents a quantitative study of the ways of address “*tu*” and “*você*” in Santos, looking for the relevant factors presented by the first of these two approaches above, but it makes some considerations about the second approach too. Supported by the Labovian Variacionist Sociolinguistic Methodology, it looks to explicit how the different interacional situations lead the speakers to select one or another pronominal form. The *corpus* is composed by 20 recordings of santistas speakers conversations. By other words, it looks for verifying how the discursive factors (referentiation, expressivity, monitoring), sided by social factors (gender, age, scholarship of the speakers) and a linguistic factor (syntactic function of the ways of address), can explain the phenomena. It takes, therefore, a functionalist perspective of analysis, because it considers all the communicative situation: the speaking event proposal, its participants and the discursive context.

KEY WORDS: pronouns of address, pronouns, linguistic variety, Sociolinguistics, Functionalism.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| 1. FORMAS DE TRATAMENTO DO INTERLOCUTOR: ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS | 3 |
| 1.1. BREVE HISTÓRICO DAS FORMAS DE TRATAMENTO | 3 |
| 1.2 BUSCANDO O CONCEITO DE “FORMAS DE TRATAMENTO” | 7 |
| 1.3 AS FORMAS DE TRATAMENTO COMO REFLEXO DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL: USO E PAPÉIS SOCIAIS | 10 |
| 1.4 O QUADRO PRONOMINAL E AS FORMAS DE TRATAMENTO NO BRASIL: ESTUDOS REALIZADOS | 16 |
| 1.4.1 <i>Estudos realizados sobre o quadro pronominal do Português Brasileiro</i> | 16 |
| 1.4.2 <i>Síntese de trabalhos realizados sobre a variação das formas de tratamento</i> | 20 |
| 2. SOBRE A CIDADE DE SANTOS: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOCULTURAIS | 33 |
| 2.1 HISTÓRIA | 33 |
| 2.2 INDICADORES SOCIOECONÔMICOS E POPULACIONAIS | 35 |
| 3. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS | 38 |
| 3.1 A ABORDAGEM FUNCIONALISTA | 38 |
| 3.2 ASPECTOS PRAGMÁTICO-DISCURSIVOS E INTERACIONAIS | 50 |
| 3.3 TEORIA DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA | 52 |
| 3.4 VARIAÇÃO ESTILÍSTICA | 59 |
| 3.5 IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS: O MODELO DE ANÁLISE | 62 |
| 3.6 A AMOSTRA ANALISADA | 63 |
| 3.6.1 <i>As gravações Conscientes (Não-Secretas)</i> | 65 |
| 3.6.2 <i>As gravações Secretas</i> | 68 |
| 3.7 SUPORTE ESTATÍSTICO | 71 |
| 4. ANÁLISE DOS DADOS | 75 |
| 4.1 GRUPO DE FATORES CONTROLADOS | 75 |
| 4.2 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE INFORMANTES | 80 |
| 4.3 QUANTIFICAÇÃO DAS FORMAS DE TRATAMENTO NO UNIVERSO VOCABULAR EM SANTOS | 81 |
| 4.4 DISTRIBUIÇÃO DAS FORMAS DE TRATAMENTO EM FUNÇÃO DOS GRUPOS DE FATORES ANALISADOS | 82 |
| 4.5 ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA DOS DADOS SEGUNDO OS RESULTADOS ESTATÍSTICOS OBTIDOS | 88 |
| 4.6 FATORES DISCURSIVOS | 89 |
| 4.6.1 <i>Monitoramento da Fala</i> | 89 |
| 4.6.2 <i>Expressividade</i> | 93 |
| 4.6.3 <i>Referenciação</i> | 96 |
| 4.7 FATOR LINGÜÍSTICO | 98 |
| 4.7.1 <i>Função Sintática da forma de tratamento</i> | 98 |
| 4.8 FATORES SOCIAIS | 103 |
| 4.8.1 <i>Escolaridade</i> | 103 |
| 4.8.2 <i>Gênero</i> | 106 |
| 4.8.3 <i>Faixa Etária</i> | 108 |
| 4.9 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTERCAMBIALIDADE DE PRONOMES EM SANTOS | 110 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 114 |
| BIBLIOGRAFIA | 121 |
| ANEXO | 129 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1: Quantificação Geral dos pronomes de tratamento no Universo Vocabular do corpus em análise..... | 81 |
| Tabela 2: Freqüência, valores absolutos, das formas de tratamento em Santos..... | 82 |
| Tabela 3: Freqüência e valores absolutos do uso das formas de tratamento segundo a faixa etária..... | 84 |
| Tabela 4: Freqüência e valores absolutos do uso das formas de tratamento segundo a escolaridade..... | 84 |
| Tabela 5: Freqüência e valores absolutos do uso das formas de tratamento segundo a função..... | 85 |
| Tabela 6: Freqüência e valores absolutos do uso das formas de tratamento segundo a Referência Direta ao interlocutor..... | 86 |
| Tabela 7: Freqüência e valores absolutos do uso das formas de tratamento segundo a expressividade..... | 87 |
| Tabela 8: Freqüência e valores absolutos do uso das formas de tratamento segundo o monitoramento..... | 88 |
| Tabela 9 : Freqüência e peso relativo da forma <i>tu</i> e <i>you</i> em função do fator monitoramento..... | 89 |
| Tabela 10: Cruzamento: freqüência de uso das formas <i>tu</i> e <i>you</i> em função do fator monitoramento e do gênero..... | 91 |
| Tabela 11: Cruzamento: freqüência de uso da forma <i>tu</i> em função do fator monitoramento e da faixa etária..... | 92 |
| Tabela 12: Freqüência e peso relativo da forma <i>tu</i> em função do fator expressividade..... | 93 |
| Tabela 13: Freqüência e pesos relativos dos usos de <i>tu</i> e <i>you</i> em função da expressividade..... | 94 |
| Tabela 14: Cruzamento: freqüência de uso da forma <i>tu</i> em função do fator expressividade e monitoramento..... | 95 |
| Tabela 15: Freqüência e peso relativo do uso de <i>tu</i> em função da referenciação..... | 96 |
| Tabela 16: Freqüência e pesos relativos do uso de <i>tu</i> e <i>you</i> em função da referenciação..... | 97 |
| Tabela 17: Cruzamento: freqüência de uso da forma <i>tu</i> em função do fator expressividade da referenciação..... | 97 |
| Tabela 18: Freqüência e peso relativo do uso das formas <i>tu</i> e <i>you</i> quanto à função sintática..... | 99 |
| Tabela 19: Cruzamento: freqüência de uso da forma <i>tu</i> em função dos fatores função sintática e expressividade..... | 101 |
| Tabela 20: Cruzamento: freqüência de uso da forma <i>tu</i> em função do fator Função Sintática e Monitoramento..... | 102 |
| Tabela 21: Freqüência e peso relativo de uso da forma <i>tu</i> em função do fator escolaridade..... | 103 |
| Tabela 22: Cruzamento: freqüência de uso da forma <i>tu</i> em função do fator Escolaridade e monitoramento do falante..... | 105 |
| Tabela 23: Cruzamento: freqüência de uso da forma <i>tu</i> em função do fator Escolaridade e gênero do falante..... | 105 |

| | |
|---|-----|
| Tabela 24: Cruzamento: frequência de uso da forma <i>tu</i> em função do fator gênero e faixa etária do falante..... | 107 |
| Tabela 25: Frequência e peso relativo de uso da forma <i>tu</i> em função do fator escolaridade..... | 108 |
| Tabela 26: Cruzamento: frequência de uso da forma <i>tu</i> em função do fator gênero e expressividade do ato comunicacional..... | 109 |
| Tabela 27: Configuração do contexto conversacional e lingüístico favorável ao uso de <i>tu</i> | 115 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1. Censo Demográfico de 2000 (Santos)..... | 35 |
| Quadro 2: Relação entre níveis e estratégias discursivas..... | 46 |
| Quadro 3 . Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 01..... | 65 |
| Quadro 4 . Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 02..... | 65 |
| Quadro 5 . Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 03..... | 65 |
| Quadro 6 . Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 04..... | 66 |
| Quadro 7 . Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 05..... | 66 |
| Quadro 8 . Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 06..... | 66 |
| Quadro 9 . Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 07..... | 66 |
| Quadro 10. Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 08..... | 67 |
| Quadro 11. Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 09..... | 67 |
| Quadro 12 . Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 10..... | 67 |
| Quadro 13 . Informações sobre o Inquérito Secreto 01..... | 68 |
| Quadro 14 . Informações sobre o Inquérito Secreto 02..... | 68 |
| Quadro 15 . Informações sobre o Inquérito Secreto 03..... | 69 |
| Quadro 16 . Informações sobre o Inquérito Secreto 04..... | 69 |
| Quadro 17 . Informações sobre o Inquérito Secreto 05..... | 69 |
| Quadro 18 . Informações sobre o Inquérito Secreto 06..... | 70 |
| Quadro 19. Informações sobre o Inquérito Secreto 07..... | 70 |
| Quadro 20 . Informações sobre o Inquérito Secreto 08..... | 70 |
| Quadro 21 . Informações sobre o Inquérito Secreto 09..... | 71 |
| Quadro 22 . Informações sobre o Inquérito Secreto 10..... | 71 |
| Quadro 23: Diferenças semântico-pragmáticas entre você e <i>tu</i> (MODESTO:2004)..... | 104 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura.1. Visão geográfica da cidade de Santos..... | 33 |
| Figura 2. Escolaridade por milhares em Santos..... | 35 |
| Figura 3. População Residente em Santos..... | 36 |
| Figura 4. População total..... | 36 |
| Figura 5. Um modelo de interação verbal..... | 43 |

| | |
|---|----|
| Figura 6. Conhecimento Mútuo de Falante e Ouvinte | 43 |
| Figura 7. A Organização Top Down do Discurso..... | 45 |
| Figura 8. Representação dos componentes da Gramática Funcional do Discurso..... | 45 |
| Figura 9: Frequência absoluta das formas de tratamento | 83 |

INTRODUÇÃO

Nosso objetivo neste trabalho é descrever e analisar a alternância das formas de tratamento *tu* e *você* na cidade de Santos, litoral do Estado de São Paulo. Sendo um estudo sincrônico e baseado em análises quantitativas de dados lingüísticos, levantamos algumas hipóteses de fatores que possam, em situações interativas informais, levar os falantes a fazerem a escolha entre uma das duas formas disponíveis,

É comum também a afirmação de lingüistas e estudiosos, por vezes categórica, de que o pronome *tu* está desaparecendo ou já desapareceu do falar brasileiro, ficando restrito às regiões Sul e Norte do Brasil. O levantamento bibliográfico aqui apresentado, somado aos resultados desta pesquisa, permite-nos afirmar que a forma *tu* ainda persiste no uso corrente de muitas regiões brasileiras, muitas vezes suplantando em números o uso da forma *você*.

Por isso, as hipóteses levantadas para a orientação deste trabalho foram:

a) os falantes santistas tendem a usar a forma *tu* em situações informais, sendo que o uso deste supera quantitativamente o uso da forma *você*;

b) a alternância das formas de tratamento não seria um caso de variação aleatória, mas sim condicionada por fatores lingüísticos, discursivo-pragmáticos e sociais; a correlação entre as formas de tratamento *tu* e *você* está ligada à configuração do contexto conversacional. O contexto conversacional envolve o propósito do evento da fala, os falantes e o contexto discursivo como um todo;

c) o uso da forma *tu* é desencadeado por situações de [+ envolvimento], [- monitoramento] e [+ expressividade];

d) o uso de *você* é desencadeado por situações de [- envolvimento], [+monitoramento] e [- expressividade]

e) a forma objetiva do pronome *tu* (*te*) é a mais produtiva no falar da região.

f) a alternância entre as formas *você* e *tu* na Baixada não depende exclusivamente da noção de papéis sociais e *status* social dos interlocutores;

f) as formas *tu* e *você* apresentam linha tênue entre um uso e outro. As duas formas podem estar estáveis, numa relação de contemporização, pela sua subsistência ou co-existência; ou pode ser que esteja ocorrendo uma mudança em progresso.

Nosso trabalho divide-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo apresentamos um breve histórico das formas de tratamento, e arrolamos alguns estudos sobre as formas de tratamento, evidenciando diversos aspectos quanto ao uso delas.

No segundo capítulo trazemos informações sobre a cidade de Santos, sua contextualização histórica e sócio-cultural no cenário brasileiro, além de fornecermos alguns dados sobre os índices populacionais da cidade.

No terceiro capítulo apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam esta pesquisa, baseados nas idéias funcionalistas apresentadas em HALLIDAY(1974,1975,1976), DIK (1986 e 1989), e HENGEVELD (2000); e na metodologia apresentada por LABOV (1972,1983). Apresentamos também neste capítulo o *corpus* utilizado para a análise.

O quarto capítulo corresponde à parte nuclear da dissertação e apresenta a descrição e análise dos dados e a interpretação dos resultados de cálculos estatísticos. Com base nos resultados de cálculos de freqüência e probabilidade apresentados pelo programa GOLDVARB, fazemos considerações acerca de fatores lingüísticos, pragmático-discursivos e sociais que influenciam na alternância das formas *tu* e *você* na fala dos santistas. Nas considerações finais apresentamos os resultados mais relevantes encontrados na pesquisa.

Por fim, nosso objetivo é contribuir para o estudo das formas de tratamento no Português Brasileiro, e na variedade santista em particular. Este estudo evidencia que, ao contrário do que apregoam lingüistas e gramáticos, a forma *tu* continua viva e atuante em algumas variedades do português brasileiro.

1. Formas de tratamento do interlocutor: aspectos histórico-sociais

1.1. Breve histórico das formas de tratamento

Faremos aqui uma abordagem histórica das formas de tratamento e como estas foram – e são – tradicionalmente tratadas pela lingüística de uma forma geral. É importante revermos esse panorama histórico do tratamento para que haja uma maior compreensão acerca das formas que serão estudadas nesse trabalho.

A história das formas de tratamento liga-se à história do próprio homem. Em tempos remotos, quando as sociedades eram altamente hierarquizadas, estáticas, com suas classes sociais bem delimitadas e estabelecidas, era natural que as relações de *poder* fossem marcadas por formas de tratamento específicas a cada classe social.

BROWN & GILMAN (1960) sugerem um percurso histórico das formas de tratamento para explicar as relações que sempre existiram entre elas e as estruturas sociais.

Segundo os autores, “a historical study of the pronouns of address reveals a set of semantic and social psychological correspondences”(p.264).

As relações que se estabeleciam nas sociedades feudais, por exemplo, em que o poder era hereditário, e não havia (de maneira geral) ascensão de classe social, demandavam formas reverenciais que marcassem bem o *status* de cada membro do grupo social. A Igreja exerceu um papel fundamental para o estabelecimento dessas hierarquias, pois ensinava que cada homem já nascia com seu lugar pré-estabelecido por Deus, e deveria conformar-se com ele.

No italiano, a forma *lei* (que substitui o *voi*) provém da abreviação de *la vostra Signoria*. Em Espanhol, a forma de reverência *usted* provém de *vuestra merced*.

Na França, as relações de poder não-recíprocas foram dominantes até a Revolução, quando o “Comitê pela Segurança Pública” condenou o uso da forma *vous* para se referir apenas a uma pessoa, associando esse uso a resquílios do

regime feudal. Brown & Gilman (1960:23) citam uma passagem em que num discurso no parlamento francês em 31 de outubro de 1793, Malbec dizia:

“Nous distinguons trois personnes pour le singulier et trois pour le pluriel, et au mépris de cette règle, l'esprit de fanatisme, d'orgueil et de féodalité, nous a fait contracter l'habitude de nous servir de la seconde personne du pluriel lorsque nous parlons à un seul”¹

Durante algum tempo, o espírito de reciprocidade permaneceu vivo entre os franceses, porém, mais tarde, manifestaram-se novamente as relações de poder.

Na Inglaterra, antes da Conquista Normanda, *ye* era a segunda pessoa do plural e *thou* o singular. A forma *You*, originalmente, era o acusativo de *ye*, mas com o tempo se tornou o nominativo plural e finalmente prevaleceu sobre o *thou*, passando a ser usado no também no singular. Segundo Brown & Gilman, “the first uses of *ye* as a reverential singular occur in the thirteenth century, and seem to have been copied from the French nobility” (p.265).

Não há pronomes de tratamento em japonês (senhor, vossa senhoria, etc), mas os sufixos compensam essa falta. "San" usa-se junto com nomes próprios, pronomes pessoais ou substantivos referentes ao ser humano. Em japonês, a ordem do tratamento é sobrenome - nome (Himura Kenshin) e geralmente utiliza-se o "san" com o sobrenome.

"Sama" também é usado da mesma forma que "san", mas simboliza um requinte exagerado, ou uma tendência de endear alguém. Tem caído em desuso. Ex: Aoshi-sama.

"Chan" é usado em casos de muita intimidade ou com alguém com quem se tenha convivido na infância. Muito usado com crianças ou ainda mulheres. Exprime afeto e amizade. Ex: Misao-chan.

Elenco abaixo os sufixos do japonês mais comuns e seus respectivos usos.

- a) **-chan** é usado para crianças pequenas e para demonstrar intimidade.
- b) **-kun** é usado para subordinados, calouros ou pessoas com menos prestígio ou status. (As crianças tratam-se freqüentemente um ao outro por -chan, e os amigos adolescentes tratam-se freqüentemente um ao outro por -kun.

¹ BROWN&GILMAN(1960) não dão referências completas a esta passagem.

Animais são tratados como -kun, a menos que eles sejam animais de estimação, neste caso, a pessoa usaria -chan ou, ainda mais intimamente, sem nenhum sufixo).

- c) -san** é usado entre iguais. (Depois de um certo nível de maturidade, as crianças trocam -kun por -san).
- d) -dono** é usado para um superior imediato ou chefe. (Também é um grau militar específico).
- e) -sempai** é usado quando nos referimos a uma pessoa de nível social mais alto.
- f) -sama** é reservado para pessoas a quem se quer fazer uma distinção honrosa ou a uma pessoa de posição ou status social muito alto. (Também é apropriado usar -sama em um momento de alta emoção ao se referir a alguém que você amou, respeitou ou admirou muito).
- g) -sensei** é reservado para professores (mestres) e doutores.

A falta do sufixo implica tal familiaridade e intimidade que tais distinções ficam sem sentido. A explicação típica para a ausência de um sufixo é que as duas pessoas foram, durante toda a vida, os melhores amigos ou são extremamente íntimos e compartilham um grande amor. Cônjuges, entretanto, chamam-se freqüentemente um ao outro através de seus nomes de família, em lugar do nome pessoal.²

As formas de tratamento em Língua Portuguesa há muito são objetos de estudos das mais diversas naturezas. Alguns estudos privilegiam o aspecto diacrônico, como SANTOS LUZ (1956) e CLÁUDIO BASTO (1931). Segundo RAMOS (2001), uma limitação desses trabalhos é oferecer informações de caráter geral, sem preocupação com diferenças regionais nem estabelecimento de uma cronologia coerente.

Alguns estudos apresentam uma visão diacrônica sintetizada e logo passam à tentativa de sistematizar o uso das formas de tratamento através de metodologias diversas, buscando informações através do levantamento de dados. O problema central desses trabalhos está na falta de sistematização dos dados coletados, o que resulta em afirmações nem sempre confiáveis. Entre esses está o estudo comparativo de WILHELM(1979), sobre o qual RAMOS(2001) faz uma crítica severa,

² Informações obtidas em: <http://www.stetnet.com.br/orientese/> e <http://www.sonoo.com.br/index.html>

dizendo que o pesquisador traça um quadro das formas de tratamento em que não são suficientemente distinguidos os tipos de situações, nem espaços geográficos nem tampouco variação estilística, resultando, segundo suas palavras, em um panorama caótico.

O próprio Wilhelm explicita as falhas de seu trabalho, conforme podemos ler:

“O inquérito não permite afirmações, nem representativas nem geralmente válidas, em relação aos pronomes de distância utilizados pelos portugueses, na sua pátria e na Alemanha³, e referentes aos brasileiros no seu país, por causa do número relativamente restrito de questionários que deram entrada...”
(p.165).

De qualquer forma, ressalta que as diferentes formas de tratamento presentes na Língua Portuguesa estão intimamente ligadas ao fato cultural em que estão inseridas. SOTO (1997) afirma que há, nas formas de tratamento de 2ª pessoa, um caráter eminentemente dêitico, que aponta sempre para fora, para a situação social em que o processo comunicativo se realiza. Ela alerta, porém, que o mesmo processo comunicativo pode se realizar de maneiras diferentes dentro da estrutura lingüística de línguas diferentes.

Ainda segundo Soto, no português – assim como na maioria das línguas ocidentais – quando nos referimos a tratamento, entendemos como tratamento respeitoso que se manifesta nas formas de tratamento nominal, nos pronomes de 2ª pessoa e/ou nas desinências de pessoa ou no modo verbal.

Ressaltamos que, diferente de Soto, entendemos que há outras conotações para a palavra “tratamento” – que nem sempre pode ser considerado respeitoso. Há situações em que o uso de determinado tratamento pode indicar uma grande falta de respeito para com o interlocutor, principalmente na língua portuguesa.

³ Wilhelm se refere a portugueses que moravam na Alemanha, e que também participaram respondendo aos seus questionários.

1.2 Buscando o conceito de “formas de tratamento”

Ao buscar nas gramáticas tradicionais o conceito das *formas de tratamento do interlocutor*, verificamos que elas não apresentam estudos relevantes sobre o tema, tampouco informações teóricas precisas. Geralmente apresentam uma breve definição e passam a listar as formas conhecidas – acompanhadas, quando muito, de rápidas explicações sobre diferenças e usos.

CUNHA&CINTRA (1985) definem pronomes de tratamento como “certas palavras e expressões que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como *você*, o *senhor*, *Vossa Excelência*” (p.282). Após a curta definição, os gramáticos explicam que, apesar de se referirem à pessoa a quem se fala – segunda pessoa – esses pronomes “levam” o verbo para a terceira pessoa.

BECHARA (2004:165) classifica o que chama de “formas substantivas de tratamento indireto de 2ª pessoa” da seguinte maneira:

- *você*, *vocês*(no tratamento familiar)
- o *senhor*, a *senhora* (no tratamento cerimonioso)

A única observação que Bechara faz acerca da forma *você* é que esta é usada familiarmente, sendo uma redução de *Vossa Mercê*.

Assim, não vemos nas gramáticas tradicionais fontes seguras de conceituação das formas de tratamento, pois estas gramáticas se restringem à explicitação do quadro tradicional dos pronomes de tratamento, que não refletem o atual sistema tratamental presente na variedade brasileira do português.

Existem estudos mais aprofundados e sistematizados sobre o tema, desenvolvidos por pesquisadores em diversos pontos do país, alguns dos quais mostraremos a seguir.

WILHELM (1979:09) entende que as formas de tratamento são pronomes com os quais se exprime distância entre os interlocutores. SOARES (1980) amplia o conceito e afirma que

“o estudo das formas de tratamento não deve se restringir apenas ao estudo dos pronomes pessoais usados para o endereçamento à segunda pessoa em posição de sujeito. Toda abordagem deveria entender que tais formas cobrem

qualquer indicação à segunda pessoa para defini-la como participante do processo de comunicação” (p.87).

SILVA (2003a) acertadamente também define as formas de tratamento como qualquer indicação à segunda pessoa:

“... entendemos por formas de tratamento palavras ou sintagmas que o usuário da língua emprega para se dirigir e/ou se referir a outra pessoa” (p.170).

Dessa forma, consideramos como formas de tratamento qualquer tipo de expressão lingüística que se destina a marcar referência à segunda pessoa do discurso, marcando distância ou relações estabelecidas entre os interlocutores no ato comunicativo.

Silva estabelece quatro níveis para essas formas de tratamento: *formas pronominalizadas*, *formas nominais*, *formas vocativas* e *formas referenciais*. Segundo Silva, as *formas pronominalizadas* recebem o sentido que atribuem Cunha & Cintra aos *pronomes de tratamento* e ao que NEVES (2000: 449) se refere como *pronomes pessoais*.

Consultando NEVES (2000:457), verificamos que a autora faz uma abordagem teoricamente consistente e rica das funções que os pronomes pessoais desempenham no ato comunicativo durante a interação verbal. Diz a autora:

“Uma das funções básicas dos *pronomes pessoais* é a de constituir expressões referenciais que representam, na estrutura formal dos enunciados, os interlocutores que se alternam na enunciação:

- a) *primeira pessoa*: aquela de quem parte o discurso, e que só aparece no enunciado quando o locutor faz referência a si mesmo (*auto-referência*);
- b) *segunda pessoa*: aquela a quem se dirige o discurso, e que só aparece no enunciado quando o locutor se dirige a ela;
- c) *terceira pessoa*: aquela sobre a qual é o discurso.

Isso implica que há dois eixos envolvidos:

- a) um eixo subjetivo, que abriga as pessoas implicadas na *interação verbal*, isto é, as pessoas que têm papel discursivo, e que são *locutor* (a *primeira* pessoa) e o *alocutário*, ou receptor (a *segunda* pessoa);
- b) um eixo não subjetivo, que abriga as pessoas ou coisas não implicadas na *interação verbal*, que são as entidades a que se faz referência na fala (a *terceira* pessoa, também chamada de *não-pessoa*).

A pesquisadora afirma que “o emprego de *você* é muito mais difundido do que o emprego de *tu*, para referência ao interlocutor” (p.458).

Baseando-se nessas afirmações, Silva acertadamente coloca no nível das formas pronominalizadas as expressões *você*, *o senhor* e *a senhora*, “quando usados no âmbito do eixo subjetivo”. Acrescentamos a esse nível a forma de segunda pessoa *tu*, por também fazer referência ao alocutário na interação verbal no âmbito subjetivo.

As *formas nominais* são constituídas por nomes próprios e sintagmas que representam funções desempenhadas na sociedade (como professor, doutor, etc.).

São sempre empregados no âmbito subjetivo, indicando a pessoa com que se fala. Silva dá notícia de que no Português Europeu é comum o uso de formas nominais do tipo “*O pai* quer sair?” onde a forma “*O pai*” pode ser substituído por *você* ou *o senhor*. Silva afirma que no Brasil os falantes não se utilizam dessa estratégia tratamental, mas acreditamos que tal consideração é muito categórica, não se baseando em elementos de fala real.

As *formas vocativas* são constituídas por palavras que exercem função do que conhecemos por vocativo, ou seja, de designação ou chamada da pessoa a quem se deseja direcionar o ato de fala. Geralmente vem acompanhado de pronomes pessoais, como em “*Pai*, *você* vai ao trabalho hoje?”.

O quarto e último nível está nas *outras formas referenciais* que são usadas para se referir à pessoa *de quem* se fala, ficando então no eixo não-subjetivo. É o caso de quando em uma conversa entre irmãos, um deles pergunta: “*O pai* já ligou para nós hoje?” ou “*A mãe* vai ao supermercado hoje?”

Essa classificação em níveis se reveste de grande importância quando analisamos as formas de tratamento do ponto de vista de suas funções no discurso, cientes de que cada situação comunicativa implica um uso diferente dessas formas.

Nosso trabalho está centrado nas formas de tratamento do primeiro nível, as formas pronominalizadas. São elas *você* (e sua variante *cê*) e *tu*.

1.3 As formas de tratamento como reflexo da organização social: uso e papéis sociais

O uso das formas de tratamento sempre esteve ligado aos papéis sociais que os falantes desempenham na sociedade de uma maneira geral, e na interação verbal de que participam, mais especificamente. Esse entendimento nos é importante para este estudo, pois no caso específico de nosso objeto de estudo, uma de nossas hipóteses é de que os papéis sociais e principalmente o *status* social do interlocutor parecem não exercer o mesmo grau de influência na escolha das formas *tu* e *você*, pois estas ocorrem entre iguais lingüísticos.

Em primeiro lugar, as formas de tratamento só aparecem quando ocorre a *interação* entre interlocutores. Entendemos interação no sentido de PRETI (2002):

“O conceito de interação pode ser entendido em sociedade sob o ponto de vista da reciprocidade do comportamento das pessoas, quando em presença uma das outras, numa escala que vai da cooperação ao conflito. De uma maneira geral, pode-se partir de uma simples co-presença em que dois indivíduos se cruzam na rua e que, mesmo sem se conhecerem, se observam, guardam distância e desviam-se para não se chocarem, o que já demonstra uma ação conjunta e socialmente planejada, até a interação com um único foco de atenção visual e cognitiva, como a conversação, em que os falantes por um momento se concentram um no outro e se ligam, não só pelos conhecimentos que partilham, mas também por outros fatores socioculturais, expressos na maneira como produzem o seu discurso e conduzem o diálogo”(p. 45).

Assim, podemos dizer que em quase todas as ações do homem enquanto ser social está presente a interação, chave para a efetivação da cultura e do desenvolvimento humano. Há interação em todas as atividades do homem: nas relações familiares, profissionais, em encontros randômicos, etc.

É em algumas dessas interações, portanto, que as formas de tratamento são utilizadas, para o falante se dirigir ao interlocutor desejado. Apesar de existirem tantas opções possíveis, as formas de tratamento não são escolhidas aleatoriamente, mas seu emprego depende de uma combinação de fatores que vão determinar a utilização dos termos adequados para cada situação.

Esses fatores condicionadores, porém, não são estáticos, podendo variar de sociedade para sociedade, de região para região, de situação para situação, entre outros.

Geralmente, a sociedade determina uma série de normas comportamentais que regulam as interações entre os seus membros, classificando seus comportamentos como adequados ou inadequados.

“O aspecto mais importante da interação social é que ela modifica o comportamento dos indivíduos envolvidos, como resultado do contato e da comunicação que se estabelecem entre eles” (OLIVEIRA,2004:28).

Os padrões de comportamento estão ligados e ordenados no *sistema social*. Há regras de conduta porque o homem crê na legitimidade delas e promove sua observância. A quebra das regras de conduta acarreta uma desestabilização do que o homem considera normal, regrado, natural. A manutenção das regras, então, é inerente ao próprio homem e delas depende a organização dos grupos sociais.

Conforme OLIVEIRA (2004:72), “a sociedade estipula o que é desejável e o que é proibido, o que é bonito e o que é feio, o que é certo e o que é errado. Assim, na vida em sociedade, as idéias, opiniões, os fatos, os objetivos não são avaliados isoladamente, mas dentro de um contexto social que lhes atribui um significado, um valor e uma qualidade determinados”.

Assim, segundo SILVA (2003a), “o uso das formas de tratamento é a expressão lingüística que vigora em um determinado meio social. O emprego do

tratamento não depende propriamente do sistema lingüístico, mas da forma como a sociedade está organizada” (p. 174)⁴.

É dessa forma que se explicam, por exemplo, as diferenças contextuais de uso das formas *você* e *senhor*, estando a escolha entre essas duas formas ligada a questões de poder e solidariedade, respeito às convenções, etc.

Dessa maneira, as formas de tratamento são, segundo esse ponto de vista, usadas de acordo com a organização da sociedade e das regras de conduta estabelecidas pelos seus membros. A organização da sociedade pressupõe o estabelecimento de *papéis* que seus membros representam dentro de sua estrutura.

Segundo PRETI (2000), “ o conceito sociológico de *papel* está intimamente ligado ao de *status* e ambos se referem à participação do homem no *grupo social*” (p. 85).

Assim, *status* é a posição do indivíduo no grupo social ou na sociedade e o *papel* representa a dinâmica desse *status*. O *papel social* pode ser entendido, assim, como uma série de expectativas associadas em torno de uma *função*, como por exemplo, o papel de mãe, de professor, de médico, etc. Cada um desses papéis é carregado de expectativas; espera-se comportamentos pré-determinados de quem exerce esses papéis. O *status* social implica direitos, deveres, manifestações de prestígio e até privilégios, conforme o valor social conferido a cada posição (OLIVEIRA,2004:79).

“O papel traduz, como vemos, o caráter funcional do homem na sociedade. É a forma de ele estabelecer sua correlação vital com outras pessoas(...) Vemos, pois, que *status* e *papel* fazem parte da própria organização do grupo social, e exercê-los depende não apenas de nosso desejo de fazê-lo, mas também da imagem que projetamos para os outros e de seu reconhecimento por parte deles” (PRETI,2003:86-87).

Segundo OLIVEIRA (2004), papéis sociais são os comportamentos que o grupo social espera de qualquer pessoa que ocupe determinado *status* social.

⁴ Consideramos essa afirmação com reservas, pois entendemos que há fatores de natureza pragmático-discursivas envolvidos no contexto da conversação que também exercem influência na escolha das formas de tratamento, conforme veremos adiante.

Um estudo sobre as formas de tratamento que já se tornou um clássico é o trabalho pioneiro de BROWN&GILMAN (1960), *The pronouns of power and solidarity*, em que tratam das inter-relações entre a estrutura lingüística e as estruturas sociais, polarizando as relações de poder e solidariedade que se estabelecem entre os interlocutores.

Considerando a semântica de poder (*power semantic*) e a semântica de solidariedade (*solidarity semantic*) sob uma perspectiva histórica, os pesquisadores discutem os usos dos pronomes de tratamento relacionando-os intimamente à hierarquia social, e às relações que se estabelecem entre as classes sociais, como no caso de *tu* e de *vous* em Francês.

Brown & Gilman afirmam que as relações entre o comportamento lingüístico e os conceitos sociais estabelecidos no grupo em que estão inseridos os falantes são determinados e que as regras que ditam o uso de cada forma é resultado das relações sociais existentes entre eles.

Estabelecendo a notação *T* para os pronomes que designam aproximação, familiaridade e *V* para os que designam polidez, distanciamento, assim definem a *Semântica do Poder*:

“One person may be said to have power over another in the degree that he is able to control the behavior of the other. Power is a relationship between at least two persons, and it is nonreciprocal in the sense that both cannot have power in the same area of behavior. The power semantic is similarly nonreciprocal; the superior says T and receives V.” (p.255).

Desta forma, continuam demonstrando que as relações entre superior e inferior podem ser estabelecidas de diversas maneiras, como pela força física, pelo poder, pela riqueza, pela idade, sexo, etc. Entre as causas apontadas pelos autores para que a forma reverencial *V* fosse usada como símbolo de poder na escala social, a principal é que essa forma sempre foi introduzida nas sociedades através das classes que representavam o topo da pirâmide social.

No Império Romano, por exemplo, somente os nobres possuíam acesso ao imperador, e nessas ocasiões, dirigiam-se ao soberano através da forma *V* no

singular. Com o passar do tempo, outras cortes da Europa passaram, por imitação de nobreza e demonstração de classe e poder, a utilizar essa forma.

“In later centuries Europeans became very conscious of the extensive use of V as a mark of elegance. In the drama of seventeenth-century France the nobility and bourgeoisie almost always address one another as V. This is true even of husband and wife, of lovers, and of parent and child if child is adult. (...) Servants and peasantry, however, regularly used T among themselves” (p.257).

Assim, mais tarde, a forma *V* passa a ser usada largamente para indicar elegância, nobreza, mesmo entre pessoas de poderes equivalentes. Conforme lemos acima, entretanto, os servos e súditos utilizam entre si a forma *T*, própria da dimensão de *solidariedade*.

A *dimensão de solidariedade* entre os falantes está ligada a relações simétricas e recíprocas, sendo provável, segundo os autores, no tratamento entre irmãos e nas relações em que os falantes possuam disposições comportamentais similares.

Nas relações de poder, portanto, se estabelecem as relações assimétricas, gerenciadas pelo nível hierárquico (relação Pai/Filho, Professor/Aluno, Patrão/Empregado). Já nas relações de solidariedade, há relações simétricas, de igual para igual (Irmão/Irmão, Amigo/Amigo).

Na visão dos autores, a dimensão de solidariedade pode ser estendida a todas as pessoas numa interação verbal. Há a possibilidade, por exemplo, de superiores serem solidários (como os pais para com os filhos) ou não solidários (como os oficiais patenteados com seus subordinados).

Após a Segunda Guerra Mundial, houve uma grande mudança nas estruturas sociais, possibilitando novas aberturas nas relações hierárquicas. Há uma grande pressão da solidariedade sobre o poder, e os grupos fechados e altamente hierarquizados do passado transformaram-se em grupos mais abertos, cuja hierarquia torna-se mais complexa. A mobilidade social agora se tornou uma constante, ficando, portanto, difícil estabelecer noções fixas sobre as dimensões de poder e solidariedade.

RAMOS (2001) faz um profundo estudo sobre as formas de tratamento no português brasileiro atual, procurando fundamentar-se em estudos já empreendidos sobre o tema, e em dados provenientes de uma análise quantitativa numa situação específica entre testes de atitudes de pai e filho em Belo Horizonte, além de questionários.

A autora acredita que, a partir dos anos setenta deste século, as formas *você* e *senhor* passaram a concorrer num mesmo contexto. Ela atribui essa variação ao fator predominantemente familiar, visto que a mudança se deu tendo como referente a figura paterna. Essa mudança só teria sido possível quando, no contexto familiar, a idade deixou de representar poder, fazendo com que a interação entre pai e filho fosse resultado de uma relação de igual para igual, tornando possível o uso da forma *você* . Ainda sobre esse aspecto PRETI argumenta:

“ É preciso pensar, por exemplo, que nas relações entre *status* , não se passa, de repente, de um tratamento mais formalizado como o *senhor* para *você* (e muito menos para *tu*), sem marcar a mudança de papéis sociais. A todo momento, vemos o embaraço que sentimos, dialogando com uma pessoa de *status* superior ao nosso, ao passarmos de um tratamento que indica autoridade e poder (como o *senhor*) para outro de intimidade e solidariedade (como *você*) que inclui o interlocutor em nosso grupo social, ainda que haja estímulo na *situação de comunicação* , para que tal ocorra” (PRETI,2000:92).

Não há como dissociar, historicamente, o uso das formas de tratamento do sistema social em que estão inseridos os interlocutores. Como vimos, o *status* é consideravelmente relevante no momento de se usar a forma apropriada. O que acontece, entretanto, é que ocorrem hesitações e dúvidas em algumas interações, como lemos no relato de Preti.

Aceitamos, assim, que a hierarquia social, a divisão de classes, as relações entre os membros representantes de uma sociedade são fatores altamente estimulantes na escolha do termo adequado para o tratamento, mas não são únicos.

Não podemos limitar-nos apenas a esses argumentos, pois em línguas como o Português Brasileiro, o sistema de tratamento sempre chamou a atenção de estudiosos e apresenta nuances que transcendem as dimensões de poder e

solidariedade propostas por Brown & Gilman. Notamos que há, no trabalho minucioso dos autores, uma visão sutilmente normativa que projeta uma visão de comportamento humano condicionado por fatores apenas histórico-sociais.

Não acreditamos, porém, que as pessoas tendem a aplicar regras de tratamento baseadas apenas em relações de poder e solidariedade. Outros fatores podem contribuir para que os falantes escolham a forma apropriada para cada ocasião.

Assim, podemos concluir que historicamente os estudos sobre as formas de tratamento sempre estiveram ligados às questões exclusivamente sociais, ligadas à hierarquia social, e às relações de poder e solidariedade.

Neste trabalho, procuramos indícios de que os falantes tendem a *interpretar* as atitudes de cada interlocutor na interação verbal e *avaliar* a situação, estabelecendo conceitos imediatos para aplicação em cada evento de fala.

1.4 O quadro pronominal e as formas de tratamento no Brasil: estudos realizados

Entre os estudos realizados sobre as formas de tratamento, convém retomar também aqueles que tratam do sistema pronominal brasileiro e sobre as mudanças que nele estão ocorrendo, pois estes também tratam de aspectos sócio-pragmáticos nas análises realizadas, e nos interessam diretamente para nos fornecer subsídios ao estudo sobre as formas de tratamento em Santos.

Após considerações sobre estes estudos, apresentamos a síntese de alguns trabalhos sobre a variação das formas de tratamento e referência à segunda pessoa (a alternância *tu/você*), sobre a concordância verbal com o pronome *tu*, e, de uma forma geral, sobre formas de tratamento usadas no português do Brasil.

1.4.1 Estudos realizados sobre o quadro pronominal do Português Brasileiro

Diversos estudiosos já tiveram a preocupação de estudar o quadro pronominal do português brasileiro. Apresentaremos abaixo alguns trabalhos significativos, dividindo-os segundo suas especificidades.

a) *Abordagem formal - estruturalista*

CÂMARA (1983) traça uma visão estruturalista sobre os pronomes pessoais. Segundo ele, os pronomes se caracterizam pela noção gramatical de pessoa e no que ela consiste.

A função básica dos pronomes, afirma, é indicar a noção de pessoa. Explicita a noção de pessoa, sempre se remetendo ao evento comunicativo como uma estrutura, em que há um ou mais falantes (eu, nós), um ou mais ouvintes (*tu*, vós) e os seres que ficam fora do eixo falante – ouvinte (ele/ela/eles/elas).

O lingüista ainda explicita, citando o dialeto culto do Rio de Janeiro como exemplo, que se pode usar o verbo na terceira pessoa e marcar a posição do ouvinte, em relação ao falante, como acontece com as formas *você* e *senhor*.

O autor classifica a forma *você* como própria para o tratamento íntimo e o *senhor* para o tratamento mais cerimonioso. Uma última observação importante é que Mattoso afirma que na área do Rio de Janeiro e mesmo em algumas áreas de Portugal, a adoção de *você* como um tratamento de intimidade, num registro informal, introduz a forma *te* ao lado de *o*, *a* ou *lhe*, numa clara remodelação do sistema.

Essas informações nos foram importantes porque esse fenômeno de intercambialidade entre os pronomes também é verificado em Santos, e dele também nos ocuparemos nesta pesquisa.

b) *A abordagem gerativista*

DUARTE (1993) procura observar a evolução na expressão do sujeito pronominal no português do Brasil, buscando evidências que atestem ou não a relação entre a crescente preferência pelo sujeito pronominal pleno e a redução nos paradigmas flexionais.

Segundo ela, o português brasileiro passa por um processo de mudança na representação do sujeito pronominal referencial. Essa mudança pode ser relacionada à redução do paradigma flexional, que evoluiu de seis formas distintivas para um que exibe apenas três formas.

Ela afirma que perdemos, assim, o princípio *Evite Pronome*, que leva à não representação fonológica do sujeito sempre que sua plena identificação for possível.

Defende a hipótese de que com o emprego do pronome *você*, em lugar do pronome *tu*, deu-se a redução no quadro de desinências verbais. De um paradigma formado de seis pessoas distintas, passou-se a um paradigma de quatro formas: eu canto, *você/tu/ele* canta, nós cantamos, *vocês/eles* cantam.

Em Santos, o uso das formas *tu* e *você* ocorre categoricamente com verbos na terceira pessoa, corroborando a proposta de Duarte. Devemos fazer algumas ressalvas, no entanto, ao trabalho de Duarte. As conclusões apresentadas pela pesquisadora são muito generalizantes, pois não mencionam, mesmo em nota, que há regiões em que o paradigma pode ser outro.

c) A abordagem sociolingüística

MONTEIRO (1991,1994) descreve o sistema dos pronomes pessoais do português brasileiro levando em consideração diversos fatores como sexo, faixa etária, registro, entre outros, que poderiam explicar a alternância *tu/você*.

Constatou que há uma grande instabilidade no sistema pronominal, com gradual desaparecimento de algumas formas e aparecimento de outras. Segundo ele, "...o desequilíbrio do sistema pronominal é um fenômeno conjuntural, correlacionando-se em todos os aspectos com a evolução que se opera no esquema de conjugação verbal" (1994:153).

Um dos pontos mais importantes de suas considerações, para esta pesquisa, é o capítulo sobre reestruturação do sistema pronominal, em que ele afirma que o pronome *você* tende a substituir a referência à 2ª pessoa do discurso, em detrimento de *tu* no português brasileiro.

Segundo ele, "...o pronome *você* ocupa não só a lacuna deixada pelo *vós* mas ameaça a existência do *tu*, estabelecendo um molde nas relações de tratamento que se resume a duas opções formais: *você* e *senhor*."

Devemos considerar tais posicionamentos com cautela, pois, como percebemos em Santos e através de outras pesquisas empreendidas pelo país, a forma *tu* ainda continua viva no Português Brasileiro.

d) A abordagem Funcionalista

ILARI, FRANCHI & NEVES (1996:88) afirmam que a função típica dos pronomes é representar as pessoas do discurso, ou “constituir expressões referenciais que representam na estrutura formal dos enunciados os interlocutores responsáveis pela enunciação.” Expõem a função central que os pronomes assumem na interlocução, visto que essa classe transita entre várias funções.

Os autores apontam que na Norma Gramatical Brasileira, temos a seguinte divisão:

- pronomes pessoais (eu, tu, ele, nós, vós, eles, me, te, etc.), que são aqueles com capacidade de identificar de “forma pura” a pessoa gramatical – (1^a, 2^a, 3^a).
- possessivos e demonstrativos, que “evocam” a pessoa gramatical, mas há relação de posse ou propriedade e localização.
- indefinidos, que não permitem localizar a “pessoa gramatical pura”.

Concebem o pronome pessoal como parte nuclear de sua classe, pois é responsável por várias funções:

- Interacional → representa na sentença os papéis do discurso, remetendo à situação de fala.
- Textual → garante a continuidade do texto, remetendo aos mesmos argumentos já expressos na frase.
- Anafórica → Coindexação, ou anáfora ligada, que é a marcação da identidade ou diferença dos referentes de discurso no interior da frase.
- Ideacional → explicita a função temática do referente, através dos pronomes que possuem um resquício de declinação.

Sendo assim, argumentam que o pronome pessoal é, por natureza, um elemento fórico, determinação categorial da qual decorrem duas grandes funções de classe, uma interacional e outra textual.

A primeira função é a de representar na sentença os papéis do discurso (função dêitica ou exofórica). A segunda função é a de garantir a continuidade do texto, remetendo reiteradamente aos mesmos argumentos (função endofórica).

Quanto ao uso da forma *tu*, afirmam que: “exemplos retirados dos inquéritos mostram a sobrevivência do *tu*, concentrada na variedade regional de Porto Alegre, com um número de ocorrências pequeno em nosso *corpus*. (...) Trata-se de um uso fundamentalmente regional (...)” (p.91).

Ilari, Franchi & Neves acreditam que uma das possibilidades de análise do *tu* é a precisa delimitação da área geográfica em que ocorre o seu uso, levando em consideração fatores de tipo social como classe, idade, entre outros.

Ainda ressaltam que cabe estabelecer se tal ocorrência se trata de variação ou de mudança. Tendo esse texto grande relevância para a abordagem funcional que damos ao estudo das formas *tu* e *você* em Santos, voltaremos a ele em momento oportuno.

1.4.2 Síntese de trabalhos realizados sobre a variação das formas de tratamento

Elencamos, a título de notícia, algumas pesquisas empreendidas sobre as formas de tratamento em Português. Para a apresentação dos trabalhos, nós os dividiremos em três blocos, agrupando-os de acordo com suas especificidades.

a) Estudos que levam em consideração uma perspectiva pragmática, correlacionando mudanças nas relações sociais e valores sociais e o uso das formas de tratamento nas relações simétricas e assimétricas (baseados em textos escritos).

CINTRA (1967) estuda o sistema de tratamento no português priorizando uma descrição sincrônica, apesar de declarar que seu objetivo é uma explicação histórica.

O autor começa seu estudo observando as formas de tratamento que eram usadas em Portugal a partir da segunda metade do século XX, delimitando o campo de estudo ao tratamento direto, ou seja, o diálogo entre dois interlocutores na posição de sujeitos dos enunciados. Restringe a investigação aos falantes cultos e semicultos de Portugal. Usa como material de análise textos antigos portugueses, desde o século XIV até o século XX.

Propõe um esquema que abrange três tipos de tratamento com diferenças explícitas de valor:

- 1º) tratamentos pronominais
- 2º) tratamento nominais
- 3º) tratamentos verbais

Assim, coloca a forma *tu* como tratamento pronominal e a forma *você* como tratamento nominal. O autor estrutura o sistema de tratamento do português em três planos principais:

- 1ª) variedade de freqüência de empregos dos tratamentos de tipo nominal
- 2ª) diferenças entre formas próprias da intimidade e formas só utilizáveis no tratamento de igual para igual
- 3ª) formas de reverência ou cortesia

Quanto ao sistema atual (segunda metade do século XX), Cintra assegura que “a estrutura atual está longe de se nos apresentar algo de estabilizado, de estático”.

Ele considera que há algumas mudanças em marcha, e elenca algumas tendências que lhe pareciam mais vivas à época, como a progressiva expansão do emprego do pronome *tu* com verbo na segunda pessoa do singular, na direção de um tratamento igualitário, a progressiva ampliação do uso do pronome *você* para um tratamento mais íntimo que *tu*, e a progressiva eliminação de diferenças de tratamento correlacionadas com diferenciações sociais. O trabalho de 1986 é uma ampliação de seu artigo, oferecendo mais exemplos e mais algumas considerações.

WILHELM (1979) faz um estudo sobre os pronomes de distância usados em Portugal e no Brasil, entendendo por pronomes de distância aqueles com os quais se exprime uma distância, uma diferença, entre uma pessoa e o seu vizinho, ou, como caso especial, entre uma pessoa e ela própria.

O autor afirma que o trabalho trata os pronomes de distância empregados em situações de conversa. Para seu trabalho, entretanto, o estudioso usou questionários em que o informante respondia questões sobre o tratamento em diversas situações.

A crítica sobre o texto recai sobre algumas afirmações categóricas e subjetivas que o autor emite sobre as formas de tratamento. Traça, por exemplo, um quadro das formas de tratamento em que não são suficientemente distinguidos tipos de situação, nem espaços geográficos nem tampouco variação estilística.

O resultado é uma série de afirmações dispersas, com juízos de valor, como “a subsistência desta verdadeira miscelânea de formas”, ao se referir ao fenômeno em análise como miscelânea.

Tais conclusões não se coadunam com resultados de análises de natureza quantitativa e qualitativa, que tomam como objeto amostras homogêneas. Sua avaliação é que o item “você” é completamente estigmatizado em Portugal, e que no Brasil é usado “você” ou em certos estados do sul, nordeste e norte “tu”, em que a flexão do verbo regido pelo pronome de distância (...) pode variar quase livremente consoante o nível cultural, etc.. dos falantes” (p.188).

Analisando a correlação *tu/você* na Bahia, no século XIX, PITOMBO (1998) busca em textos literários publicados em jornais de Salvador e do Recôncavo baiano entre 1846 e 1852 os dados para sua pesquisa.

Quanto ao estilo, constata que as formas *tu* e *você* são usadas para tratamento íntimo – estilo informal –, reservando-se as formas *vós*, *Senhor* e *Vossa Mercê* para o estilo formal. Desta forma, decidiu analisar apenas dados provenientes do estilo informal.

Pitombo observa que mulheres, quando em conversas com outras mulheres, não usam com tanta freqüência a forma *tu*, que era a mais recorrente para tratamento íntimo na Bahia. A autora afirma que isto se dá devido à vida social limitada e à falta de educação formal comum na época.

Uma outra explicação para o uso da forma *você* entre as mulheres é um possível enviesamento dos dados, pois as ocorrências da forma *você* em falas femininas encontram-se, em sua maioria, em textos cômicos, na época um contexto que não favorecia a utilização da forma *tu*.

Com relação à interação entre interlocutores, afirma-se que a relação mais solidária (mesma classe social, segundo a pesquisadora) favorece o uso do *tu*.

Ao final da análise, Pitombo considera que o principal fator favorecedor do uso do *tu* é o grau de letramento do escritor / personagem. Segundo ela, seus dados apontam para o fato de que, quanto maior o nível de escolaridade, seja do escritor, seja do personagem da obra, maior será a incidência de *tu*.

MENON (2000:148), ao estudar o uso das formas *tu*, *você* e *senhor* no romance “*Vinhas da Ira*”⁵, verifica como se dá a concordância verbal com os pronomes de 2ª pessoa. O romance, de acordo com a pesquisadora, reflete o linguajar riograndense da primeira metade do século XX. Ela controlou a concordância verbal com as formas *tu*, *você*, *o senhor* e *nós*, que embora de 1ª pessoa, apareceu sem concordância em duas situações.

A autora destacou que no romance há uma gradação com relação aos usos do pronome, no sentido de que o *senhor* seria o tratamento [+ formal / - íntimo], *você* é a forma [- formal / - íntima] e *tu* usado para tratamento [- formal / + íntimo]. O pronome *tu* se mantém vivo para marcar a identidade e os valores regionais da população riograndense, embora já venha perdendo a morfologia verbal de 2ª pessoa na língua escrita desde a segunda metade do século XX.

PRETI (2000) estuda a relação entre os papéis sociais das personagens no romance “*A Ilustre Casa de Ramirez*”, de Eça de Queiroz, e as várias formas de tratamento da língua – as pronominais, as pronominalizadas e as nominais.

O objetivo do texto, segundo palavras do próprio autor, não se resume apenas em documentar os tratamentos empregados pela sociedade portuguesa no final do século XIX, mas principalmente mostrar a habilidade do escritor em relacionar o *status* e sua representação lingüística nos vários papéis exercidos pelas personagens, numa sociedade tradicionalmente representada. O texto adquire grande importância para entender a estreita relação entre os papéis sociais e o uso das formas de tratamento.

SILVA (2003a) faz um estudo sobre o tratamento familiar e a referência do papel social neste artigo; estabelece o conceito de formas de tratamento adotado neste trabalho, quando afirma que são palavras ou sintagmas que o usuário da língua emprega para se referir ou se dirigir a outra pessoa no ato comunicacional. (cf. pp.08-09)

Distingue quatro níveis:

- a) formas pronominalizadas
- b) formas nominais

⁵ MENON analisa a tradução brasileira de *The Grapes of Wrath* (1939), de John Steinbeck, - *Vinhas da Ira* - com base na informação constante na tradução de que os tradutores utilizaram linguagem de feição nitidamente brasileira, adotando a linguagem popular riograndense do sul, em que o tratamento de “*tu*” acompanha verbos na terceira pessoa do singular: *tu sabe, tu tem*.

- c) formas vocativas e
- d) outras formas referenciais.

Segundo o pesquisador, as formas de tratamento fazem parte do conjunto de regras sociais que regulam o comportamento em sociedade, sancionando formas adequadas e inadequadas ao contexto de uso. O estudo aborda o tratamento nas relações pais / filhos, marido / mulher, namorado / namorada, netos / avós, sobrinhos / tios.

LUCCA (2003) apresenta um estudo sobre expressão gramatical da 2ª pessoa do discurso em cartas pessoais publicadas em jornais de Minas Gerais, nos séculos XIX e XX. Observando o uso das flexões verbais, mostra como a variedade mineira do português do Brasil, no registro escrito, gradativamente muda de um sistema em que predominam as formas verbais de 2ª pessoa gramatical para um sistema favorecedor de formas não-marcadas.

Apesar de o século XIX favorecer o uso da 2ª pessoa gramatical, Lucca traz evidências de que não houve *tu* na forma explícita no dialeto mineiro, pois as duas únicas ocorrências do *tu* na forma plena constam na reprodução de uma fala entre dois amigos.

Os estudos baseados nessa perspectiva permitiram, durante o desenvolvimento desta pesquisa, reflexões sobre as relações sociais que se estabelecem durante o ato comunicativo, e em que medida estas questões poderiam influenciar na escolha das formas *você* e *tu* na cidade de Santos.

Cientes de que estas são amplamente usadas na linguagem corrente em Santos, verificamos que seria oportuno fazer a coleta dos dados em situações em que houvesse relações simétricas, informais, já que nosso objetivo é justamente captar essas formas em seu uso coloquial.

b) Estudos de gramaticalização de orientação sincrônico-diacrônica

RAMOS (1997) trata da alternância entre três formas pronominais de segunda pessoa na língua falada no dialeto de Belo Horizonte, propondo a verificação de uma mudança em progresso no português brasileiro, no que concerne à gramaticalização de *ce*, que para a autora seria um clítico. As formas estudadas são *você*, *ocê* e *cê*.

O trabalho, segundo a autora, possui dois objetivos: apresentar os resultados de uma análise variacionista das formas acima, num *corpus* constituído por entrevistas e testar a hipótese de que a forma *ce* seria um clítico.

Na primeira parte, a autora apresenta informações de ordem histórica sobre as formas em variação e uma hipótese sintática de descrição e explicação do fenômeno. Na segunda, ela apresenta os resultados da análise variacionista. Na última trata da adequação da hipótese inicial.

Os resultados apontam que:

(5a) Sua distribuição apresenta um comportamento típico de variação, já que toda mudança é variação.

(5b) Os três itens estão passando por um processo de mudança lingüística.

(6a) O item *ce* ocorre em contextos típicos de clíticos: isto é, ou na posição de sujeito ou co-indexado com uma categoria vazia na posição sujeito, ou ainda na posição de complemento de verbo mas não na posição de complemento de preposição, já que preposições não tomam clíticos como complemento no PB.

(6b) O item *ce* não ocorre marcado com foco, já que os clíticos são átonos.

(6c) Dado o processo gramatical que envolve o par *você/ocê*, e o fato de o item *você* ser usado tanto com referência definida quanto com referência indefinida no momento atual, o item *ce* também apresenta ambos os usos.

(6d) Em construções topicalizadas, o item *ce* ocorre preferencialmente fora da posição de tópico propriamente dita.

Os resultados vieram a mostrar que as predições não foram desconfirmadas, o que indica que a hipótese da cliticização do *ce* se mostrou adequada em vários momentos. O estudo de Ramos verificou que as formas *você* e *ce* são freqüentes no dialeto mineiro e que os contextos em que a forma *ce* é usada constituem um subconjunto daqueles em que *você* o é, resultados que forneceram evidência segundo a qual *ce* seria um clítico no estágio atual do português brasileiro.

Diante do estudo realizado por Ramos, consideramos oportuno incluir a forma *ce* em nossa análise, considerando esta uma variante de *você*.

SALLES (2001) oferece uma discussão ampla e consistente sobre os pronomes de tratamento do interlocutor no português brasileiro através do que ele mesmo chama de “estudo de pragmática histórica”, ou seja, um estudo dos aspectos pragmáticos da interação, vistos sob uma perspectiva histórica através de documentos (cartas) trocados entre diversos interlocutores nos séculos passados .

Sob a perspectiva da gramaticalização, o autor traça um percurso histórico das formas de tratamento através do estudo do gênero cartas. Ele defende a hipótese da gramaticalização de algumas formas de tratamento, traçando um percurso histórico para cada forma estudada.

Neste percurso, segundo o pesquisador, algumas formas passaram por momentos em que entraram em variação e uma saiu vencedora, como no caso da gramaticalização de *você*, estabelecendo a mudança:

“...embora documentado por um só elo da cadeia evolutiva, confirma-se o percurso diacrônico da forma nominal *vossa mercê* (século XIV), até o pronome de tratamento em terceira pessoa *você* (século XIX), identificando o fenômeno lingüístico denominado gramaticalização. Esse fenômeno implica uma evolução semântica impulsionada por fatores de ordem social e acompanhada por um processo de redução fonológica do qual resultaram novas formas, inclusive posteriormente ao século XIX” (p.205).

O estudo é um referencial importante, pois trata as formas de tratamento sob diversos pontos de vista teóricos e aborda o tema de maneira bastante consistente.

Analisando peças teatrais dos séculos XVIII e XIX, brasileiras e portuguesas, LOPES & DUARTE (2003) fazem um estudo do percurso da pronominalização de *Vossa Mercê* a *você*. Com relação às peças brasileiras, as autoras verificam que na primeira metade do século XVIII, as formas ocorrem de maneira equilibrada (*Vossa Mercê*/33%, *tu*/29% e *vós*/25%, tendo a forma *você* baixa ocorrência: 13%).

Nos demais períodos, a ocorrência de *tu* aumenta, apresentando porcentagens de 63% na segunda metade do século XVIII, subindo para 90% na primeira metade do século XIX e sofrendo uma queda de 60% na segunda metade do XIX, mas, ainda assim, mantendo-se numa frequência elevada.

Em relação às demais formas, vemos que *Vossa Mercê* e *vós* caem em desuso a partir da segunda metade do século XVII e o uso do *você*, juntamente com o uso de outras formas nominais (o *Senhor*, *Sua Senhoria*, *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*), passa por um aumento na segunda metade do século XIX. Lopes &

Duarte afirmam que a forma *tu* foi usada de forma recíproca entre falantes nas relações simétricas em todos os períodos analisados.

Os estudos acima foram importantes para nossas reflexões porque demonstram que a forma *tu* sempre se correlacionou com a forma *você*, em todos os períodos de sua evolução / gramaticalização. Também podemos perceber que a forma *tu* desde sempre foi usada nas relações simétricas entre iguais lingüísticos em situações informais.

b) Trabalhos sociolingüísticos variacionistas e interacionistas baseados em língua falada

SOARES (1980) faz um estudo que se aproxima em grande proporção ao que aqui nos propomos a fazer: trabalha com as formas de tratamento correntes na fala de Fortaleza utilizando-se de dados provenientes de 72 informantes, em contextos interacionais formais e informais, em situações simuladas (diálogos criados pelos informantes a partir de ilustrações) e situações de fala reais.

Seu objetivo é identificar os fatores lingüísticos e sociais que determinam a seleção de uma ou outra forma. Soares delimita o sistema pronominal no que diz respeito a formas de tratamento, que se mostra ternário: pode efetuar-se pelas formas *tu*, *você* e *senhor*, tanto em relações simétricas quanto em assimétricas.

A alternância é determinada por fatores como situação discursiva, papel social dos interlocutores, idade e grau de intimidade entre os interlocutores. Evidencia, ainda, que o uso de *tu* é mais generalizado, e *você* é preferido em situações mais formais e a concordância verbal com o pronome *tu* é variável, motivada por fatores como escolaridade, formalidade e atenção prestada à fala.

A pesquisa de Soares ofereceu um importante ponto de partida para as investigações aqui empreendidas, sugerindo caminhos metodológicos para o trabalho com as formas de tratamento, e a apresentando resultados que serão oportunamente comparados com aqueles aqui obtidos.

ABREU & VEIGA (1988) conduzem uma investigação sobre o tratamento em Curitiba, Paraná, tratando do pronome zero e suscitando questões metodológicas importantes. Segundo os autores, o estudo do tratamento é dificultado pela própria natureza do fenômeno em exame. Não se colhem dados isoladamente de um

informante, mas a interação entre eles e o contexto influencia no momento da coleta de dados.

Segundo eles, os estudos sociolinguísticos do tratamento têm-se limitado ao estudo das atitudes dos falantes. Neste trabalho, os articulistas optaram por um teste em que o sujeito encenaria dezoito quadros artificiais de abordagem de pessoas desconhecidas. Esse instrumento, segundo eles, parecia permitir um controle mais efetivo da situação de campo. Os autores constatam que o tratamento em Curitiba o tratamento seria triádico: senhor, *você* e pronome de tratamento-zero.

Analisando as formas de tratamento correntes nas interações entre pais e filhos em Belém do Pará, SOARES & LEAL (1993), observando alguns professores da Universidade Federal do Pará (UFPA) e alguns funcionários da universidade na interação com seus filhos e vice-versa, dividiram seus 38 informantes por grupo socioeconômico e faixa etária. Os resultados apontam para o fato de que o pronome mais usado pelos filhos para se dirigirem aos pais é *tu*, seguido pelo tratamento senhor.

Entretanto, filhos de professores têm *tu* por preferência, enquanto os filhos de funcionários preferem senhor; adolescentes usam *tu* e senhor com a mesma frequência, e crianças mostram preferência por *tu*. Os pais belenenses, na maior parte das ocorrências, tratam seus filhos por *tu*, considerando-se que usam mais *tu* para os filhos adolescentes que para as crianças.

BEZERRA (1994,1997) analisa a fala espontânea de 19 crianças do Paraíba com idades entre 6 e 12 anos, de classe média, a fim analisar a variação *tu/você*. Considerou os pronomes *você* explícitos e os pronomes *tu* explícitos e implícitos na flexão verbal.

O trabalho de Bezerra, porém, foi baseado em análise sociolinguística interacional e não quantitativa, tratando da questão da polidez e preservação de faces, não se atendo aos dados estatísticos. No entanto, comprova a predominância de *tu* sobre a forma *você* (194 usos de *tu* e 96 usos de *você*).

A autora comenta:

“Apesar de *tu/você* estarem presentes em conversações familiares, essas formas pronominais parecem indicar regras para seu uso” (p.116).

Segundo autora, o uso de uma ou outra variante parece estar relacionado ao tipo de ato comunicativo envolvido na interação – pedido, repreensão, insulto, desculpa, consentimento, entre outros. Afirma que o *tu* prevalece em situações de intimidade e o *você* tende a ocorrer em situações de não solidariedade, quando o falante ameaça a face do ouvinte.

LOREGIAN (1996), analisa dados do projeto VARSUL. VARSUL é sigla do projeto Variação Lingüística Urbana na Região Sul, que existe desde 1990 e é desenvolvido por um conjunto de pesquisadores das seguintes universidades: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

Loregian não encontrou ocorrências do pronome *tu* em Curitiba, motivo pelo qual só quantificou os dados de Florianópolis onde encontrou maior variação na concordância, e Porto Alegre.

Os dados em Florianópolis mostram que em Ribeirão da Ilha é mais freqüente a concordância prototípica do que em outros bairros da capital catarinense, e a autora explica que este uso se dá devido à forte influência da imigração açoriana em toda a região, especialmente em Ribeirão da Ilha.

Tal fato se dá porque o bairro Ribeirão da Ilha é geograficamente mais isolado de contatos externos do que os demais bairros. Em Porto Alegre, a autora verificou que a concordância verbal canônica com o pronome *tu* é quase inexistente, ou seja, o *tu* ocorre, via de regra, com os verbos nas formas não - marcadas.

BOTELHO RAMOS (1999) apresenta uma abordagem das formas de tratamento-sujeito relativas à segunda pessoa do singular usadas no Sul do Brasil, especialmente na cidade de Florianópolis, onde se faz presente, segundo a pesquisadora, um sistema quaternário de tratamento.

Segundo a autora, as formas *tu* e *você* co-ocorrem no falar do de Florianópolis sem que os falantes, muitas vezes, percebam. Afirma que hoje a presença da forma *você* em Florianópolis é mais evidente do que há alguns anos e, por isso, sugere a possibilidade de vir a predominar na Ilha algum dia.

A conclusão da autora é a de que há uma significativa diferença semântica entre os dois pronomes, que se tornam formas opostas entre si. A forma *tu* implica solidariedade ou intimidade, enquanto *você* denota tratamento mais formal, e se

constitui uma maneira mais educada de tratar aquele com o qual não se tenha intimidade.

PEDROSA (1999) trata da concordância verbal com o pronome *tu* em João Pessoa, Paraíba. O *corpus* utilizado foi colhido no banco de dados do VALPB⁶, e consta de inquéritos de 10 informantes de cada gênero, distribuídos por faixa etária e anos de escolarização. Sua análise sugere uma tendência da fala pessoense a não fazer a concordância prototípica com a forma *tu*: 77% de seus dados mostram que em João Pessoa se usa a forma verbal não marcada.

Observando o efeito da faixa etária sobre a concordância com o *tu*, os dados apontam que os jovens de 15 a 25 anos e os adultos acima de 50 anos realizam em sua maioria a concordância canônica, e a faixa etária intermediária, entre 26 e 49 anos, não realizam a concordância canônica em sua maioria.

Pedrosa ainda analisa a variável “anos de escolaridade”, e indica que os falantes com 0 a 4 anos de estudo tendem a não utilizar a concordância canônica com o pronome *tu*, enquanto os falantes com 5 ou mais anos de estudo apresentam a tendência de utilizar concordância verbal canônica.

SILVA (2003c:164), que analisa o retorno do pronome *tu* à fala carioca – em contextos informais, de forma geral, e com flexão verbal na 3ª pessoa, categoricamente –, opõe a forma *tu* à reduzida *cê*, cujo uso, neste dialeto, atualmente já se sobrepõe ao uso da forma plena, *você*. Segundo a lingüista, “através do pronome *tu* o falante estaria resgatando um monossílabo tônico para competir, com vantagem, com o clítico *cê* na função de atrair a atenção do interlocutor e compensar a perda de corpo fônico que se vem assinalando” (p.164-165).

Silva prova que, enquanto no *corpus* Censo do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), de 1980, só havia 6% de ocorrências do pronome *tu* e o *corpus* do Banco de Dados Interacionais (BDI, também do PEUL), coletado em 1990, apresenta 3% de ocorrências de *tu*, o *corpus* de Paredes 1996, correspondente a gravações ocultas realizadas em 1996 mostra 65% de ocorrência do pronome *tu*, em oposição a *você*. Em relação ao *corpus* de 1996, Silva constata que não existe concordância verbal canônica com o pronome *tu*. Por fim, a

⁶ VALPB é a sigla do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba, que existe desde 1993 sob a coordenação do Prof. Dr. Dermeval da Hora, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

pesquisadora afirma que o uso da forma *tu* atualmente é predominante entre os jovens, o que é compatível com um quadro de mudança em direção a uma forma não – padrão.

LOREGIAN-PENKAL (2004) expande o *corpus* do trabalho anterior (1996), analisando entrevistas realizadas tanto nas capitais dos estados sulistas quanto em cidades interioranas de cada estado. Amplia, também, o escopo da pesquisa como um todo, pois analisa a referência de segunda pessoa em relação tanto ao uso do pronome *tu* quanto ao uso do pronome *você*, sempre na função de sujeito sintático.

A pesquisadora quantifica também as ocorrências explícitas e implícitas de cada pronome. No caso da forma *tu*, esta pôde ser recuperada ou pela flexão verbal, ou via ocorrência de um *tu* explícito no período sintático. Já o *você* implícito só pôde ser recuperado pela ocorrência explícita de um *você* precedente, no mesmo período sintático.

Segundo Loregian-Penkhal, em Porto Alegre, *você* e formas marcadas de segunda pessoa ficam restritas a estilos lingüísticos mais formais. Já em Florianópolis, em contrapartida, a forma *tu* é menos usada que *você*.

A forma *tu*, conforme pudemos ler nos resultados acima, está viva em muitas regiões do Brasil, embora não seja utilizada da mesma maneira em todas elas. Com relação à concordância, por exemplo, há comunidades em que a forma *tu* ocorre em sua forma canônica, como em Florianópolis, e outras em que a concordância é variável, como em Fortaleza e Belém. O trabalho de Loregian-Penkhal foi importante para estabelecermos a hipótese da referenciação direta, indireta e indeterminada.

Já no Rio de Janeiro e em Porto Alegre, a forma *tu* é usada sem a concordância verbal de segunda pessoa, tal como também notamos em Santos. Em Belém, a forma *tu* se correlaciona com a forma *você* em relação não íntimas, com concordância verbal variável.

Um ponto recorrente nos trabalhos sobre o tratamento nesta perspectiva é o fato de se analisarem em profundidade variáveis sociais, como gênero, idade, localidade, entre outros. Com relação a esse aspecto, percebemos que em alguns locais, como no Rio de Janeiro, os homens usam mais a forma *tu* que as mulheres. Em contrapartida, em Porto Alegre e Florianópolis, as mulheres empregam mais a forma *tu* que os homens.

Diante dos estudos realizados em diversas regiões do Brasil, é possível afirmar que:

- a) A forma *tu* está perdendo espaço para a forma *você*, que avança em várias regiões e se mostra, segundo MONTEIRO (1994:152-161), como possível substituto para a segunda pessoa do singular.⁷
- b) A concordância prototípica de segunda pessoa com o pronome *tu* é rara no Brasil, nas regiões onde foram feitos estudos sobre o fenômeno. Normalmente *tu* é usado com verbo na 3ª pessoa do singular.
- c) Situações cuja relação entre os interlocutores seja [+solidária] e [+informal] favorecem o uso de *tu*.

Esses trabalhos e essas conclusões foram de suma importância para o entendimento da alternância das formas de tratamento em uso na cidade de Santos e para o estabelecimento das hipóteses aqui apresentadas.

Também salientamos o fato de que a maioria dos trabalhos levou em consideração na análise a variação de concordância verbal que se estabelece com a forma *tu*. Nesta pesquisa, é preciso ressaltar que nossa atenção se volta exclusivamente à alternância das formas *você* e *tu*, visto que na cidade de Santos a forma verbal utilizada é sempre de terceira pessoa.

As informações obtidas das pesquisas aqui apresentadas serão retomadas posteriormente para fins de comparação com os resultados aqui obtidos.

⁷ Como exceção temos o Rio de Janeiro, cuja frequência de uso no universo vocabular –segundo PAREDES SILVA(2003) – cresceu de 6% (no *corpus* do Projeto PEUL 1990) para 65% (no *corpus* de PAREDES 1996) e do Paraíba (BEZERRA 1994) cuja proporção é de 69% (*tu*) e 31% (*você*), respectivamente.

2. Sobre a cidade de Santos: Aspectos Históricos e Socioculturais

2.1 História

A cidade de Santos representa um marco importante para a história do Brasil. “As origens da cidade de Santos confundem-se com as origens do Brasil. O litoral paulista e a Ilha de São Vicente foram descobertos no início do ano de 1502. A ilha foi habitada, anos depois, por elementos Europeus e desta ocupação espontânea surgiram dois pequenos núcleos urbanos. O primeiro: o Povoado de São Vicente, elevado a Vila por Martim Afonso de Sousa, em 1532. O segundo: chamado Nova

Povoação, fundado por volta de 1540, por Brás Cubas, quando transferiu o porto que atendia a região, situado na Ponta da Praia, para o outro lado da ilha, junto a um pequeno morro que foi chamado, depois, de Outeiro de Santa Catarina. (...) Esta última mais tarde seria a vila do Porto de Santos, depois simplesmente Vila de Santos, sendo o principal porto do litoral paulista.”⁸

A ilha de São Vicente era chamada Goaió, que significa "lugar de fornecimento de provisões". Ali os viajantes encontravam índios amistosos, -com os quais trocavam mercadorias por alimentos. A parte da ilha onde surgiria Santos ficou conhecida como Enguaguaçu, termo que corresponde a "enseada grande".

Não se conhece o ano exato do princípio da povoação. O certo é que o fundador de Santos, Brás Cubas, chegou de Portugal em 1532, com Martim Afonso de Souza, donatário da Capitania de São Vicente. Dele recebeu as terras de Jurubatuba e comprou as situadas no Enguaguaçu, hoje Centro da Cidade, onde já existia uma pequena igreja sobre o outeiro de Santa Catarina. Vizinho ao outeiro, Brás Cubas construiu sua casa.



Fig.1. Visão geográfica da cidade de Santos.

⁸ Depoimento da historiadora Wilma Therezinha, professora de história da Universidade Católica de Santos, disponível em: www.uol.com.br/guiadolitoral/santos/santos.html.

Em 1541, ele conseguiu a mudança do porto, que ficava na Ponta da Praia, na atual Ponte dos Práticos, para o outro lado da ilha, o então lagamar de Enguaguaçu. Muitos consideram a transferência do porto como a verdadeira fundação de Santos. Outros apontam 1º de novembro de 1543 como a data histórica, quando foi instalado o primeiro hospital da América e que acabou originado o nome da cidade.

Santos foi elevada à categoria de vila em 1546, mas não se sabe o dia exato em que isto aconteceu. Como em 26 de janeiro de 1839 ela passou a ser cidade, adotou-se como aniversário oficial o dia 26 de janeiro, embora o ano de fundação seja considerado o de 1546.

Mas Santos é um dos poucos municípios brasileiros que sabe exatamente seu local de fundação. Em 1902, a rocha ainda existente recebeu uma placa com os dizeres: "Esta rocha é o resto do Outeiro de Santa Catarina e foi sobre este outeiro que Brás Cubas lançou os fundamentos desta povoação, fundando ao mesmo tempo, época de 1543, o Hospital de Misericórdia, sob a invocação de Todos os Santos, que deu nome a esta cidade e à primeira instituição pia que se estabeleceu no Brasil."

Ao longo dos anos, o município desempenhou papel relevante na história do País, tendo sido berço dos irmãos Andrada - José Bonifácio, Antônio Carlos e Martim Francisco - todos batalhadores à frente do povo pela independência do Brasil.

Na luta pela abolição da escravatura, abrigou milhares de escravos em quilombos na área continental, fugidos das fazendas de café do planalto paulista. O trabalho foi tão intenso que, três meses antes de a Lei Áurea ser promulgada, já não havia escravos na cidade. Posteriormente, a população participou da campanha pela República, organizando listas de assinaturas, comícios, movimentos.

A princípio constituída por portugueses, espanhóis, indígenas, negros e seus descendentes, no início do século XIX a população recebeu imigrantes europeus, na maioria portugueses, espanhóis, italianos, sírios e libaneses, incorporados às atividades do porto cafeeiro e do comércio.

Na segunda metade do século XX, a população cresceu com a chegada de migrantes nordestinos, atraídos pelo mercado de trabalho do parque industrial de

Cubatão, município vizinho. O movimento operário ganhou força por meio dos sindicatos dos portuários e dos trabalhadores da construção civil.⁹

2.2 Indicadores Socioeconômicos e Populacionais

De acordo com o IBGE, em 2000, o município de Santos apresentava uma população estimada em cerca de 417.983 habitantes, concentrada em sua grande maioria na área insular.

| CENSO DEMOGRÁFICO DE 2000 – IBGE | |
|--|--------------------|
| POPULAÇÃO - (Pessoas Residentes) | 417.983 habitantes |
| Homens residentes | 193.222 (46,23%) |
| Mulheres residentes | 224.761 (53,77%) |
| ÁREA URBANA - (Pessoas Residentes) | 415.747 (99,46%) |
| ÁREA RURAL - (Pessoas Residentes) | 2.236 (0,54%) |
| POPULAÇÃO (Residentes de 10 anos ou mais de idade) | 365.696 (87,49%) |
| ALFABETIZADOS (Residentes de 10 anos ou mais de idade) | 353.382 (96,63%) |
| Elaboração: SEPLAN / DESOE | |

Quadro 1. Censo Demográfico de 2000 (Santos)

Os indicadores sócio-econômicos da cidade superam tanto a média do país como do Estado de São Paulo, colocando-a como uma das primeiras em relação ao índice de desenvolvimento humano, superior, inclusive, a outras regiões administrativas do estado, resultado do nível de renda da população, escolaridade e esperança de vida.

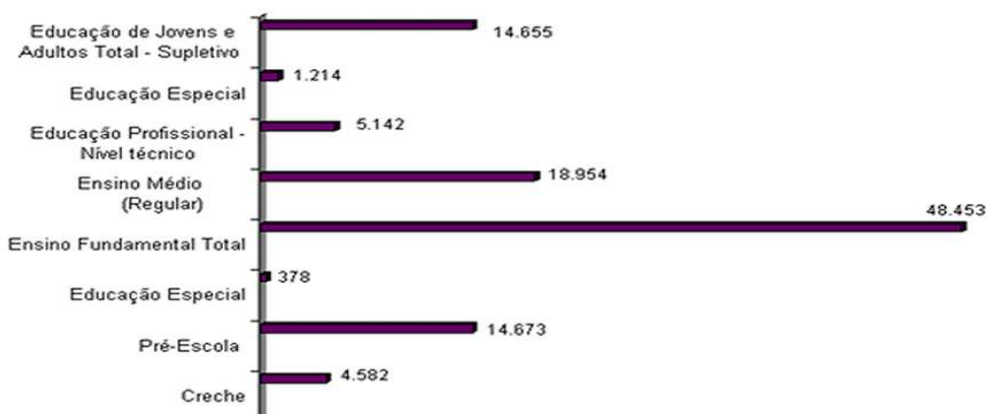


Figura 2. Escolaridade por milhares em Santos

⁹ Fonte: <http://www.santos.sp.gov.br>

Em relação à distribuição da população por faixas etárias, destaca-se a porcentagem de idosos em sua composição.

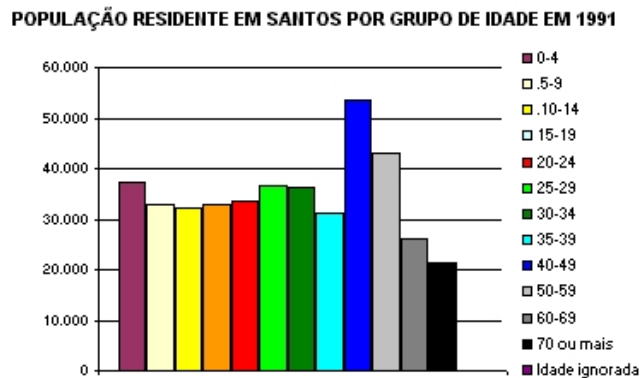


Figura 3. População Residente em Santos

Santos apresenta padrões sócio-econômicos que fazem a cidade ocupar uma posição de destaque em relação à qualidade de vida.



Figura 4. População total

Essa situação é caracterizada por uma taxa de crescimento demográfico baixa, semelhante à dos países desenvolvidos, apresentando taxas de mortalidade geral e infantil baixas, que são o reflexo das condições de infra-estrutura do município, onde, praticamente, os serviços de água, esgoto e energia elétrica abrangem toda a cidade.¹⁰

Assim, a região da Baixada Santista compreende uma complexa comunidade lingüística, onde se misturaram aos primeiros moradores do Brasil (aqui se incluem os índios, os negros e os portugueses), milhares de migrantes de diversas regiões do país. Nessa região, seguramente, há particularidades lingüísticas que podem ser estudadas para uma melhor compreensão dos fenômenos de variação que ocorrem ou possíveis mudanças que ocorreram no Português Brasileiro.

¹⁰ Fonte: <http://www.investsantos.com.br/>

Levando-se em consideração a importância histórica da cidade de Santos, empreender uma pesquisa que trata da alternância dos pronomes de tratamento usados em sincronia revela-se de suma importância, uma vez que a forma *tu* continua viva até os dias de hoje no falar dos santistas.

3. Pressupostos Teórico-Metodológicos

Neste capítulo abordaremos os pressupostos teórico-metodológicos adotados no desenvolvimento desta pesquisa, ou seja, os da Teoria Variacionista e os da Lingüística Funcional.

A Teoria Variacionista prevê que fatores de ordem lingüística e social se conjugam para estabelecer a escolha pronominal de referência à segunda pessoa, enquanto a Lingüística Funcionalista nos dá referenciais para que se levem em conta aspectos pragmático-discursivos para o estudo de itens lingüísticos, ou seja:

“Its functional in the sense that it is designed to account for how the language is used” (HALLIDAY,1985:xiii).

Convém entender que há compatibilidade entre o Funcionalismo e a a Sociolingüística, por partirem ambos do uso efetivo da língua em seu contexto social.

O funcionalismo concebe a língua como um instrumento de comunicação, e seu princípio básico é que a situação comunicativa motiva, restringe, explica ou determina a estrutura gramatical.

A língua é considerada um instrumento de interação social por meio do qual seres humanos podem comunicar-se uns com os outros e, assim, influenciar-se mutuamente (DIK,1989:1).

3.1 A abordagem funcionalista

Assumimos aqui a postura teórica de que o estudo da língua em uso deve necessariamente basear-se em um quadro teórico que leve em consideração critérios discursivo-pragmáticos, pois defendemos que o uso das formas de tratamento na Baixada Santista depende de fatores desta ordem. Este tipo de análise leva em consideração a língua enquanto instrumento para desempenho de

funções na comunidade que a utiliza e entre essas funções a que mais se destaca é, sem dúvidas, a função comunicativa.

A teoria funcionalista concebe a língua como um instrumento de comunicação, e postula que esta não pode ser considerada como um objeto autônomo, mas uma estrutura submetida às pressões provenientes das situações comunicativas, que exercem grande influência sobre ela.

Assim, o funcionalismo analisa a estrutura gramatical tendo como referência a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo. Entendemos que a escolha entre as formas *tu* e *você*, em Santos, depende da configuração desses fatores conjugados. Não se pode compreender um fato lingüístico sem se levar em conta o sistema social e lingüístico ao qual ele pertence. O estudo de uma língua exige que se leve rigorosamente em conta a variedade das funções lingüísticas e dos seus modos de realização no caso considerado.

NEVES (2000:03), diz que “a língua (e a gramática) não pode ser descrita como um sistema autônomo, já que a gramática não pode ser entendida sem parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução”.

A produção do enunciado implica uma intrincada troca, chamada interação lingüística, e pesam nesta interação diversos fatores: a força da situação de comunicação, o planejamento, as imagens que o falante forma do interlocutor, entre outros.

Uma abordagem funcionalista de uma língua natural sempre tem como objetivo o interesse de verificar como se obtém a comunicação com essa língua, ou como os usuários dessa língua dela se utilizam para se comunicar entre si de maneira eficiente. O que se põe sob análise, portanto, é a chamada *competência comunicativa*.

Dessa forma, o funcionalismo leva em consideração na análise toda a situação comunicativa: o propósito do evento da fala, seus participantes e o contexto discursivo.

HALLIDAY (1974,1975,1976,1985) propõe uma teoria funcionalista sistêmica, e busca estabelecer relações entre todas as escolhas semanticamente relevantes feitas na língua como um todo, procurando chegar, assim, à resposta do porquê um

falante escolhe determinados itens dentre os tantos disponíveis naquela língua para fazer o seu enunciado.

Para Halliday, o sistema lingüístico está intrinsecamente ligado ao sistema social, ao *uso*. “...everything that is said or written unfolds in some context of use (...) Language has evolved to satisfy human needs...”(1985:xiii).

O sistema provê todos os elementos necessários para que a língua possa ser utilizada em situações concretas de uso por falantes concretos, mas é também a partir dos fatores externos que o falante deverá proceder para determinar suas escolhas. Cada indivíduo faz parte de um grupo social e usa a língua em situações variadas para atingir diferentes objetivos.

Segundo Halliday, a língua é um sistema para produzir significados. Segundo NEVES (1997:59-60), “sistema (...) configura uma teoria da língua enquanto escolha. (...) A consideração do sistêmico implica a consideração de escolhas entre os termos do paradigma, sob a idéia de que escolha produz significado”. As escolhas se situam no nível paradigmático, enquanto no nível sintagmático estão as cadeias de relações. Todo esse processo produz um texto, que pode ser caracterizado como uma representação do sistema social e lingüístico.

A perspectiva funcionalista de Halliday leva em consideração, nos estudos sobre a linguagem, um conjunto de situações comunicativas onde ocorre um processo lingüístico. Esse conjunto de situações comunicativas corresponde aos interlocutores, às condições de produção e à dinâmica do ato comunicativo, enfim.

A identidade no ato comunicacional se constrói pelas relações que se estabelecem entre nós, os outros e o meio em que vivemos, através do desempenho de papéis em eventos sociais. Ao desempenharmos os papéis num evento de fala, nós nos colocamos como sujeitos desse evento, dividindo-nos em tipos diversos de pessoas sociais e categorias sociais.

HALLIDAY (1976) formulou um esquema, em que, de acordo com sua concepção, as funções básicas da comunicação se distribuem da seguinte forma:

- a) ideacional – em que linguagem tem como finalidade a manifestação de conteúdos que estejam ligados à experiência que o falante possui do mundo concreto, real ou de seu universo subjetivo, interior. Diz respeito ao conteúdo do que é dito, à interpretação e expressão de nossa experiência acerca dos

processos do mundo exterior e dos processos mentais e abstratos de todos os tipos.

b) interpessoal – abrange todos os usos da língua para expressar relações sociais e pessoais, incluindo todas as formas de intervenção do falante na situação de fala e no ato de fala. Permite que o falante participe da situação comunicativa para aprovar, desaprovar, expressar crença, opinião, dúvida, etc.

c) textual – em que a linguagem estabelece vínculos com ela mesma e está ligada às características da situação em que é usada. Nesta função, o indivíduo – falante ou escritor – é capaz de criar textos e o ouvinte ou leitor consegue distinguir um texto de um conjunto aleatório de frases. A função textual é, pois, um instrumento das outras duas, já que sempre o ato comunicativo necessita da elaboração de discursos. Esta função é que habilita o falante a criar um texto.

Essas três funções se combinam e se atualizam simultaneamente nas cláusulas, estruturando, assim, o contexto conversacional, equilibrando o ato de fala em representação (ideacional), troca (interpessoal) e mensagem (textual).

A partir do contexto situacional, o falante seleciona o registro a ser utilizado em sua atuação lingüística. Suas escolhas no ato comunicacional estão ligadas ao papel que assume na interação verbal. A escolha depende, portanto, da intenção do falante, da forma que ele considera adequada para emitir sua informação pragmática e de como ele deseja que o destinatário a receba e retorne a ele.

O registro é entendido como a utilização da língua de acordo com normas de uso. Segundo HALLIDAY (1974:114-117), os registros distinguem-se de acordo com o campo do discurso (o assunto), o modo do discurso (o papel desempenhado pela atividade lingüística numa situação), e o estilo do discurso (as relações entre os participantes do discurso).

DIK (1989) diz que, quando se adota um ponto de vista funcionalista para o estudo de uma língua natural, tenta-se verificar como “opera” o usuário desta língua.

O lingüista compreende que o homem é muito mais que um animal lingüístico, e que no processo comunicativo estão envolvidas muitas funções humanas “mais elevadas” do que simplesmente função lingüística.

A capacidade lingüística seria apenas uma das muitas capacidades que o ser humano utiliza em diferentes situações comunicativas. Assim, ele cita a *capacidade epistêmica*, em que o usuário é capaz de construir, manter e explorar uma base de conhecimento organizado; a *capacidade lógica*, em que o usuário, com o conhecimento acumulado, pode compor outras parcelas de conhecimento por meio de regras de raciocínio lógico (dedutivo e probabilístico); a *capacidade perceptual* em que o usuário pode perceber seu ambiente e usar essa percepção para compor e interpretar expressões lingüísticas e a *capacidade social*, em que o usuário determina “como” deve dizer, adequando socialmente seu discurso para atingir seus objetivos comunicativos. Essas capacidades interagem, continuamente, uma com as outras.

Dik considera que a lingüística diz respeito a dois tipos de sistemas de regras:

a) as regras que governam as expressões lingüísticas (semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas);

b) as regras que governam os padrões de interação verbal nos quais essas expressões lingüísticas são usadas (pragmáticas).

Assim, o primeiro sistema é um sistema de regras instrumental em relação às metas e aos propósitos do sistema de regras, já que o paradigma funcional determina que as expressões lingüísticas devem ser descritas e explicadas em termos de um quadro geral fornecido pelo sistema pragmático de interação verbal (NEVES, 1997:78).

Essa concepção de língua enquanto produção de significados através das escolhas é central para este trabalho, pois defendemos que a escolha das formas de tratamento em Santos prescinde do contexto e da situação pragmática em que se encontram os interlocutores.

DIK (1989:8) propõe um modelo que explica de maneira satisfatória o papel da expressão lingüística no modelo de interação verbal do falante. Esse modelo prevê uma “construção” em torno de uma expressão lingüística, mas esta serve apenas como mediadora entre os falantes.

Há a intenção de um falante que deseja obter uma modificação na informação pragmática do outro, enquanto que o outro antecipa e reconstrói essa informação, reativando todo o modelo.

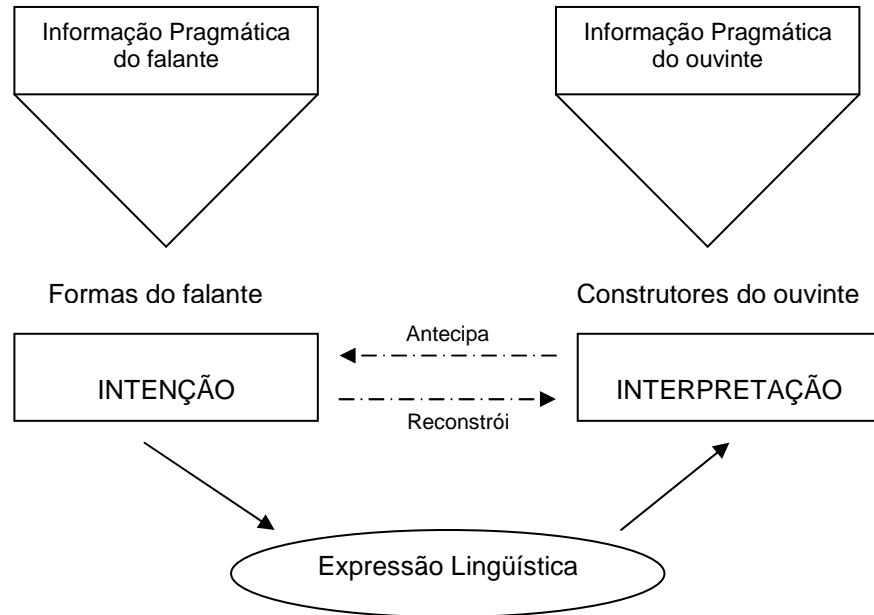


Figura 5. Um modelo de interação verbal

A expressão lingüística no modelo passa a ser função da intenção do falante, da informação pragmática do ouvinte e da antecipação que ele faz da interpretação do destinatário. A interpretação do ouvinte é função da expressão lingüística e da informação pragmática do ouvinte.

Em todos os momentos da atividade verbal, o falante e o ouvinte possuem informação pragmática. Informação pragmática é um conjunto completo de conhecimento, crenças, suposições, opiniões e sentimentos disponíveis em qualquer momento da interação. Pode ser assim representada¹¹:

Conhecimento mútuo

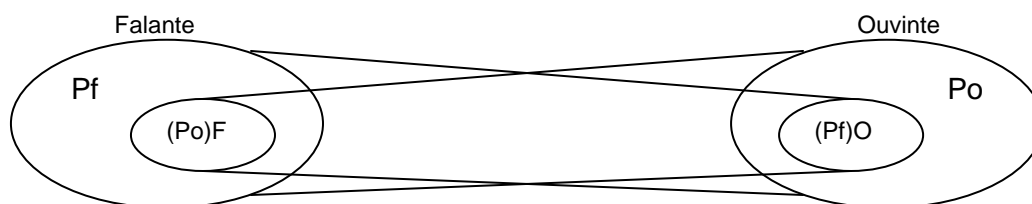


Figura 6. Conhecimento Mútuo de Falante e Ouvinte

¹¹ Usa-se a notação *PF* para “informação pragmática do falante” e *PO* para “informação pragmática do ouvinte.”

Quando o falante diz algo a seu ouvinte, quer provocar alguma modificação na informação pragmática dele. Para que isso ocorra, o falante tem de formular uma espécie de intenção comunicativa. Segundo NEVES(2001:20), “o problema do falante é formular sua intenção de tal modo que tenha alguma chance de levar o destinatário a desejar a modificação da sua informação pragmática do mesmo modo como o falante pretende”.

Entendemos, assim, que, ao selecionar uma forma de tratamento para se dirigir ao interlocutor, o falante possui uma intenção comunicativa prévia, que pode ser, por exemplo, a de se aproximar, ou dele se distanciar.

A intenção do falante e a interpretação do ouvinte são, então, mediadas pela expressão lingüística, mas não estabelecidas por esta. Por isso, acreditamos que o contexto situacional constitui um fator importante para uma abstração inicial sobre a questão da escolha da forma de tratamento. É a partir dele que o falante seleciona o registro a ser utilizado em sua atuação lingüística. Suas escolhas no ato comunicacional estão ligadas ao papel que assume na interação verbal e aos propósitos de seus atos de fala.

Os estudos recentes de análise gramatical funcional, que estão levando em consideração unidades maiores e menores que a sentença, apontam para uma Gramática Funcional do Discurso, este entendido como texto e interação (co-texto e contexto). Segundo LEVELT (1989), o processo de produção da fala é feito de acordo com um esquema *top-down*, indo da intenção para a articulação. Segundo o autor, as etapas de produção da fala são:

- 1) o falante decide qual vai ser seu propósito comunicativo (informações pragmáticas e contextuais),
- 2) seleciona a informação mais adequada para atingir seu objetivo,
- 3) codifica a informação em termos gramaticais e fonológicos e, por fim,
- 4) realiza o processo de articulação.

Temos, então, o seguinte esquema:

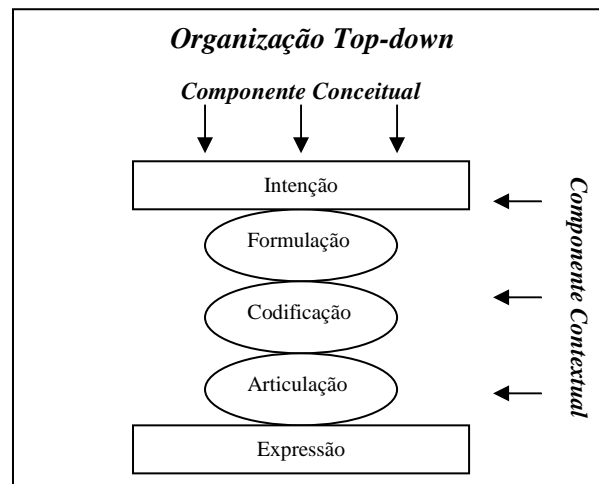
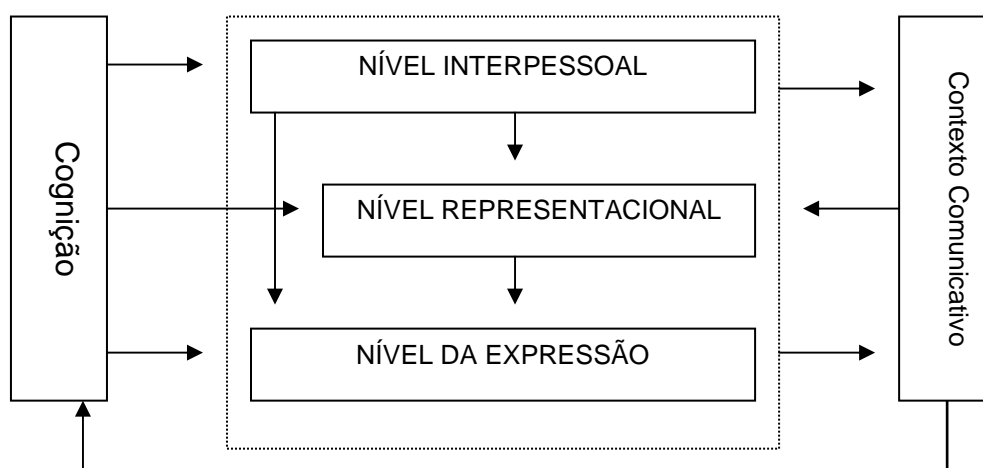


Figura 7. A Organização Top Down do Discurso

Para Dik, os usuários de línguas naturais não falam usando frases isoladas, mas as combinam em seqüências mais longas e mais complexas, constituindo o que o autor chama de *discurso*.

A Gramática Funcional do Discurso considera três componentes essenciais: Conceitual (força motriz que dá suporte ao componente gramatical), Contextual (domínio discursivo a partir do qual são produzidas novas expressões lingüísticas no componente gramatical) e de Expressão (gerador de expressões acústicas e ortográficas) (HENGEVELD:2000).



Adaptado de: HENGEVELD, 2000

Figura 8. Representação dos componentes da Gramática Funcional do Discurso

Os três níveis propostos por HENGEVELD (2000) dão suporte às funções pragmáticas (no nível interpessoal), às funções semânticas (no nível representacional) e às funções sintáticas (no nível da expressão ou estrutural).

Nesse modelo é necessário estabelecer uma proposta que leve em consideração estratégias discursivas, até então não esquematizadas formalmente no modelo anterior (DIK:1989).

GASPARINI-BASTOS (2004) estabelece, de forma produtiva, relações entre dois níveis responsáveis pela produção do discurso - interpessoal e representacional, como podemos ver abaixo:

| NÍVEL | COMPONENTES | ESTRATÉGIA DISCURSIVA | POSSÍVEIS ELEMENTOS DE REALIZAÇÃO |
|------------------|--------------------|------------------------------|--|
| Interpessoal | Interacional | Controle Interacional | Saudações, despedidas, chamamentos, vocativos |
| | Atitudinal | Especificação de Atitude | Interjeições |
| Representacional | Organizacional | Organização do Discurso | Marcadores de Fronteira (bem, olha, agora) e de orientação (tema e antitema) |
| | Do Conteúdo | Realização do Discurso | Respostas (sim, não), partículas <i>tag</i> |

(Adaptado de GASPARINI-BASTOS, 2004)

Quadro 2: Relação entre níveis e estratégias discursivas

Para o estudo que aqui propomos, este quadro oferece um entendimento razoável acerca do nível e do tipo de componente em que as formas de tratamento se realizam. Podemos situá-las no nível interpessoal, no componente interacional, que tem o Controle Interacional como estratégia discursiva.

Como veremos, as leituras sobre as bases do funcionalismo oferecem um modelo teórico consistente para a explicação dos mecanismos que agem na escolha das formas de tratamento durante o ato comunicativo.

Cabem também aqui observações sobre a abordagem funcionalista dos pronomes.

HALLIDAY (1985) entende os pronomes como um sistema de referenciação que prevê uma relação exofórica desde os seus primórdios.

“It seems quite likely that reference first evolved as an ‘exophoric’ relation: that is, as a means of linking ‘outwards’ to some person or object in the environment” (p. 291).

Ele entende que as formas dêiticas (eu, tu/você – ou ‘I’ e ‘you’ em inglês) são categorias básicas de referência no discurso, e têm a compreensão de seu significado garantido no ato da fala.

“Thus, ‘I’ was the one speaking: ‘you’, the one(s) spoken to; ‘he, she, it, they’ were the third party, ‘the other(s) in the situation’ ”(p. 291).

Halliday entende que a terceira pessoa pode até mesmo ser dêitica em algumas línguas, mas na maioria das vezes sua função é anafórica, apontando para elementos já mencionados anteriormente no texto (discurso).

DIK (1989) entende que os pronomes possuem algumas propriedades especiais, que os distingue de outros termos. Ele afirma que os pronomes possuem um valor descritivo mínimo, funcionamento basicamente como simples elementos que apontam para algo ou alguém no discurso, ou indicadores dêiticos de seus referentes. (p.130)

Segundo Dik, os pronomes podem ser descritos em termos de poucas distinções básicas, que sempre envolvem as características dos participantes do evento fala:

- Emissor ou Locutor (Primeira Pessoa)
- Receptor ou alocutário (Segunda Pessoa)
- Não Participante (Terceira Pessoa)

Além desses aspectos descritivos, pode-se posteriormente incluir outras categorias, como de Número (singular, dual, ternário, plural), Gênero (masculino, feminino, neutro) e Polidez (graus de polidez).

Dentro dessa abordagem funcionalista, o modelo de interação verbal e a gramática do Discurso se constroem em torno de uma expressão lingüística, mas esta é apenas mediadora na relação entre os interlocutores. De um lado, está a

intenção não apenas de passar um conteúdo, mas, principalmente, obter uma modificação na informação pragmática do ouvinte. O ouvinte não apenas recebe o conteúdo, mas aceita que sua informação pragmática seja modificada conforme pretendia o falante.

Segundo ILARI, FRANCHI & NEVES (1996:80), o pronome tem uma natureza fórica por excelência, da qual decorrem duas grandes funções da classe, uma interacional e outra textual.

A função interacional tem o papel de representar na sentença os papéis que os interlocutores assumem no discurso (função dêitica ou exofórica).

A função textual garante a continuidade do texto, remetendo reiteradamente aos mesmos argumentos (função endofórica).

Para esta pesquisa com as formas de tratamento, é importante ressaltar que a função interacional tem um papel fundamental, pois é na interação e na representação dos papéis discursivos que os pronomes de tratamento se apresentam.

A função típica dos pronomes é a de constituir expressões referenciais que representam na estrutura formal dos enunciados os interlocutores responsáveis pela enunciação.

Assim, Ilari, Franchi & Neves ressaltam que os pronomes de primeira pessoa (locutor/emissor) e os de segunda pessoa (alocutário / receptor) representam as pessoas que interagem lingüisticamente; são os interlocutores, os quais, na sucessão da fala, se opõem entre si nos seus papéis.

Os autores afirmam, oportunamente, que o quadro pronominal proposto pela gramática tradicional não reflete a realidade do uso do sistema pronominal do português brasileiro, pois já não se pode falar em “perfeita correspondência entre pessoas do pronome e pessoas do verbo”. Segundo os pesquisadores:

“Na maioria das variedades do português brasileiro, essa correspondência foi quebrada pela adoção, em lugar de *tu*, do pronome *você*, que, embora faça referência à pessoa a quem se fala, e seja, portanto, no ponto de vista nocional, um pronome de segunda pessoa, leva o verbo para a terceira, e co-ocorre com possessivos e pronomes átonos de terceira pessoa” (1996:90).

Os autores seguem afirmando que a forma *você*, originada de uma forma de reverência (*Vossa mercê*), é considerada nas gramáticas como um “pronome de tratamento”, e que de fato, essa forma co-ocorre com *senhor*, indo o verbo para a terceira pessoa. Entretanto, como o estudo mostrou, “*você*” suplanta no Brasil, a forma “*tu*”, razão pela qual colocam *você* ao lado de *tu* no quadro de pronomes pessoais da segunda pessoa do singular.

Quanto ao uso dos pronomes no *corpus*¹² analisado, as formas de pronomes pessoais encontradas foram:

- 1) para a primeira pessoa: eu / nós / a gente
- 2) para a segunda pessoa: *tu* / *você* / o senhor / a senhora
- 3) para a terceira pessoa: ele / eles / ela / elas

Os pronomes de primeira pessoa foram os mais utilizados (54,99%) no total geral por tipo de inquérito e por cidade.

No caso das formas de segunda pessoa do singular, que mais nos interessam aqui, “registrou-se que o pronome *você* é mais freqüente que *tu* no total geral, no total de todos os tipos de inquéritos e no total por cidade” (p.86). Nesse estudo, a forma *tu* ficou com apenas 2,42% de freqüência das ocorrências contra 97,57% para *você*.

“Exemplos retirados dos inquéritos mostram a sobrevivência de *tu*, concentrada na variedade regional de Porto Alegre, com um número de ocorrências pequeno em nosso *corpus*. (...) Trata-se de um uso fundamentalmente regional...”(pp.91-92).

Esses trabalhos serviram para nortear nosso estudo, pois o que se busca na região de Santos são as regularidades quanto ao uso das formas que se correlacionam. Essas regularidades, porém, são sempre determinadas pelas escolhas que os falantes fazem de acordo com sua função no jogo da linguagem, escolhas estas em grande parte dependentes de cada tipo particular de enunciação.

¹² Foram analisados os 15 inquéritos do NURC que compõem o *corpus mínimo* do Projeto Gramática do Português Falado.

3.2 Aspectos pragmático-discursivos e interacionais

De acordo com LEVINSON (1983), quando falamos em perspectiva pragmática, significa que vamos levar em consideração, entre outros, “a interpretação da linguagem numa perspectiva funcional”, ou seja, a explicação das múltiplas facetas da estrutura lingüística relacionadas a causas e eventos extralingüísticos (*apud* MONTEIRO:1994).

Quando se fala em um estudo que leva em consideração aspectos pragmáticos, quer-se dizer que se levam em conta também aspectos da fala, do contexto, e nunca a língua isolada de sua produção social. Os estudos pragmáticos vêem os fenômenos lingüísticos como fatos compostos por elementos criativos, inovadores, que se alteram e interagem durante o processo de uso da linguagem.

“A conversação representa uma atividade prática e cotidiana, cujo desenvolvimento depende da auto-organização patrocinada interacionalmente pelos interactantes” (HILGERT).¹³

Assim, os interlocutores são sujeitos da conversação e desenvolvem o processo conversacional por meio da interação. Quando a interação verbal é realizada, “um sistema de práticas, convenções, regras de comportamento é empregado” (GOFFMAN:1970:10).

Esse sistema corresponde a uma série de elementos: normas sociais, regras de conduta, etiqueta, tipo de norma lingüística adequada a cada situação discursiva, entre outros.

“A interação é um componente do processo de comunicação, de significação, de construção de sentido e que faz parte de todo ato de linguagem. É um fenômeno sociocultural, com características lingüísticas e discursivas passíveis de serem

¹³ Hilgert, J.G. citado por SILVA, Luiz Antonio da, Monitoramento na conversação: a interferência do ouvinte. in: *Dino Preti e seus temas*. São Paulo:Cortez, 2001.

observadas, descritas, analisadas, interpretadas. A abordagem interacional de um texto permite verificar as relações interpessoais, intersubjetivas, veiculadas pela maneira como o evento conversacional está organizado” (BRAIT,1993:194).

Dessa forma, aceitamos aqui que não é possível analisarmos qualquer fato lingüístico isoladamente de seu contexto discursivo ou conversacional. Para a escolha dos itens lexicais que farão parte da expressão lingüística, como é o caso dos pronomes de tratamento, é necessário que o falante se ajuste, automaticamente, ao contexto.

“Isso significa observar o texto verbal não apenas no que está dito, o que está explícito, mas também as formas dessa maneira de dizer, que juntamente com outros recursos, permitem uma leitura dos pressupostos, dos elementos que mesmo estando implícitos se revelam e mostram a interação como um jogo de subjetividades, um jogo de representações em que o conhecimento se dá através de um processo de negociação, de trocas, de normas compartilhadas, de concessões” (BRAIT:1993).

Consideramos, portanto, que a língua também é um fenômeno social e que, assim como contribui para a reprodução e transformação das estruturas sociais, também é transformada por elas. Vemos língua como uma ferramenta indispensável para a comunicação entre os falantes e para que estes possam se posicionar de maneira crítica em seu próprio mundo.

3.3 Teoria da variação lingüística

Para estabelecer procedimentos metodológicos que sirvam como subsídios à análise quantitativa do uso das formas de tratamento em Santos, o modelo proposto pela Sociolingüística, em especial a Variacionista é fundamental para este trabalho.

Convém desde já explicitar que esta pesquisa não trata de um fato de variação lingüística prototípico, conforme veremos adiante, mas usamos esta metodologia por acreditar que esta apresenta possibilidades diversas de ampliação do modelo inicialmente proposto.

A Sociolingüística Variacionista surgiu no final da década de 60 como uma resposta aos modelos teóricos que consideravam a língua um sistema homogêneo e invariável, e à noção de língua que faz abstração da variação. Assim, a Sociolingüística Variacionista firmou seu lugar ao provar que a variação é inerente ao sistema lingüístico.

Um marco fundamental para a caracterização da Sociolingüística enquanto ciência dotada de método foi o trabalho de William Labov em Martha's Vineyard, onde analisou um fenômeno de mudança lingüística - fônica – em processo na fala de seus habitantes. A partir de então, Labov passou a desenvolver uma série de pesquisas empíricas baseadas na teoria que ficou conhecida como Sociolingüística Quantitativa ou Variacionista.

LABOV (1972) concebe a língua como um sistema aberto, variável, dinâmico, sendo esta variação condicionada por fatores internos (estrutura da língua) e externos (social, variável de falante para falante).

LABOV (1968:241) afirma que os estudos do contexto social em que a língua é usada mostra que muitos elementos da estrutura lingüística estão envolvidos na variação sistemática e que tal fato reflete ambos em mudanças no tempo e processos sociais extralingüísticos. Segundo a proposta teórico-metodológica de Labov, a variação que se verifica numa determinada comunidade lingüística constantemente é atualizada de acordo com os padrões comportamentais da sociedade. O lingüista acredita que a mudança implica variação, mas a variação não implica necessariamente mudança.

A teoria laboviana permitiu chegar ao entendimento de que a variação lingüística fônica é passível de sistematização, e que não é caótica, antes apresenta regularidades que não são devidas ao acaso. Mostrou que existe uma relação

intrínseca e inseparável entre a língua e a sociedade, e a variação pode ser explicada por fatores internos e externos ao sistema. A língua passou a ser vista como um instrumento social de comunicação, sendo os atos lingüísticos eminentemente sociais e pragmáticos, instrumentos para se estabelecer e manter o relacionamento entre os indivíduos em sociedade. Ao dizer que a língua varia de acordo com a sociedade que a usa, LABOV (1968) afirma:

“ Variation in linguistic behavior does not in itself exert a powerful influence on social development nor does it affect drastically the life of the individual; on the contrary, the shape of linguistic behavior changes rapidly as the speaker’s social position changes (p.111).”

Neste primeiro momento do surgimento da Sociolingüística Variacionista, as explicações sobre as variações fonéticas recaíam com grande peso sobre os fatores externos, sociais, justamente na tentativa de se enfatizar a ligação da língua com a sociedade. Ao trabalhar com os aspectos fônicos da variação, Labov estabelece o conceito de regra variável, definida como duas ou mais formas distintas de se transmitir um mesmo conteúdo informativo.

“ The variants are identical in reference or truth value, but opposed in their social and/or stylistic significance” (LABOV, 1972).

Segundo Labov, uma determinada gramática não abrange somente as regras categóricas, que sempre se aplicam, mas também regras variáveis.

RODRIGUES (1987) afirma que Labov “...propôs incorporar o conceito de variação sistemática à descrição e à teoria lingüística: [pois], para ele, a heterogeneidade lingüística, assim como a homogeneidade, é governada por leis, não é livre, como se pensava até então” (p.144).

Segundo Rodrigues, a regra variável é constituída a partir da freqüência de dados empíricos. Destaca ainda, que é fundamental depreender os fatores condicionantes da aplicação da regra variável e avaliar a importância relativa de cada um deles, através do cálculo de probabilidade. Assim, o objetivo do estudioso é justamente avaliar a contribuição de cada fator para a aplicação ou não aplicação de uma lei da gramática (p. 145-146).

Segundo a pesquisadora, é possível a identificação de fatores para qualquer área de variação, num sentido estatístico, bem como as proporções relativas de cada variante, pois ela é condicionada por elementos dos contextos lingüístico e social (p.145).

Rodrigues (p.145) afirma que as regras variáveis são constituídas com base na freqüência de dados empíricos, mas que as chamadas “freqüências puras” podem ser enganadoras, porque seus cálculos não consideram as inter-relações entre os fatores que as influenciam.

Desta forma,

“é fundamental depreender os fatores condicionantes da aplicação de uma regra variável e avaliar a importância relativa de cada um deles, calculando a probabilidade com que a regra se aplica” (p.145).

As formas lingüísticas em variação numa determinada comunidade são chamadas de *variantes lingüísticas*. Estas são definidas como maneiras alternativas de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto. Assim, mesmo que sejam idênticas em seu valor referencial, as variantes podem se diferenciar quanto ao seu significado social ou estilístico.

Quando dizemos que nosso estudo não trata de uma variação lingüística prototípica, é porque há algumas restrições que não nos permitem tratar as formas de tratamento *tu* e *você* como formas distintas de se transmitir um mesmo conteúdo informativo, ou seja, variantes lingüísticas.

Os sociolingüistas em geral entendem que, para estabelecer-se o conceito de variável lingüística, é necessário que as duas ou mais variantes tenham o mesmo significado referencial ou denotativo. Assim, é comum dizermos que “Trabalho” e “trabalho” são variantes lingüísticas prototípicas. Não há qualquer diferença semântica ao pronunciarmos qualquer uma dessas formas.

No caso das formas de tratamento *você* e *tu*, apesar de as duas fazerem referência à segunda pessoa do discurso – portando, assim, um mesmo valor referencial - não são variações de um mesmo item lexical, tampouco podemos afirmar que as duas são equivalentes semanticamente e pragmaticamente. “*Tu*” é tradicionalmente o pronome primitivo de segunda pessoa, enquanto a forma *você*,

proveniente da forma nominal “Vossa Mercê”, sempre foi considerado um pronome de tratamento.

Por outro lado, as formas *tu* e *você* são usadas em Santos, ambas como referência à segunda pessoa do discurso, o que nos leva a tentar entender em que contextos ou em que situações pragmático-discursivas elas tendem a ocorrer e como se dá a competição entre essas duas formas.

Na realidade, as formas *tu* e *você* são idênticas quanto à referência ou valor de verdade, mas diferentes ou opostas em sua significação discursiva, pragmática e, até mesmo, social e estilística. Por essa razão, neste trabalho, optamos por utilizar o termo *variação lingüística* ao se referir ao fato em análise, e *variantes lingüísticas* ao se referir aos dois objetos de estudo. Também consideramos, para fins de análise, o uso de *tu* como “aplicação da regra variável” e o uso de *você* como “não aplicação”.

Com o avanço dos estudos sociolingüísticos, muitos pesquisadores se viram tentados a estender a teoria laboviana para outros níveis de análise, como a morfologia e a sintaxe.

Novamente, temos alguns entraves teóricos: ao tentar, por exemplo, a adaptação do sistema laboviano para estruturas sintáticas, fica difícil falar-se em “regra variável”, pois a noção de “variação sintática” é muito complexa (controversa): teriam duas formas sintáticas o mesmo significado? Será que ao dizer “Eu vou ir ao cinema amanhã” teria o mesmo significado de “Eu irei ao cinema amanhã”? É GADET (1992), entre outros, quem pergunta:

“Mais qu’est-*CE* qui garantit que lês différentes variantes sont bien variantes d’une même unité? Il y a ici um problème, sur lequel nous reviendrons plus loin: las variantes constituent ‘different ways of saying the same thing’. C’est clair pour la phonologie (les allophones), mais comment en ira-t-il hors de la phonologie?” (p.7).

Em um artigo célebre intitulado “Los limites de la variable sociolingüística”, Lavandera, discípula de Labov, afirma:

“...en el estado actual de la investigación sociolingüística, resulta inadecuado extender a otros niveles de analisis de la variación, la noción de variable sociolingüística desarrollada originalmente sobre la base de datos fonológicos” (LAVANDERA,1984).

Lavandera segue explicitando o porquê de não admitir que haja a expansão do modelo para outros níveis, e sua maior crítica é sobre a falta de uma teoria “bem organizada” dos significados. Faz uma crítica à comunicação apresentada em 1972 por Sankoff, ao dizer que:

“los três ejemplos presentados por Sankoff para apoyar su ‘convocatoria’ al estudio cuantitativo de la variación sintáctica son casos em los que la variación no parece comunicar significación social y estilística. Los factores condicionantes identificados son sintácticos...” (p.39).

Assim, Lavandera propõe que se deixe por hora a definição de que as variantes sintáticas possuem o mesmo significado, substituindo-a por um estudo da condição de igualdade funcional entre as formas sintáticas alternantes. Até certo ponto, pode-se afirmar que as críticas feitas pela discípula de LABOV foram amenas, e apenas serviram como ponto de questionamento para o aprimoramento do modelo.

Uma discussão rápida, porém precisa e cuidadosa, sobre a variação além dos níveis fonológicos está no artigo de SILVA (2003b). Neste artigo, Silva traça um resumo da problemática e passa a discutir a questão do significado. Contrapondo às idéias apresentadas por LAVANDERA (1984), Silva afirma que:

“ a análise variacionista tem como lidar com essas diferenças associadas a matizes semânticos ou a propriedades discursivo-pragmáticas dos tipos das que parecem ocorrer na passiva ou em alguns casos de ordenação de elementos(...). Elas podem ser controladas através dos fatores postulados como correlacionados ao fenômeno. Assim, por exemplo, podemos proceder a uma classificação dos referentes como veiculadores de informação nova ou velha e testar seus efeitos na mudança de ordem, buscando a existência da correlação” (p.69).

Nota-se claramente a tendência de “revestir” o modelo de análise laboviano de uma “teoria dura”, neste caso, de elementos do funcionalismo¹⁴. Ao tentar a explicação dos fenômenos de variação sintática dentro do modelo variacionista à luz da teoria funcionalista, SILVA (2003b) (entre outros) propõe um redirecionamento da visão prototípica de “regra variável” para a observação dos elementos em análise levando-se em consideração o discurso e a pragmática. É possível, dessa forma, determinar o que motiva a escolha entre uma ou outra forma, e observar como se comporta o fluxo de informação nas orações e quais as intenções que o falante possui ao optar por uma forma lingüística.

Baseando-nos nessas possibilidades de abertura do modelo laboviano e da extensão de sua regra variável nas pesquisas lingüísticas, tal como já fizeram alguns grandes pesquisadores, caminhamos nessa mesma direção ao tratar das formas de tratamento em Santos.

Concluindo, Silva ainda dá notícias de críticas feitas a Labov por deixar de lado em suas últimas pesquisas fatores externos, beneficiando fatores internos. Segundo Silva,

“ Essa mudança de perspectiva se deveu também à constatação, validada por análises empíricas de diferentes fenômenos não fonológicos, de que nesses fenômenos não se encontram com a mesma facilidade as correlações entre os fatores sociais e as variáveis investigadas” (p.71).

Silva conclui que tal fato não constitui uma perda para o modelo variacionista, antes representa um avanço nas questões de natureza teórica, um aprofundamento no debate dos fatores internos.

BRAGA(1992) dá um exemplo claro e didático quanto ao casamento entre o variacionismo e o Funcionalismo. Ao trabalhar com os condicionamentos discursivos, ela demonstra que é possível lidar com conceitos como status informacional, aspectos relacionados à coesão e contraste na análise de constituintes nominais, cláusulas, realizações variáveis de sujeito e contraste proposicional. Até este ponto, fica evidente que o modelo variacionista tende a

¹⁴ Outras associações foram feitas com sucesso, como a proposta por Tarallo e Kato, em que se concilia a teoria gerativista com a sociolingüística quantitativa.

expandir suas possibilidades, demonstrando, comprovando e até provendo análises de dados probabilísticos, reforçando as considerações feitas a partir de um determinado construto teórico.

Por fim, não se pode deixar de citar o trabalho de GRYNER & OMENA(2003), que propõe o estudo das chamadas “variáveis semânticas”. Sem se aprofundarem em questões teóricas, as autoras propõem trabalhar com “conteúdos que dependem do conhecimento de mundo e/ou do contexto para sua interpretação: animacidade, indeterminação e grau de certeza”(p.89).

O grande obstáculo de se trabalhar com questões semânticas são explicitados pelas próprias pesquisadoras:

“ É importante ressaltar que o caminho que leva à definição destes parâmetros não está livre de obstáculos. Ao contrário, os limites entre as categorias nem sempre são nítidos; muitas vezes as definições, freqüentemente ambíguas, têm de dar conta de diferenças sutis e escorregadias” (p. 89).

É nesse sentido que se deve ter muita cautela ao tratar desses aspectos, pois acima do nível morfossintático, os significados podem estar imbricados não somente no referente lexical, mas no discurso, e, não raro, no próprio ato da enunciação, envolvendo as condições de produção, a atitude do falante em relação ao seu conhecimento de mundo, suas intenções, entre outros. A tentativa, no entanto, não pode ser invalidada, pois “como variáveis lingüísticas internas a influir na variação, os traços semânticos constituem um campo aberto à investigação”(p.100). Nas palavras das autoras, são perspectivas que vêm a desafiar o pesquisador.

Diante do esboço realizado, pode-se perceber claramente que houve ajustes no modelo laboviano para que se adaptasse às exigências de pesquisas que foram surgindo.

Assim, ainda que haja um longo caminho a ser percorrido até que os ajustes epistêmicos mais sutis sejam feitos, não há como negar que o modelo se expandiu, demonstrando ser capaz de dar conta das mais diversas exigências, e se enriquecendo sobremaneira com as uniões estabelecidas com outras teorias como o Funcionalismo, como aqui se propõe para a análise das formas de tratamento em Santos.

3.4 Variação estilística

Um aspecto importante do modelo laboviano para o estudo das formas de tratamento é a noção de variação estilística. A variação estilística trata da alternância de formas lingüísticas que o usuário emprega de acordo com o contexto no qual está inserida sua atuação comunicativa.

A variação de estilos não deve ser entendida como uma mera escolha individual, visto que é em grande parte dependente de fatores contextuais, tipo de relação entre os interlocutores, classe social, gênero dos interlocutores, idade, meio ambiente físico e tópico discursivo. Tais escolhas são consequência do que LABOV (1972,1983), ao estudar as diferenças nos usos da linguagem em seu contexto social, chama de *variação estilística*.

O princípio básico da *variação estilística* é que o falante não utiliza a língua da mesma forma em todas as ocasiões, o que implica a escolha de diversas possibilidades de expressão. Para Labov, há um *continuum* que vai da máxima informalidade até a máxima formalidade.

Tal conceito foi muito importante para o estabelecimento dos fatores, arrolados nesta pesquisa, que podem influenciar no momento em que o interlocutor tem de fazer a escolha de um tratamento adequada para determinada ocasião, dentro de um determinado contexto discursivo, levando em conta, inclusive, os interlocutores e suas características (escolaridade, sexo, etc).

SILVA CORVALÁN (1989) afirma que escolhas lexicais e sintáticas estão condicionadas por vários aspectos da situação: a relação de intimidade que o falante possui com o interlocutor e o grau de formalidade que o contexto pede.

Segundo a pesquisadora, “la lengua no es solamente sensible a características sociales del hablante(...), sino también al contexto situacional en el que éste se encuentra. Este contexto determina en gran medida la elección de formas lingüísticas que el hablante tiene a su disposición en el repertorio verbal de su comunidad”(p.88).

Assim, de acordo com essa noção, procuramos determinar alguns critérios para que as gravações fossem feitas, como por exemplo, o fator proximidade dos interlocutores e grau de formalidade do discurso. Todos os informantes mantiveram

conversa com pessoas com as quais possuem amizade ou convivência diária, pois nossa intenção é verificar a alternância entre as formas *tu* e *você* em situações informais. Há também, para o caso do monitoramento de fala, as gravações secretas e as gravações não – secretas. Esses critérios serão abordados detalhadamente em momento posterior.

LABOV (2001:85) considera duas formas possíveis de compreender o estilo lingüístico. Uma é a concepção de estilo enquanto um fenômeno somente naturalístico e etnográfico, noção esta que busca mostrar que a variação estilística é inerente ao sistema lingüístico e balizada por mudanças no contexto social. Assim, pode-se perceber que as línguas possuem um sistema gramatical que os falantes dominam e cuja função é organizar seqüências de palavras e frases, sendo que a interação destas é que resulta na inter-relação entre indivíduos e sociedade.

Outra é a concepção de estilo como um meio controlado para se medir a dinâmica da variação lingüística, de forma a se poder saber como os falantes correlacionam as formas lingüísticas nos mais variados contextos de fala e qual a freqüência de uso em seus cotidianos. A nós interessa esta última concepção acerca do estilo: como este pode explicar o uso das formas de tratamento.

Labov diz que toda variação apresenta uma estratificação social e outra estilística e acredita que, ao entendermos o grau de monitoramento da fala em conjunto com a configuração do contexto conversacional, ““it becomes a major problem to apportion the variance among these two effects, and to derive the higher level generalization that will predict the result””(p.08).

Dessa forma, interseccionar o monitoramento da fala com a configuração do contexto conversacional, segundo ele, é uma tarefa muito árdua, mas não impossível de ser sistematizada, organizada.

BORTONI-RICARDO (2002:336) cita quatro fatores que estabelecem o nível de monitoramento do falante e, conseqüentemente, interfere na variação estilística envolvida no ato comunicacional:

- i) a acomodação do falante ao seu interlocutor, fator que se refere ao tipo de relação existente entre os interlocutores;
- ii) o apoio contextual na produção dos enunciados;

iii) a complexidade cognitiva envolvida na produção temática (que se refere ao quanto o falante entende sobre o tópico discursivo); e

iv) a familiaridade do falante com a tarefa comunicativa que está sendo desenvolvida.

Além da atenção prestada à fala e da projeção que o falante faz de seu ouvinte, deve-se levar em conta também estes fatores no processo de escolha estilística que o falante faz.

As considerações de Dik (1986:16) servem para corroborar os fatores estabelecidos por Bortoni-Ricardo:

“Our ways of speaking are in many ways dependent on the social-cultural circumstances in which we speak. These dependencies can be described, on the one hand, in terms of aims that we wish to reach in communication: whatever the ultimate communicative goal, our speaking necessarily also has a relational aspect: in speaking we aim, first, at establishing and maintaining contact with our Addressee; second, we signal the type of social relationship which exists or should exist between ourselves and our Addressee. On the other hand, the socio-cultural determinants of linguistic behavior can be described in terms of constraints imposed on that behavior by the social-cultural circumstances in which it is implemented: we cannot say just anything in any type of social environment”.

Apesar de não usar o termo “variação estilística”, Dik fala em “*social-cultural circumstances*”, que podemos entender como sendo o mesmo fenômeno. Essas reflexões acerca das circunstâncias sócio-culturais em que o evento de fala é produzido foram importantes para que pudéssemos estabelecer os fatores que interferem na correlação dos pronomes de tratamento em Santos.

3.5 Implicações Metodológicas: o modelo de análise

A teoria variacionista dá conta de grande parte da metodologia a ser empregada, pois, diferente de outras correntes lingüísticas, parte do pressuposto de que a diversidade lingüística pode ser analisada de forma coerente.

A metodologia da Sociolingüística Variacionista abrange a quantificação dos dados em variação, em relação a fatores que contribuem para a escolha de formas variantes. O fato de se realizar uma pesquisa empírica se dá pelo fato de que, sendo uma ciência social, a sociolingüística depende da observação do comportamento humano.

Normalmente, a investigação sociolingüística se dá através de registros da fala, estabelecendo-se um plano para gravação de entrevistas de diversos tipos. O maior problema metodológico é que na maioria das vezes, os meios utilizados para a gravação interferem nos próprios dados. Assim, um fato de variação presente na fala espontânea de determinados informantes pode não ocorrer na entrevista.

Tal fato se dá, conforme RODRIGUES (1987) porque o pesquisador que quiser coletar amostras da língua falada em qualquer comunidade a que ele não pertence, tem de se transformar em um “igual lingüístico” com relação ao seu informante. Segundo a autora, se o que se pretende é averiguar como as pessoas falam espontaneamente sem serem observadas sistematicamente, a presença do entrevistador pode afetar o estilo de fala do entrevistado. Esse é o problema que Labov chama de *paradoxo do observador*.

Tal efeito pode ser minimizado através de algumas técnicas apontadas em LABOV (1972,1983), como por exemplo o relato de experiências pessoais, em que o entrevistado começa a contar um fato que aconteceu consigo e aos poucos se afasta do monitoramento causado em virtude da presença do gravador e do entrevistador.

Para a pesquisa que aqui propomos, não é possível seguirmos o modelo prototípico das entrevistas labovianas, pois a alternância entre formas de tratamento do interlocutor só aparece em situações de fala espontânea, entre dois interlocutores em situação de conversação face a face.

ABREU (1988:19) diz que “ o estudo sociolingüístico do tratamento é dificultado pela própria natureza do fenômeno em exame. Diferente de um fonema ou de uma estrutura sintática, que podem ocorrer inúmeras vezes ao longo do

depoimento de um mesmo informante, o tratamento é de baixa freqüência, visto que se restringe, usualmente, às eventuais referências ao interlocutor”.

Mesmo cientes de todos esses problemas metodológicos, decidimos fazer gravações em situações diversas, procurando encontrar a melhor forma de realizar o processo de coleta de dados. Passaremos, a seguir, a delimitar a metodologia utilizada, a forma como coletamos os dados, caracterização da amostra e qual o caminho percorrido para que chegássemos aos resultados dos cálculos estatísticos.

Cabem aqui também considerações sobre as normas de transcrição dos inquéritos utilizadas.

Usamos como referência para a transcrição dos dados as normas sugeridas pelo projeto NURC/SP(PRETI:1999), com algumas alterações devido à natureza do objeto a ser analisado.

- a) Incompreensão de palavras: usamos o sinal (...)
- b) Hipótese do que se ouviu: colocamos o trecho duvidoso entre parênteses (hipótese)
- c) Truncamento, desvio de assunto ou perda de turno: usamos o sinal /.
- d) Prolongamento de vogal ou consoante: usamos o sinal ::, podendo aumentar o número de pontos conforme a necessidade.
- e) Interrogação: usamos o sinal convencional ?.
- f) Qualquer pausa: usamos reticências, que podem ser dobradas: ... ou
- g) Comentários contextuais do transcritor: usamos (()).
- h) Expressividade do ato discursivo e formas de tratamento: usamos itálico.

As citações de exemplos no corpo do trabalho serão feitas indicando-se o número do inquérito utilizado e o tipo de gravação feito, se secreta ou não-secreta.

Ex: GS: Gravação Secreta / GNS: Gravação Não- Secreta

3.6 A amostra analisada

Não existia, até então, na cidade de Santos, um trabalho que envolvesse a constituição de *corpora* da fala da região. Sendo assim, nossa amostra é formada

por dados coletados exclusivamente para esta pesquisa, de abril de 2003 a agosto de 2005.

Observações empíricas nos levaram a entender que a variação *você/tu* em Santos ocorre em contextos extremamente informais, na fala de jovens e adultos em suas interações cotidianas. Dessa forma, não pudemos utilizar na coleta dados nos padrões variacionistas prototípicos, uma vez que a relação entrevistador – informante não seria entre pares, tampouco, na maioria das vezes, simétricas.

De início, encontramos muitas dificuldades para decidir qual o melhor meio para coleta de dados, de forma que pudéssemos registrar o fenômeno de variação de forma eficiente. Decidimos então trabalhar com duas possibilidades:

- a) gravações secretas
- b) gravações não-secretas (conscientes)

Devido à natureza do objeto de estudo, foi necessário recorrer à técnica da gravação secreta, resguardando-se os aspectos éticos que essa forma de investigação exige. Sempre após as gravações, o material coletado era mostrado aos informantes; assim eles tiveram liberdade para aceitá-los e autorizar ou não o seu uso.

As gravações foram feitas em várias situações do cotidiano, quando percebíamos que o ambiente era propício a uma boa gravação, sem ruídos. Muitas gravações foram inutilizadas porque se tornava impossível fazer uma transcrição confiável. Um outro aspecto que dificultou este tipo de coleta de dados é que o investigador não teve controle sobre algumas variáveis e sobre o tempo de duração das gravações. Isso explica as variações entre o tempo de cada gravação.

As gravações conscientes foram feitas da seguinte forma: demos inicialmente total liberdade de temas para pessoas com grande afinidade entre si – amigos íntimos e irmãos. Muitas vezes, durante as gravações, a presença do documentador dificultou o estabelecimento de um clima de maior descontração, e então ele se retirou para deixar os entrevistados conversarem mais à vontade. Em outras ocasiões, ele instigou a conversa, interagindo até onde fosse necessário.

Decidimos trabalhar com 10 gravações secretas e 10 gravações não - secretas. O recorte que fizemos não abrange toda a complexidade do fenômeno estudado, mas nos possibilita ter uma visão de sua configuração na comunidade de

fala. A seguir passamos à sinopse de cada inquérito, bem como suas condições de produção e duração.

3.6.1 As gravações Conscientes (Não-Secretas)¹⁵

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|--|
| 01 | 29:56 | 25/07/2004 | F1: Homem, 35 anos, professor universitário, santista, F2: Homem, 24 anos, professor Universitário, santista F3: Mulher, 30 anos, professora, santista |

Quadro 3 . Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 01

Esta gravação foi feita na casa da informante F3, em Santos, Centro. F1 é irmão de F3. F2 é o entrevistador, que não participa diretamente da conversa, somente quando envolvido pelos informantes. A conversa se dá na sala da residência.

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|---|
| 02 | 15:09 | 10/08/2004 | F 1: Mulher, 39 anos, fonoaudióloga e pedagoga, santista F 2: Mulher, 40 anos, psicóloga, santista. F3: Mulher, 32 anos, psicóloga, santista P: paciente (garota adolescente de 15 anos) |

Quadro 4 . Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 02

Conversa gravada em um consultório de psicologia, entre psicólogas colegas de trabalho a respeito de clientes e assuntos relacionados a uma escola em que uma delas é a coordenadora pedagógica. Em um ponto da gravação aparece uma quarta pessoa, uma paciente adolescente, aluna da referida escola, que está na sala de espera para ser atendida. A conversa termina com uma delas comentando sobre uma pousada numa praia.

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|--|
| 03 | 13:00 | 11/11/2004 | F1: homem, 25 anos, professor, santista (entrevistador) F2: homem, 19 anos, estudante ensino médio, santista F3: homem, 19 anos, estudante ensino médio, santista F4: homem, 18 anos estudante ensino médio, santista |

Quadro 5 . Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 03

¹⁵ Duração em minutos e segundos

Conversa gravada em sala de aula de uma escola de nível fundamental e médio santista. Os temas foram lançados pelo entrevistador entre os três amigos de idades semelhantes.

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|--|
| 04 | 10:00 | 25/07/2004 | F1: Mulher, 35 anos, professora, santista F2: Mulher, 34 anos, pedagoga, santista F3: Mulher, 24 anos, do lar, (?) |

Quadro 6 . Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 04

Conversa entre três amigas sobre escolas infantis, crianças e festas infantis. A conversa foi gravada na casa de F1.

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|--|
| 05 | 12:00 | 29/03/2005 | F1:mulher, professora, santista, 35 anos F2:mulher, professora, santista,38 anos F3: mulher, professora,santista,45 anos F4: mulher,coordenadora, santista, 26 anos |

Quadro 7 . Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 05

Professoras conversam na sala dos professores numa escola situada no centro de Santos. Conversa é gravada durante o intervalo, no período da manhã.

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|--|
| 06 | 13:15 | 03/06/2005 | F1: homem, estudante universitário,25 anos, santista F2:homem, estudante universitário, 23 anos, santista |

Quadro 8 . Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 06

A conversa se dá numa sala de uma faculdade da região. Os informantes foram deixados a sós, durante o tempo da entrevista. Conversaram sobre assuntos diversos: filmes, peças e hábitos cotidianos.

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|--|
| 07 | 22:00 | 20/08/2005 | F1: homem, professor universitário, 35 anos, santista F2:mulher, professora universitária,34 anos, santista F3:homem, professor universitário, 25 anos, santista (E) |

Quadro 9 . Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 07

A conversa se deu no carro, durante o trajeto para casa, após a jornada noturna de aulas na faculdade. F1 e F2 são marido e mulher, respectivamente, e F3 é o entrevistador, que participa esporadicamente da conversa. Os temas são variados, mas envolvem basicamente assuntos relacionados ao dia a dia da faculdade, e da relação com os colegas e alunos.

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|---|
| 08 | 15:00 | 26/08/2005 | <i>F1: homem, estudante ensino médio, 17 anos, santista</i> <i>F2: homem, profissional liberal, 25 anos, (santista)</i> <i>F3: homem, estudante ensino médio, 19 anos, (santista)</i> <i>F4: homem, professor universitário, 25 anos, santista (E)</i> |

Quadro 10. Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 08

A gravação se deu na casa do pesquisador, que convidou seus amigos para uma conversa informal a ser gravada. Os informantes são evangélicos e aprendizes de música, então os temas estão ligados em sua maioria à música e religião.

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|--|
| 09 | 15:00 | 29/08/05 | <i>F1: homem, estudante universitário, assessor político, 30 anos, santista</i> <i>F2: mulher, estudante universitária, 35 anos, santista</i> |

Quadro 11. Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 09

A gravação se deu em uma sala de uma faculdade da baixada santista. São dois colegas de classe falando sobre a falta de tempo para a execução das tarefas da faculdade, assaltos ocorridos nas regiões próximas à faculdade. Falam sobre o desfile cívico das escolas.

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|--|
| 10 | 14:00 | 29/08/05 | <i>F1: homem, estudante universitário, 27 anos, paraibano que veio para Santos com 7 anos</i> <i>F2: mulher, estudante universitária, 30 anos, santista</i> |

Quadro 12 . Informações sobre o Inquérito Não-Secreto 10

A gravação ocorreu em uma sala de uma faculdade da baixada santista. Falam sobre temas relacionados à faculdade: professores, trabalhos, entre outros. Em certo ponto da gravação, passam a falar de casamento, filhos e alguns apelidos que os colegas de classe dão entre si.

3.6.2 As gravações Secretas

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|--|
| 01 | 10:00 | 20/04/2004 | F1: Homem, 18 anos, instrutor, santista F2: Homem, 24 anos, professor, santista |

Quadro 13 . Informações sobre o Inquérito Secreto 01

Os dois interlocutores se encontram no quarto do irmão mais velho, que está diante do computador, conversando com o mais novo. A conversa gira em torno de jogos de computador.

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|--|
| 02 | 22:00 | 28/06/2004 | F1: homem, 2ª faixa etária, professor, santista F2: homem, 2ª faixa etária, professor, santista, F3: mulher, 2ª faixa etária, diretora escolar, (?) F4: mulher, 2ª faixa etária, orientadora educacional, santista F5: mulher, 2ª faixa etária, professora, (?) F6: mulher, 2ª faixa etária, coord. pedagógica, santista F7: homem, 2ª faixa etária, professor, santista F8: mulher, 2ª faixa etária, professora, (?) F9: homem, 2ª faixa etária, professor, (?) F10: homem, 2ª faixa etária, professor, santista |

Quadro 14 . Informações sobre o Inquérito Secreto 02

Reunião pedagógica e Conselho de Classe em escola particular da Baixada Santista. Os professores, em sua maioria santistas, abordam temas relacionados à aula e aos alunos. Os professores possuem alto grau de afinidades e a relação é de grande envolvimento e recíproca.

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|---|
| 03 | 40:32 | 05/07/2005 | F1: Mulher, 30 anos, vendedora, santista F2: Homem, 24 anos, professor, santista F3: Mulher, 24 anos, vendedora, santista |

Quadro 15 . Informações sobre o Inquérito Secreto 03

A informante F1, amiga do casal F2 e F3, é convidada pelo pesquisador a visitar sua casa, que então passa à gravação secreta. Os assuntos são variados, indo de estudos, trabalho, lembranças do passado a assuntos de política local.

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|---|
| 04 | 18:09 | 22/02/2005 | F1: Homem, 18 anos, estudante ensino médio, santista F2: Homem, 18 anos, estudante ensino médio, santista F3: Homem, 18 anos, estudante ensino médio, santista F4: Mulher, 30 anos, professora, santista |

Quadro 16 . Informações sobre o Inquérito Secreto 04

Discussão entre jovens estudantes na sala de aula, após o término do período, para fins de trabalho em grupo, sobre o filme “Alexandre, o Grande” – a conversa se desviou do assunto quando a professora de literatura entrou na sala onde o grupo estava reunido e encaminhou várias discussões.

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|---|
| 05 | 20:02 | 08/12/2004 | F1: Mulher, 31 anos, professora, santista F2: Homem, 43 anos, professor, santista F3: Homem, 25 anos, professor, santista F4: Mulher, 45 anos, professora, caíçara (São Vicente) |

Quadro 17 . Informações sobre o Inquérito Secreto 05

Momento informal numa escola, na sala dos professores, quando estes passavam as notas no diário, alguns dias antes das férias. Os assuntos, são variados e as relações entre os informantes são extremamente informais.

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|---|
| 06 | 25:00 | 30/08/2005 | F1: homem, professor universitário, 35 anos, santista F2: mulher, professora universitária, 34 anos, santista F3: homem, professor universitário, 25 anos, santista (E) |

Quadro 18 . Informações sobre o Inquérito Secreto 06

A conversa se deu no carro, durante o trajeto para casa, após a jornada noturna de aulas na faculdade. F1 e F2 são marido e mulher, respectivamente, e F3 é o entrevistador, que participa da conversa não consciente de que estava sendo gravado. F2, mulher de F1, acionou o aparelho sem que F3 percebesse. Os temas são variados, mas envolvem basicamente assuntos relacionados ao dia a dia da faculdade, e da relação com os colegas e alunos. Os interlocutores são os mesmos do inquérito 07 (não secreta). Aqui, porém, F1 e F3 não sabiam que a conversa estava sendo gravada. F2 pouco se manifesta.

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|--|
| 07 | 4:00 | 23/08/2005 | F1: homem, estudante ensino médio, 16 anos, santista F2: homem, estudante ensino médio, 16 anos, santista F3: homem, (?) |

Quadro 19. Informações sobre o Inquérito Secreto 07

Conversa gravada com o gravador colocado embaixo da carteira durante o intervalo de aula em uma escola de Santos, Centro. Comentam sobre um determinado local aonde iriam, e depois passam a falar das garotas da sala de aula.

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|--|
| 08 | 4:02 | 19/08/2005 | F1: homem, estudante ensino médio, 17 anos, santista F2: homem, estudante ensino médio, 16 anos, santista |

Quadro 20 . Informações sobre o Inquérito Secreto 08

Gravação feita no intervalo das aulas, em uma escola de ensino fundamental e médio de Santos. Os jovens estudaram no ano anterior na mesma classe, e agora se encontraram na sala dos professores, e o pesquisador convidou-os a se sentarem para conversar e a gravação foi feita.

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|--|
| 09 | 5:50 | 24/08/2005 | F1: homem, estudante, 16 anos, santista F2: homem, estudante, 17 anos, santista |

Quadro 21 . Informações sobre o Inquérito Secreto 09

A gravação foi feita durante o intervalo das aulas, numa sala de aula. Os temas são variados. Falam de provas, surfe, namoradas e cinema.

| Nº | Duração | Data do Registro | Informantes |
|----|---------|------------------|--|
| 10 | 5:00 | 02/09/2005 | F1: mulher, estudante, 17 anos, santista F2: mulher, estudante, 16 anos, santista |

Quadro 22 . Informações sobre o Inquérito Secreto 10

O professor saiu da sala, logo após sua aula, e deixou o gravador ligado durante o intervalo. As jovens comentam sobre as atividades que ocorrerão no feriado. Falam de atividades relacionadas às aulas e provas.

Convém esclarecer que a variável analisada é binária, no sentido de que há duas possibilidades de variação: *tu* ou *você*. Isto quer dizer que as realizações de *você* que ocorreram nos dados, a saber, *você* e *cê*, foram agrupadas em apenas uma variante, apresentada pela forma plena, *você*.

3.7 Suporte estatístico

Defendemos a hipótese de que a variação lingüística não é aleatória, mas determinada por uma série de fatores internos e externos à língua que, combinados em um ato comunicativo, podem contribuir para a escolha de uma ou outra variante.

“...o pressuposto básico do estudo variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade lingüística, tal como homogeneidade, não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras” (MOLLICA,2003:15).

Queremos aqui provar a não sustentabilidade da hipótese nula, ou seja, não aceitamos a hipótese de que a variação seja aleatória. Voltamos a afirmar que nosso estudo sobre as formas de tratamento usadas em Santos não trata de um caso prototípico de variação lingüística, mas assim nos referiremos ao fenômeno como discutimos no item 3.3.

O problema maior ao tratar de variantes lingüísticas, é o quanto cada fator pode interferir nas escolhas feitas pelos falantes. A teoria variacionista tem lidado com essa questão satisfatoriamente, uma vez que leva em consideração resultados dos cálculos de freqüências de uso das variantes e o peso relativo de cada fator.

Segundo NARO (2003:16) “o problema central que se coloca para a Teoria da Variação é a avaliação do *quantum* com que cada categoria postulada contribui para a realização de uma ou de outra variante das formas em competição”.

A Sociolingüística Quantitativa, assim conhecida, faz combinações entre fatores lingüísticos, sociais e, mais recentemente, discursivo-pragmáticos, com base num modelo logístico-matemático que mede os efeitos do *quantum* de cada fator sobre a variação.

Para tanto existem programas computacionais que fornecem o suporte estatístico. Nesta pesquisa fizemos uso do programa computacional GoldVarb 2001 (Robinson et al., 2001), o qual é uma adaptação para o sistema operacional Windows do programa Varbrul 2S (Pintzuk, 1988), que roda no antigo DOS¹⁶.

Para que os dados sejam utilizados pelo programa, é necessário que sejam atribuídos códigos a cada variável dependente e a cada fator de variação. Após a codificação dos dados, o programa gera freqüências absolutas e relativas de ocorrência da variável para cada grupo de fatores.

Através da geração das freqüências absolutas e relativas, o programa oferece também tabelas mostrando grupos de fatores que possuem problemas a serem corrigidos antes de se gerarem os pesos relativos. Os problemas podem se

¹⁶ Não consideramos relevante para a finalidade a que se destina este trabalho aprofundarmos a discussão sobre o modelo lógico-matemático utilizado pelo programa GoldVarb 2001, e sim sobre os resultados estatísticos por ele apresentado para fins de análise.

apresentar por diversas causas, como falta de dados em algum fator ou pelo efeito categórico de algum fator.

Os pesos relativos são gerados através de cálculos logísticos específicos, levando-se em consideração frequências corrigidas em relação aos efeitos dos fatores das variáveis independentes sobre a variável dependente. O peso relativo só pode ser calculado se não restarem fatores que apresentem efeito invariante ou categórico (*knockout*). Caso isso aconteça, o pesquisador deve retirar os dados correspondentes a ele da análise quantitativa, mas pode utilizar esse efeito knockout em comparação com outros fatores ou apontando questões sobre variação e mudança lingüística.

Para calcular os pesos relativos, o programa faz um teste de máxima verossimilhança (*loglikelihood*), indicando o grau de adequação entre os valores projetados e os valores observados, estabelecendo níveis de significância, que medem a probabilidade da seleção estatística de uma determinada variável independente, na rejeição ou não da hipótese nula.

O programa gera pesos relativos de duas formas. No processo denominado *step up*, o programa escolhe os grupos estatisticamente relevantes na explicação da variação num processo crescente. Num primeiro momento, ele calcula os pesos relativos de cada fator isoladamente, selecionando o grupo mais relevante. Logo em seguida, o programa vai combinando os grupos de fatores ponderando todos os grupos de fatores. Ao final do processo, o programa indica qual foi a melhor rodada, que será aquela combinando os grupos considerados mais relevantes.¹⁷

No processo *step down*, são calculados os pesos relativos de todos os grupos de fatores em conjunto, de forma a eliminar, um a um, os grupos que não apresentam significância estatística, até o ponto em que os demais grupos sejam estatisticamente significativos. O programa aponta, após esse processo, qual foi a melhor rodada, a qual considera todos os grupos de fatores que não foram eliminados.

A interpretação dos pesos relativos depende em grande parte do tipo de análise. Neste trabalho consideramos o uso de *tu* como aplicação da regra, e *você/ce* como não aplicação. Analisamos então os dados de forma binária, onde

¹⁷ Os grupos não selecionados pelo programa não devem ser excluídos, pois podem ser utilizados em outras análises pelo pesquisador.

consideramos os pesos relativos próximos de 1,0 como favorecedores da aplicação da regra em relação ao fenômeno estudado, e os pesos próximos de 0,0 como desfavorecedores em relação à aplicação da regra.

Segundo SANKOFF (in LUCCA,2005:70), “a relação entre os pesos relativos de um grupo de fatores deve receber especial atenção, no sentido de que, mais importante do que observar os valores em si, é comparar e medir as diferenças entre si. É a comparação dos efeitos de quaisquer dois fatores em um grupo de fatores (medida pela suas diferenças) que é importante, e não seus valores individuais”.

Assim, as falas foram transcritas, os dados foram codificados e submetidos ao programa computacional GoldVarb 2001, o qual forneceu o suporte estatístico desta análise, gerando frequência de ocorrência de cada variante, bem como seus pesos relativos, selecionando por fim as variáveis estatisticamente significativas no condicionamento da variação *tu/você*.

4. Análise dos dados

4.1 Grupo de fatores controlados

Num primeiro momento, procuramos verificar como os grupos de fatores podem influenciar na alternância de uso das formas *tu* e *você* na cidade de Santos. Assim, iniciamos a análise contando com três fatores sociais, um fator lingüístico e dois fatores discursivo-pragmáticos. Elencamos abaixo os grupos de fatores controlados durante a pesquisa.

1. Variáveis Sociais

- a) Gênero
- b) Faixa Etária: Primeira (de 15 a 20 anos) e Segunda (21 anos ou mais)
- c) Escolaridade (Ensino Médio ou Ensino Superior)

2. Variável Lingüística

- a) Função Sintática da forma de tratamento (Função Subjetiva ou Função Objetiva)

A função sintática das formas de tratamento foi analisada de acordo com seu comportamento sintático no enunciado. As formas com função subjetiva são *tu* e *você*, enquanto as formas com função objetiva são *te* (aqui consideradas também suas variações *a(para) ti* e *contigo*) e *você*, este último com ou sem preposição.

Acerca da função sintática da forma *te*, convém esclarecer que ela pode ocorrer como objeto direto e como objeto indireto.

Quanto a este último, VILELA(1992) estabelece que o Complemento Indireto como elemento obrigatório é o objeto indireto prototípico – o dativo. Os complementos indiretos como elementos não obrigatórios são os dativos livres.

“Os traços marcantes do Complemento Indireto são, no aspecto formal, a presença de preposição a (e eventualmente para), a sua redução anafórica a *lhe/ lhes* e, no aspecto semântico o fato de apresentar, normalmente, o traço [+ animado]...” (p. 125)

Sendo assim, consideramos aqui o objeto indireto dativo “*a (ou para) ti*”. A forma *contigo*, apesar de não ser considerada um objeto indireto prototípico, também foi contemplada nessa pesquisa, pois também faz referência ao interlocutor.

Consideramos aqui, portanto:

- a. *te, contigo e a/para ti*
- b. *você e a/para você*

Ex:

Função Subjetiva

F2: qual a parte que tu mais gostou? até agora.... (I.1,GS)¹⁸

Função Objetiva

F1: ... eu vou te falar uma coisa viu Ofélia... a mãe dele num tem tempo ó... ele inclusive num entregou o trabalho... o trabalho foi pedido em treze de abril... pra entregar até 31 de maio... é eu acho que é o segundo bimestre consecutivo que ele num me entrega trabalho...

(I.02,GS)

3. Variáveis discursivas

a) Referenciação (referência direta, indireta e indeterminada)

A noção de referência está diretamente ligada à noção de *frame* (ou moldura enunciativa) proposta por GOFFMAN(1974):

¹⁸ A identificação dos eventos de fala será feita de acordo com as indicações feitas na seção 3.5, p.63

“I assume that definitions of a situation are built up in accordance with principals of organization which govern events [...] and our subjective involvement in them; *frame* is the word I use to refer to such of these basic elements as I am able to identify” (GOFFMAN:1974,p.10).

Os *frames* ou “molduras enunciativas” são estruturas cognitivas básicas que guiam a percepção e a representação da realidade. Geralmente, segundo Goffman, os *frames* não são produzidos de maneira consciente, mas são adotados naturalmente no curso do processo comunicativo.

Assim, entendemos por referência direta aquela na qual o falante se dirige diretamente ao seu interlocutor, ou seja, participa ativamente do contexto, da realidade na interação.

Ex:

F1: ô... tu lembra quando o... quem é que caiu uma vez na vala? (I,3,GS).

A referência indireta ocorre quando alguém cita um evento de fala – reporta a um outro *frame*– e usa o discurso direto para reproduzi-lo.

Ex:

F1: ai eu falo assim... Gilmério tu tá (bêbado) ((risos))é que...eu num tomei nenhuma hoje...(…) meu Deus... situação se já tá assim quando num tá bebendo imagine então quando parar de beber mo:::re... (I3,GS).

A referência indeterminada ocorre quando o falante não usa o pronome ou forma de tratamento para se dirigir ao interlocutor, mas remetem a um outro *frame*, não à situação em que ocorre o evento de fala. Neste acaso entendemos que se trata de uma seleção inconsciente, um enquadramento de um interlocutor indeterminado em uma situação contextual hipotética.

Ex:

F1: e... o ruim é que... tem as estrelinha né... eu nunca cheguei até a última...pra tu vê né eu já zoei naquele jogo e eu nunca cheguei até a última... se chegar acho na terceira... que acontece o helicóptero começa a

vim... ai o helicóptero só começa a **te** metralhar se **você**... atirar nele... começa a **te** dar... ordem de prisão...ai se **você** começar a atirar ele começa a **te** metralhar...ai se **tu** piorar a coisa... começa a descer carinha....da... tipo da swat lá... (I.1,GS).

c) Monitoramento (Tipo de Registro) (Gravações Secretas e Não Secretas)

De acordo com BORTONI-RICARDO(2004:63), os fatores que levam à monitoração do estilo são:

- o ambiente
- o interlocutor e
- o tópico da conversa.

Bortoni-Ricardo acertadamente trata do *continuum* de monitoração estilística afirmando que elas podem ser desde interações totalmente espontâneas até aquelas que são previamente planejadas e que exigem muita atenção do falante.

Acreditamos que os fatores citados não são estáticos, dicotômicos, mas sim há um *continuum* de uma situação com características mais ou menos monitoradas, com mais ou menos envolvimento com o interlocutor, etc.

Para efeito da análise aqui feita, consideramos elementos favorecedores de um menor monitoramento estilístico as gravações secretas, a proximidade com o interlocutor e o conhecimento prévio ou domínio do tópico da conversa.

d) Expressividade do ato comunicativo (Maior e Menor expressividade)

Quanto ao fator “expressividade do ato comunicativo”, levamos em conta o conceito de EMILIO (2003:19), que se refere à expressividade conforme Bakhtin, que diz:

“...o estilo é resultado de um trabalho de escolha lexical, morfológica, sintática, etc, e é na **expressividade**, que vem a ser ‘a particularidade constitutiva do enunciado, realizada pelo contato entre significação lingüística e realidade objetiva’, que essa escolha se efetiva”. [grifo nosso]

Segundo a pesquisadora, “a característica fundamental da expressividade reside na força de persuadir, ou de transmitir conteúdos desejados, na capacidade apelativa, no poder de gerar elementos evocativos” (p.19).

Sendo assim, observamos a expressividade segundo o aspecto prosódico e pragmático do ato comunicacional como um todo, ou seja, a força expressiva prosodicamente colocada sobre um pronome, sobre a sentença, ou mesmo em todo o contexto discursivo, no sentido de enfatizar a ação ou a informação transmitida ao interlocutor.

A pesquisadora admite que “a dimensão social e expressiva estão presentes na situação comunicativa, na identificação do vernáculo e na diversidade lingüística” (p.23).

LEMOS (2005), citando Bally, afirma que “expressivo é todo o fato lingüístico associado a uma emoção” (p.52). Consideramos, desta forma, usos [+] expressivos quando os pronomes atuavam em contextos marcados pelo tom apelativo, persuasivo ou potenciais geradores de elementos evocativos e emotivos.

Ex:

F1: ele joga pra você assim ai você aponta e sai correndo....ai tu tem que sair correndo atrás do negão ai ele entra no carro tu entra atrás dele... ai você sai correndo... (I.1,GS).

Entre todos os grupos de fatores controlados, apenas dois – gênero e faixa etária - foram considerados estatisticamente irrelevantes para a seleção das formas de tratamento, enquanto os outros cinco grupos de fatores – Escolaridade, Função Sintática da Forma de tratamento, Referência, Monitoramento e Expressividade do ato comunicativo foram selecionados como relevantes pelo programa GoldVarb 2001. A ordem de relevância dos fatores oferecida pelo programa foi a seguinte:

- 1) Monitoramento
- 2) Expressividade
- 3) Função Sintática
- 4) Referenciação

5) Escolaridade

A exposição dos cálculos estatísticos será feita de acordo com a ordem de seleção feita pelo programa, pois julgamos que, assim, a interpretação dos resultados será mais adequada para o entendimento da configuração da alternância *tu/você* em Santos.

4.2 Critérios de seleção de informantes

O *corpus* separado para esta pesquisa é composto por um material coletado em Santos. Foram selecionados moradores nascidos na cidade ou que tenham chegado a ela com até 7 anos de idade.¹⁹ Os dados são baseados, portanto, em material sincrônico, em situações informais.

Os informantes foram escolhidos de forma aleatória de acordo com dois fatores condicionantes de referência: a proximidade entre os interlocutores (máxima informalidade possível) e a escolaridade (Ensino Médio e Ensino Superior).

Optamos por uma amostragem aleatória, conforme explica SILVA-CORVALÁN (1989:18): “Una vez establecidos los criterios de selección com respecto a ciertos factores extralinguísticos tales como la edad, sexo, educación, clase social, lugar de origem, etnia, etc., es posible usar la técnica de muestro al azar para obtener una muestra representativa de cada grupo.”

Com relação à variável Escolaridade, dividimos os informantes em duas categorias:

- a) Ensino Médio (estudantes ou concluintes)
- b) Ensino Superior (universitários ou graduados).

¹⁹ Aos 7 anos de idade, a criança já começa a formalizar sua educação na comunidade escolar, entrando em contato diário com a variedade falada na região, adquirindo alguns de seus usos, senão todos.

4.3 Quantificação das formas de tratamento no universo vocabular em Santos

Inicialmente, consideramos que seria produtivo verificar quantitativamente a participação das formas de tratamento de 2ª pessoa no universo de vocábulos presente no *corpus* em análise. Conforme Muller, citado por MONTEIRO (1994:126), devemos ter cautela quanto a esse tipo de análise, pois os textos gravados contêm muitos elementos “parasitários”: palavras ou sílabas repetidas, fragmentos de palavras, exclamações, etc. Decidimos eliminar algumas palavras repetidas, hesitações de fala e alguns elementos truncados, mas não chegamos a eliminar todos os elementos “parasitários”.

A fim apenas de apresentarmos um panorama geral acerca do uso das formas de tratamento em Santos, utilizamos a contagem automática de palavras oferecida pelo programa “MS-Word XP”, da Microsoft®. É importante ressaltar que os valores apresentados na tabela abaixo são aproximados, podendo conter alguma variação:

| Vocábulos | Quantidade | Freqüência |
|--------------|---------------|------------|
| Léxico Geral | 50347 | 98,61% |
| <i>Você</i> | 476 | 0,93% |
| <i>Tu</i> | 232 | 0,45% |
| Total | 51.055 | |

Tabela 1: Quantificação Geral dos pronomes de tratamento no Universo Vocabular do *corpus* em análise

Um fator que devemos observar é a baixa freqüência das formas de tratamento se compararmos os valores brutos dos dados sob análise. Esse fator dificulta o estudo das formas de tratamento, pois estas, diferente de um item fonético ou mesmo sintático, não ocorrem com a mesma facilidade e freqüência nas gravações.

Para esta pesquisa, foram necessários vários meses de gravações, muitas vezes desprezadas ora devido à baixa qualidade da gravação, ora pela ausência das formas, para que pudéssemos captar uma quantidade satisfatória de ocorrências no contexto de fala da região.

Notamos desde essa análise inicial, através de valores brutos, que o pronome de referência e tratamento à segunda pessoa mais usado encontrado em nosso *corpus* é “*você*”, ao contrário do que imaginamos encontrar ao iniciar este trabalho.

A partir deste ponto apresentamos a análise interpretativa dos dados, que se desenvolverá em dois momentos:

a) Descrição dos primeiros resultados encontrados no *corpus* tendo em vista os fatores apresentados (item 4.4)

b) Análise dos dados segundo a importância dos fatores para a explicação do uso de *tu* e *você*.

4.4 Distribuição das formas de tratamento em função dos grupos de fatores analisados

Passaremos a seguir à apresentação do resultado dos cálculos estatísticos feitos em função dos fatores controlados, observando, num primeiro momento, apenas os resultados dos cálculos de frequência.

Creemos que a apresentação desses resultados iniciais é importante para a compreensão do fenômeno sob análise, no intuito de reafirmar a variação do binômio *tu/você* e oferecer um panorama geral do uso destas formas na região sob análise. Após a apresentação dos resultados iniciais, passaremos à discussão sobre a relevância ou não de cada fator para a seleção das formas de tratamento em Santos.

Para verificarmos como se distribuem as formas de tratamento no *corpus* analisado, apresentamos abaixo o total de ocorrências de cada forma sob análise:

| Pronomes | Quantidade |
|-----------------|-------------------|
| <i>Você</i> | 476 |
| <i>Tu</i> | 232 |
| Total | 708 |

Tabela 2: Frequência, valores absolutos, das formas de tratamento em Santos

Consideremos a diferença entre o número de ocorrências de *tu* e *você*, já que as de *você* correspondem quase ao dobro de *tu*. Apesar de ser a forma *tu* uma marca lingüística de Santos, percebemos que esta não é preferência geral dos falantes da cidade. É possível afirmar que, em termos gerais, a forma mais utilizada na cidade é *você*, com 67% de ocorrências contra apenas 32% de *tu*²⁰.

A partir desses resultados, podemos ter uma visão clara no gráfico a seguir, da importância de cada forma quanto à preferência geral:

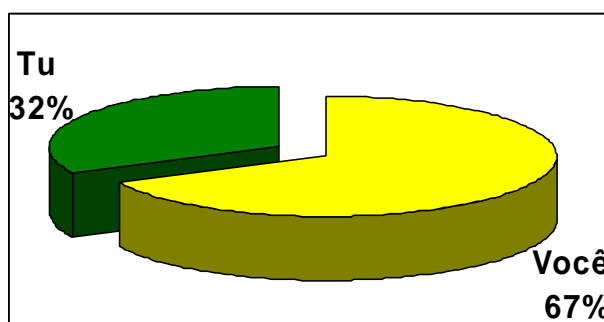


Figura 9: Frequência absoluta das formas de tratamento

É interessante notar que, diferentemente do que ocorre em outras regiões em que a forma *tu* é usada com maior frequência, como em Porto Alegre (LOREGIAN-PENKAL:2004), Rio de Janeiro (SILVA:2003c) e Paraíba (BEZERRA:1994), em Santos a forma *você* possui a preferência geral dos falantes.

Outro ponto importante a ser notado é que, categoricamente, não se usa a forma verbal canônica de segunda pessoa com a forma *tu*, como também acontece em grande parte das regiões em que há o uso desta forma.

Exemplo:

F1: sabe... (...)... se ***tu*** visse a palhaçada que eu fiz... eles riram... adoraram... e entenderam... mas eu tive que brincar com eles como eu brinco com a minha sétima série... (I.06,GS).

²⁰ "O programa GoldVarb 2001 gerou, por vezes, alguns percentuais de uso do *tu* cuja soma com os percentuais complementares para o uso de *você* não resultou em 100%, mas em 99%. Optamos por manter os valores produzidos, uma vez que confiamos ao programa a obtenção de tais resultados." LUCCA(2005:91)

A distribuição freqüencial dos pronomes em função dos fatores pesquisados também oferece um panorama interessante acerca de alguns aspectos do uso das formas de tratamento em Santos.

Com relação ao fator gênero, por exemplo, homens e mulheres preferem a forma *você* (67% e 65%, respectivamente) à forma *tu* (32% e 34%, respectivamente). Tal constatação confirma a forte presença da forma *você* no falar da região, atestando seu uso em contextos informais.

A freqüência de usos com relação à faixa etária é mostrada na tabela abaixo:

| Pronomes | Primeira Faixa Etária | | Segunda Faixa Etária | |
|--------------|-----------------------|-------------------|----------------------|-------------------|
| | <i>Quantidade</i> | <i>Freqüência</i> | <i>Quantidade</i> | <i>Freqüência</i> |
| <i>Você</i> | 103 | 61% | 373 | 69% |
| <i>Tu</i> | 65 | 38% | 167 | 30% |
| Total | 168 | 99% | 540 | 99% |

Tabela 3: Freqüência e valores absolutos do uso das formas de tratamento segundo a faixa etária

Percebamos que não há, em termos de valores percentuais, uma grande diferença de uso de uma ou outra forma em função da faixa etária, sendo que a forma *você* aparece com a maior parte das preferências de uso, com 61% e 69%, respectivamente.

Analisando a freqüência em relação ao fator escolaridade, percebemos que a diferença se acentua. Os informantes com maior escolaridade tendem a usar menos a forma *tu*, enquanto os de menor escolaridade a usam com mais freqüência, conforme mostra a tabela abaixo:

| Pronomes | Ensino Médio | | Ensino Superior | |
|--------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
| | <i>Quantidade</i> | <i>Freqüência</i> | <i>Quantidade</i> | <i>Freqüência</i> |
| <i>Você</i> | 121 | 59% | 355 | 70% |
| <i>Tu</i> | 82 | 40% | 150 | 29% |
| Total | 203 | 99% | 505 | 99% |

Tabela 4: Freqüência e valores absolutos do uso das formas de tratamento segundo a escolaridade

Vemos que os informantes alunos ou concluintes do Ensino Médio usam a forma *tu* com maior frequência, ao passo que aqueles que concluíram ou estudam no Ensino Superior a usam em menor escala.

Verificando os resultados obtidos através da frequência de uso, percebemos desde já que os dois primeiros fatores, gênero do falante e faixa etária não possuem grande influência na escolha, mas que este último fator, escolaridade, pode ter mais influência na escolha das formas.

Tal constatação pode sugerir um estudo futuro que contemple a concordância verbal e os juízos de valor a ela relacionados. Entendendo que a cobrança social pela conjugação verbal canônica no Ensino Superior é maior, e espera-se que os falantes dessa categoria não deixem de concordar o verbo com o pronome (sujeito sintático), os falantes podem querer evitar um uso considerado “errado”, preferindo a forma *você*, que leva o verbo para a terceira pessoa.

Além do mais, conversando com os informantes e convivendo na região, percebemos que a concordância verbal canônica com a forma *tu* pode parecer, no mínimo, estranha ou até pedante na região.

O fator lingüístico sob análise, a função sintática do pronome, se subjetiva ou objetiva, mostrou ser significativa na medida em que foi alta a frequência da forma *te*.

| Pronomes | Função Subjetiva | | Função Objetiva | |
|--------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
| | <i>Quantidade</i> | <i>Frequência</i> | <i>Quantidade</i> | <i>Frequência</i> |
| <i>Você</i> | 440 | 71% | 36 | 39% |
| <i>Tu</i> | 177 | 28% | 55 | 60% |
| Total | 617 | 99% | 91 | 99% |

Tabela 5: Frequência e valores absolutos do uso das formas de tratamento segundo a função

Quando usados em função subjetiva, a forma de tratamento para segunda tende a ser menos freqüente, enquanto em função objetiva a frequência de uso é muito mais alta.

O que muitas vezes ocorre na fala do santista, é a intercambialidade de pronomes, como acontece no exemplo abaixo:

Ex:

F1: ...ai se **você** começar a atirar ele começa a **te** metralhar...

(I.01,GS).

Conforme MONTEIRO (1994:162), o uso da forma *você* juntamente com a forma *te* pode ter explicação na extinção gradual dos pronomes átonos *o* e *a*, de emprego às vezes ambíguo.

Citando BERNARDES (1981), Monteiro afirma que o pesquisador errou ao afirmar que a mudança do tratamento *tu* para *você* também acarretaria o desaparecimento dos oblíquos de segunda pessoa²¹.

Monteiro conclui seu pensamento afirmando que a forma *te* não acompanhou o processo de desvalorização do *tu*. Acreditamos que os falantes, ao usarem a forma *te*, não são conscientes de que esta se correlaciona com a forma *tu*. Retomaremos este aspecto do uso das formas de tratamento mais adiante.

Quanto à referência ao interlocutor, se indireta ou indeterminada, verificamos que, em todos os tipos, a preferência é o pronome *você* – 66% e 82%, respectivamente. Na referência direta, verificamos um aumento da freqüência de uso do *tu*, conforme mostra a tabela abaixo:

| Pronomes | Referência Direta | |
|--------------|-------------------|------------|
| | Quantidade | Freqüência |
| <i>Você</i> | 209 | 57% |
| <i>Tu</i> | 154 | 42% |
| Total | 363 | 99% |

Tabela 6: Freqüência e valores absolutos do uso das formas de tratamento segundo a Referência Direta ao interlocutor

O fator expressividade do ato comunicativo mostrou ser muito relevante para a seleção da forma *tu*. De acordo com os resultados quantitativos apresentados, a forma *tu* mostrou-se produtiva em contextos em que o falante põe maior peso expressivo em seu ato de fala e sobre o próprio pronome, procurando enfatizar o

²¹ Tal afirmação deve ser entendida com reservas, porque o processo de desaparecimento das formas citadas pode estar ocorrendo de maneira mais lenta.

conteúdo comunicado e intensificar a probabilidade de alteração pragmática no ouvinte, conforme o exemplo abaixo²²:

Ex:

F1: ...ele me deu ele me deu uma retrucada uma vez que eu falei quase que eu falei pra ele bicho **tu** vai subir no banco **tu** vai dar na minha cara? Só faltou eu falar isso pra ele... mas sabe que uma reação... que eu não tinha percebido nele o semestre inteiro... num sei se tinha acontecido alguma coisa... e ele tava de ovo virado...esse moleque é... esse moleque é um peri::go.... qualquer dia ele... qualquer dia ele vem cheio de bomba no corpo... porque... oh... esse moleque... eu tenho medo dele... eu tenho medo desse moleque ai gente... (I.02,GS).

A tabela abaixo mostra os resultados para este fator:

| Pronomes | [+] expressividade | | [-] expressividade | |
|--------------|--------------------|------------|--------------------|------------|
| | Quantidade | Freqüência | Quantidade | Freqüência |
| <i>Você</i> | 142 | 49% | 334 | 79% |
| <i>Tu</i> | 145 | 50% | 87 | 20% |
| Total | 287 | 99% | 421 | 99% |

Tabela 7: Freqüência e valores absolutos do uso das formas de tratamento segundo a expressividade

A quantidade de usos de *tu* para contextos menos expressivos demonstrou ser notadamente menor do que em relação aos contextos mais expressivos: apenas 20% de freqüência, contra 79% de usos de *você*. Já nos contextos mais expressivos, a diferença é de apenas 1%, com 49% de usos de *você* e 50% de usos de *tu*.

O último fator sob análise, monitoramento, demonstrou ser importante para explicar o uso das formas de tratamento entre os santistas. Percebemos que nos contextos de maior monitoramento da fala, ou seja, nas gravações não secretas, os falantes evitam o uso de *tu*, conforme mostra a tabela abaixo:

²² Como explicamos no item 4.1, a expressividade foi observada em termos de ênfase prosódica sobre a sentença ou sobre o pronome (entonação) e emotividade expressa no ato de fala como um todo.

| Pronomes | [+] monitoramento | | [-] monitoramento | |
|--------------|-------------------|------------|-------------------|------------|
| | Quantidade | Freqüência | Quantidade | Freqüência |
| <i>Você</i> | 275 | 82% | 201 | 53% |
| <i>Tu</i> | 58 | 17% | 174 | 46% |
| Total | 333 | 99% | 375 | 99% |

Tabela 8: Freqüência e valores absolutos do uso das formas de tratamento segundo o monitoramento

Esse resultado possibilitou o entendimento de que a forma *tu* é considerada muito informal, intimista, conforme constatou MODESTO (2005) em São Vicente, em análise de dados de língua falada. Num momento de maior monitoramento da fala, e com a consciência de que a conversa está sendo gravada, os falantes tendem a prestar mais atenção à fala, evitando o “erro” de concordância verbal com a forma *tu*, preferindo o uso de *você*, que permite a concordância com a terceira pessoa verbal.

4.5 Análise quantitativa e qualitativa dos dados segundo os resultados estatísticos obtidos

Neste momento da análise, apresentaremos os resultados dos cálculos estatísticos obtidos pelo programa GoldVarb 2001, bem como os pesos relativos gerados para os fatores em análise, analisando os dados à luz da Teoria da Variação Lingüística aliada a pressupostos funcionalistas, tecendo algumas comparações com os resultados de algumas pesquisas arroladas no primeiro capítulo deste trabalho.

Começaremos nossas considerações sobre os fatores discursivos, por terem sido selecionados em primeiro lugar pelo programa GoldVArb. Consideraremos os fatores discursivos, lingüísticos e sociais que foram selecionados pelo programa como estatisticamente relevantes para a explicação da variação *tu/você* em Santos e teceremos considerações acerca dos fatores que não foram selecionados pelo programa, mas que, de alguma forma, contribuem para o entendimento deste fato de variação.

Faremos alguns cruzamentos entre os fatores discursivos e os demais, inclusive aqueles que não foram selecionados como relevantes pelo programa, para

verificar como se configuram os contextos interacionais em que as formas de tratamento atuam.

4.6 Fatores Discursivos

4.6.1 Monitoramento da Fala

O monitoramento foi selecionado pelo programa como o fator mais relevante para a escolha das formas de tratamento na região. A probabilidade de uso da forma *tu* em contextos de menor monitoramento é de 0,61 para apenas 0,38 para a forma *você*, como se vê na tabela abaixo.

| TU | Frequência | Peso Relativo |
|-------------------|-------------|---------------|
| [+] monitoramento | 58/333 =17% | 0,37 |
| [-] monitoramento | 174/375=46% | 0,61 |
| VOCÊ | | |
| [+] monitoramento | 275/333=82% | 0,62 |
| [-] monitoramento | 201/375=53% | 0,38 |

Tabela 9 : Frequência e peso relativo da forma *tu* e *você* em função do fator monitoramento

Situações de fala que envolvam um menor monitoramento por parte dos interlocutores favorecem o aparecimento da forma de tratamento solidária e expressiva *tu*, enquanto que o mesmo contexto desfavorece a aplicação da forma *você*. O contexto de maior monitoramento favorece o uso da forma *você*, que apresentou o peso relativo de 0,62 nesse caso. Nossa hipótese inicial de que a forma *tu* é mais usada em contextos menos monitorados foi confirmada pelos resultados dos cálculos estatísticos.

A transcrição de uma porção do inquérito 03 das gravações secretas mostra como o uso de *tu* deixa explícita sua marca de mais informalidade e mais envolvimento entre os participantes do evento comunicativo:

Ex:

F2: outubro novembro e dezembro era o ó de lotad/ eu não dava conta... ai ela vinha G. do céu eu num sei o preço de nada minha filha... vai L.... almoça que eu vou falando pra tu... almoça que eu vou falando... e eu num dava conta... era embrulho de presente... (...) e a L. num sabia... a L. num fazia...

F2: a gente fechava pra almoçar... tu num almoçava em casa?

F1: eu almoçava quando ela fazia revisão...(...) eu ia lá almoçava...

F2: nossa gente...

F1: ai depois vinha ela ia almoçava... ficava tu:... ai o T. (num sabia de nada só vendia doce...) só doce que eu sei...

F3:...só doce?

F1: só doce...

F3: S. só rua...(...)

F1: não... S.

F2: eu odia::va vender roupa... o-d-i-a-v-a.... quando eu ficava sozinho...

F1: e quando tava chuva ali... que num tinha uma alma lá dentro só as moscas e o frio... a L. mandava o T. ficar lá comigo... ((risos))

F2: ah... eu tinha uma raiva... (I.03, GS).

Esse trecho demonstra como o uso de *tu* é comum para tratamento entre iguais lingüísticos num evento de comunicação menos monitorado em Santos. É interessante ressaltar que o uso do *tu*, entretanto, passa por um certo grau de inconsciência entre os falantes quanto ao uso cotidiano.

Ao questionarmos alguns falantes ou informantes, após as entrevistas, sobre este uso, muitos deles disseram, num primeiro momento, que a forma *tu* não fazia parte de seu repertório lingüístico, mas depois admitiram – muitas vezes impressionados – usá-lo entre seus amigos e pessoas próximas. Há alguns que disseram jamais usar a forma *tu* para tratar a mãe ou o pai, porque seria uma falta de respeito. Outro fato interessante aconteceu ao mostrarmos as gravações para

alguns informantes que não tinham sido informados sobre elas, e que afirmavam categoricamente que não usavam a forma *tu*. Muitos se mostraram admirados.

Vemos, então, que se trata de uma questão de valor social que é atribuído à forma *tu* em Santos. De um lado, temos um uso que denota informalidade, maior envolvimento entre os falantes e maior expressividade. De outro, temos um uso que denota o “erro”, algo que não deve ser usado. Essa dualidade se mostrou muito presente quando analisamos a questão do monitoramento.

O cruzamento dos fatores monitoramento e gênero mostra que o fator gênero não possui grande relevância na escolha das variáveis num contexto maior ou menor monitoramento, apresentando uma frequência muito próxima de uso de ambas formas de tratamento em todos os contextos analisados:

| Forma | Gênero | Monitoramento | |
|-----------|--------|---------------|-------------|
| | | [+] | [-] |
| <i>tu</i> | homem | 41/229=18% | 122/278=44% |
| | mulher | 17/104=16% | 52/97=54% |
| Você | homem | 188/229=82% | 156/278=56% |
| | mulher | 87/104=84% | 45/97=46% |

Tabela 10: Cruzamento: frequência de uso das formas *tu* e *você* em função do fator monitoramento e do gênero

Podemos, contudo, tecer alguns comentários quanto às frequências obtidas desse cruzamento de dados. Em situações menos monitoradas, o uso da forma *tu* entre mulheres é de 54%, e aqui, ao menos em termos frequenciais, ultrapassa os 44% de uso em relação aos homens. Abaixo damos um exemplo em que uma informante (F4) usa o *tu* em um contexto de monitoramento mínimo com seus interlocutores (todos do sexo masculino), obtido no inquérito 04 das gravações secretas:

Ex:

F1: e aquele papo egoísta que num quer dar o trono pra outro?
quer morrer sendo papa?

F4: não.... (num é isso) ((risos))

F1: não porque num é... papa pode passar depois de um tempo... num é um cargo vitalício...

F2: (mas) num é egoísmo do papa...

((risos))

F1: ele é egoísta pra mim...

F4: ele num é egoísta... (...)

F2: bom mas tá no tempo já dele...

F1: ... (tá... tá mais que no tempo...)(...) o cara já levou tudo que é capaz (...)... já levou tiro facada...

F4: não... meu... **tu** acha cara...**tu** acha... falta pouco agora... falta pouco agora deixa o cara morrer... morrer como papa... é bonito... pra ele... o cara passou uma vida inteira... viveu pra isso... (I.04,GS).

Em contextos mais monitorados, percebemos que o uso de *tu*, ainda que bem menor em relação a *você*, apresenta-se mais freqüente na fala dos homens.

Cruzando os fatores faixa etária e monitoramento, obtivemos:

| Faixa Etária | Monitoramento | |
|-------------------|---------------|-------------|
| | [+] | [-] |
| 15 a 20 anos | 5/52=10% | 60/116=52% |
| 21 anos em diante | 53/281=19% | 114/259=44% |

Tabela 11: Cruzamento: freqüência de uso da forma *tu* em função do fator monitoramento e da faixa etária

Verificamos através dos dados da tabela acima que nos contextos de menor monitoramento, os falantes mais jovens tendem a usar o *tu* com mais freqüência que os mais velhos. Nos contextos mais monitorados, o caso se inverte: os falantes mais jovens usam menos a forma *tu* que os falantes mais velhos. Verificamos o baixo uso de *tu* neste contexto, principalmente entre os mais jovens.

Esses dados sugerem que a forma *tu* é ainda viva na fala da região, e seu uso em maior freqüência entre jovens de 15 a 20 anos apontam para duas questões importantes: a primeira é que *tu* não deve sair tão cedo do falar de Santos, e a

segunda é a confirmação de que tu tem uso verdadeiramente mais informal e possui traços [+] expressivos, fatores comuns entre jovens.

4.6.3 Expressividade

Entre os grupos de fatores analisados, a expressividade foi um dos mais relevantes segundo o programa Goldvarb. A probabilidade de a forma *tu* ser selecionada como opção de tratamento em contexto de maior expressividade é de 0,65. Já os contextos de menor expressividade são desfavoráveis à utilização desta forma, com 0,39 de probabilidade, conforme podemos constatar na tabela abaixo:

| Fator | Frequência | Peso Relativo |
|---------------------|-------------|---------------|
| [+] expressividade | 145/287=50% | 0,65 |
| [-] expressividade | 87/421=79% | 0,39 |

Tabela 12: Frequência e peso relativo da forma *tu* em função do fator expressividade

A expressividade foi medida, conforme já foi tratado anteriormente, em função da prosódia (maior ênfase e emoção sobre a expressão lingüística) e sobre a força apelativa que o enunciado quer provocar no interlocutor, no sentido de transformar, acrescentar sua informação pragmática ou questionar de maneira inquisitória o interlocutor. Transcrevemos abaixo um fragmento de conversa do inquérito 04 das gravações secretas, em que três jovens conversam entre si sobre Hitler:

Ex.

F1: ... é... foi exilado... morto... e ninguém sabe se ele tá vivo...

F3: ... defendia o partido nazista e...

F2: ... (como assim ninguém sabe) se ele tá vivo... ficou louco?

F1: lógico que é... lógico que é...

F3: mas ele...

F2: tu acha que ele tá vivo até hoje?

F1: num acharam o corpo do Hitler até hoje... ele pode tá vivo até hoje e aí?

F2: claro que não...

F2: ah é...

F1: (não... (...) tô brincando) mas tô falando... ele pode tá vivo até hoje...

F2: meu... o Hitler.... é o cara...

F1: ah::.....

F3: ah.... ninguém merece.... (I.04,GS).

Notamos o uso enfático do *tu*, no sentido de inquirir, questionar de maneira direta e expressiva sobre a informação recebida da qual o falante discorda totalmente. Percebemos que é muito freqüente o uso da forma *tu* nesse contexto expressivo, quando se pretende fazer uma abordagem mais contundente ao interlocutor.

Ao calcularmos também a probabilidade de uso da forma *você* em contextos mais expressivos, notamos que estes são altamente desfavorecedores à aplicação desta forma, conforme podemos verificar na apresentação dos resultados na tabela abaixo.

| TU | Freqüência | Peso Relativo |
|--------------------|-------------------|----------------------|
| [+] expressividade | 145/287=50% | 0,65 |
| [-] expressividade | 87/421=20% | 0,39 |
| VOCÊ | | |
| [+] expressividade | 142/287=49% | 0,34 |
| [-] expressividade | 334/421=79% | 0,79 |

Tabela 13: Freqüência e pesos relativos dos usos de *tu* e *você* em função da expressividade

É clara a oposição *você* x *tu* quando falamos do fator expressividade. O pronome *você*, apesar de ter uma freqüência maior de uso no cômputo geral de uso, mostrou-se improdutivo em contextos de maior expressividade.

Assim, a forma de tratamento *tu*, como forma de expressividade, realiza-se na inter-relação entre a situação comunicativa e o interlocutor, servindo a este último como meio de reforçar a expressão pragmática do seu discurso. Vemos aqui um fato notório de variação estilística (não-prototípica), em que entendemos o estilo como

resultado de um trabalho de escolha lexical e discursivo-pragmática. Essa escolha está relacionada com o grau de expressividade do discurso.

Cruzamos os fatores expressividade e monitoramento e os resultados dos cálculos de frequência estão na tabela que segue.

| Fatores | Monitoramento | |
|----------------|---------------|-------------|
| Expressividade | [+] | [-] |
| [+] | 25/91=27% | 120/196=61% |
| [-] | 33/242=14% | 54/179=30% |

Tabela 14: Cruzamento: frequência de uso da forma *tu* em função do fator expressividade e monitoramento

A leitura da tabela 14 permite-nos entender e consolidar nossa hipótese de que a forma *tu* é usada na maioria das vezes em contextos de maior expressividade e de menor monitoramento, como podemos constatar no exemplo que segue.

Ex:

F1: ...ele me deu ele me deu uma retrucada uma vez que eu falei quase que eu falei pra ele bicho ***tu*** vai subir no banco ***tu*** vai dar na minha cara? (I.02, GS).

Observamos que nos contextos de menor monitoramento da fala e de maior expressividade, a frequência de 61% corrobora a hipótese de que o uso de *tu* é mais informal que o de *você*.

Vejamos também a queda de frequência nos contextos de mais monitoramento e menos expressividade: apenas 14% de frequência. Trata-se, portanto, de um recurso estilístico presente na fala dos santistas, uma opção por um tratamento igualitário, de aproximação e ao mesmo tempo de desencadeamento de força expressiva no ato de fala.

Podemos afirmar, com base nos dados analisados, que a forma *tu* é mais expressiva no discurso e a forma *você* é neutra ou menos expressiva, nos contextos analisados.

4.6.3 Referenciação

O fator referenciação foi considerado relevante pelo programa GoldVarb. No evento conversacional, conforme já vimos segundo GOFFMAN (1970:10), no momento em que a interação verbal é realizada, “um sistema de práticas, convenções, regras de comportamento é empregado.” Esse sistema corresponde a uma série de fatores, como normas sociais, regras de conduta, etiqueta, tipo de norma lingüística adequada a cada situação discursiva, entre outros.

Essa adequação à situação discursiva nos leva a entender que, ao se referir ao interlocutor, o falante santista deva fazer suas escolhas em função de diversos fatores pragmáticos para que seus objetivos comunicativos sejam alcançados.

O processo de referenciação durante o processo comunicativo pode ser dividido em três tipos – conforme já vimos em 4.1: direta, indireta e referência indeterminada. A referenciação direta é aquela em que o falante se refere diretamente ao seu interlocutor, fazendo funcionar o processo dialógico de interação verbal – num *frame* “real”, segundo o conceito de GOFFMAN (1974). A referenciação indireta ocorre quando o falante se remete a uma situação de conversação ocorrida em momento anterior com outro interlocutor, e reproduz o discurso numa espécie de digressão conversacional – num *frame* “reportado”.

Por fim, a referenciação indeterminada representa a forma de remeter a um interlocutor imaginário, que pode, segundo ILARI, FRANCHI & NEVES (1996:80), apresentar outros pronomes, como nós, a gente, e até mesmo “eu”.

Os cálculos probabilísticos nos remetem ao seguinte resultado:

| Referência | Freqüência | Peso Relativo |
|---------------|-------------|---------------|
| Direta | 154/363=42% | 0,61 |
| Indireta | 39/118=33% | 0,47 |
| Indeterminada | 39/227=17% | 0,32 |

Tabela 15: Freqüência e peso relativo do uso de *tu* em função da referenciação

Baseando-nos na tabela apresentada, é possível afirmar que a forma *tu* é mais usada como referência direta ao interlocutor, tendo influência na escolha desta. É realmente comum a utilização de *tu* como referência direta e, conforme vimos na tabela 06, não é grande a diferença de freqüência de uso entre a forma *você* e *tu* neste caso.

A referência direta favorece, portanto o uso de *tu* em contextos de relações simétricas, como os apresentados nesta pesquisa. A referência direta em relação à forma *você*, do contrário, desfavorece a aplicação desta, com peso relativo de 0,37, como podemos comprovar na tabela que segue.

| TU | Freqüência | Peso Relativo |
|---------------|-------------------|----------------------|
| Direta | 154/363=42% | 0,61 |
| Indireta | 39/118=33% | 0,47 |
| Indeterminada | 39/227=17% | 0,32 |
| VOCÊ | | |
| Direta | 209/363=57% | 0,37 |
| Indireta | 79/118=66% | 0,52 |
| Indeterminada | 188/227=82% | 0,67 |

Tabela 16: Freqüência e pesos relativos do uso de *tu* e *você* em função da referência

Os dois outros fatores, pelo contrário, são desfavorecedores da utilização da forma *tu* na cidade de Santos. Podemos dizer que a probabilidade de a forma *tu* ser usada como referência indeterminada durante uma conversação, por exemplo, é muito baixa. Neste caso, a probabilidade de ocorrer o uso de *você* é de 0,67.

Apresentamos abaixo o resultado do cruzamento entre os fatores expressividade e referência:

| <i>Grupos / fatores</i> | Referência | | |
|-------------------------|-------------------|-----------|---------------|
| Expressividade | Direta | Indireta | Indeterminada |
| [+] | 96/168=57% | 32/63=51% | 17/56=30% |
| [-] | 58/195=30% | 7/55=13% | 22/171=13% |

Tabela 17: Cruzamento: freqüência de uso da forma *tu* em função do fator expressividade da referência

Do cruzamento desses fatores podemos inferir que a forma *tu* tem maiores possibilidades de ocorrer em contexto mais expressivos nos três tipos de referência, vindo a ter frequência de uso reduzida nos contextos menos expressivos.

Notemos que nos contextos mais expressivos a frequência de uso da forma *tu* como referência direta e indireta é preferência da maioria dos falantes. Tal fato nos leva a constatar que o *tu* em sua forma direta de enunciação possui um forte traço semântico [+] expressivo na fala da comunidade santista. A comparação com o uso de *tu* em contextos de menor expressividade corrobora nossa hipótese, pois as frequências de 30% e 13% são muito baixas.

4.7 Fator Lingüístico

4.7.1 Função Sintática da forma de tratamento

Como vimos, o fator “Função sintática da forma de tratamento” foi considerado relevante para a escolha das formas. Os cálculos evidenciam fortemente que, quando em posição objetiva, a forma *te* é a mais provável de ocorrer (peso relativo de 0,77). A função subjetiva demonstrou ser um fator que colabora para a não aplicação da forma *tu* como referência à segunda pessoa (peso relativo de 0,45).

A forma objetiva dativa “*a ti*” não foi encontrada no *corpus*. Uma ocorrência apenas da forma indireta “*pra ti*” foi encontrada no trecho abaixo:

F1: vou começar a usar... o apelo... pra vê se eles caem a ficha... porque eu achei um absurdo... quando a moça disse assim... eu consigo a seis centavos... falei assim ah mas se você tivesse me dito até eu... até pra mim ce teria xerocado... nananananão... é só prum único grupo... que isso? falei pra ela... então eu vou disponibilizar... a minha apostila... **pra ti**... no caso **pra você**... **você** vai xerocar... só pro seu grupo?

você não vai... ai eu falei pra ela... eu sinto muito... quando alguém aqui xerocar... empresta pra você... ai todo mundo sabe... ... (I.07,GN).

Devemos atentar ao fato de que houve, na passagem acima, um momento de auto-correção lingüística, quando o falante usa a forma *pra ti* e logo “corrige” dizendo *pra você*.

A alta probabilidade de uso da forma *te* na cidade de Santos evidencia uma situação que ocorre em outras regiões do Brasil: a sobrevivência da forma objetiva do pronome de segunda pessoa do singular. Sabemos que *vós* e *vos* estão praticamente extintos em situações de uso corrente no Brasil (embora haja indícios de uso de *Vós* na fala informal em Alagoas e Pernambuco, com verbo na terceira pessoa (MONTEIRO,1994:161)); com base nesse fato, muitos lingüistas se aventuram a dizer que a forma *você* substituiu efetivamente as formas *tu/te* no Português Brasileiro. WILHELM (1979:30) é enfático: “para a esmagadora maioria dos brasileiros só há duas formas de tratamento relativamente vivas.” Essas formas, segundo o autor, seriam *você* e *senhor*.

Deste fato, temos de discordar, pois inúmeros trabalhos sociolingüísticos vêm trazendo importantes informações sobre o uso de *tu* em diversas regiões brasileiras, de norte a sul, conforme vimos no primeiro capítulo.

O que não podemos negar é que a forma *você* tem realmente alargado seu uso no território nacional, e, num futuro não muito distante, pode vir a efetivamente se tornar um pronome de segunda pessoa, modificando realmente nosso sistema pronominal oficial. Mas é inegável que a forma objetiva *te* pode permanecer em uso por muito tempo, o que nos impede de dizer que *você* substituiu efetivamente a forma *tu* no português brasileiro, conforme o fez categoricamente WILHELM.

Retornaremos aos valores de freqüência já apresentados anteriormente,

| Forma | Função | Freqüência | Peso Relativo |
|-------------|-----------|-------------|---------------|
| <i>Tu</i> | Subjetiva | 177/617=28% | 0,45 |
| | Objetiva | 55/91=60% | 0,77 |
| <i>Você</i> | Subjetiva | 440/617=71% | 0,54 |
| | Objetiva | 36/91=39% | 0,23 |

Tabela 18: Freqüência e peso relativo do uso das formas *tu* e *você* quanto à função sintática.

Verificamos que, em grande escala, a função objetiva da forma *tu* prevalece sobre todas as outras formas, em termos de frequência de uso. Já na função subjetiva, a forma *você* apresenta uma frequência maior de uso em relação às demais.

Ao estudar os pronomes no Português Brasileiro, MONTEIRO (1994:152) acredita na hipótese de que todas as mudanças que ocorrem no sistema de pronomes pessoais são acomodações que procuram eliminar vestígios de casos, de acordo com a configuração que determinou a origem e evolução da língua portuguesa. Desta forma, os pronomes, segundo o lingüista, perdem aos poucos as raras características morfossintáticas que os distinguem dos nomes. Segundo ele,

“o desequilíbrio no sistema pronominal é um fenômeno conjuntural, correlacionando-se em todos os aspectos com a evolução que se opera no esquema de conjugação verbal. Assim, ao processo de neutralização das marcas desinenciais do verbo corresponde uma modificação nas pessoas gramaticais, com a conseqüente perda da distinção formal entre funções exercidas por pronomes” (p.153).

Assim, é comum encontrarmos em Santos uma alternância entre pronomes e funções sintáticas por eles exercidas, conforme podemos verificar no exemplo abaixo:

F1: e... o ruim é que... tem as estrelinha né... eu nunca cheguei até a última...pra **tu** vê né eu já zoei naquele jogo e eu nunca cheguei até a última... se chegar acho na terceira... que acontece o helicóptero começa a vim... ai o helicóptero só começa a **te** metralhar se **você**... atirar nele... começa a **te** dar... ordem de prisão...ai se **você** começar a atirar ele começa a **te** metralhar...ai se **tu** piorar a coisa... começa a descer carinha....da... tipo da swat lá... (I.01, GS).

Notemos que, num mesmo ato de fala, o falante alterna diversas vezes as formas *tu*, *você* e *te*. Devemos lembrar que o sistema oferece todos os elementos necessários para que a língua possa ser utilizada em situações concretas de uso por falantes concretos, mas, indubitavelmente fatores pragmáticos interferem nas suas escolhas. O falante faz parte de um grupo social e usa a língua para atingir diferentes objetivos.

Quando o falante diz algo a seu ouvinte, quer provocar alguma modificação na informação pragmática dele, e passa a formular sua intenção comunicativa. Ao selecionar uma forma de tratamento para se dirigir ao interlocutor, o falante já possui uma intenção comunicativa prévia, que pode ser, como no exemplo acima, a de se aproximar dele e transmitir a ele toda a emoção ou expressividade da situação em que o contexto do jogo ao qual se refere ocorre. Fizemos, então, o cruzamento dos fatores expressividade e função sintática, conforme se pode constatar na tabela apresentada abaixo:

| <i>Fatores</i> | Função | |
|-----------------------|------------------|-----------------|
| Expressividade | <i>Subjetiva</i> | <i>Objetiva</i> |
| [+] | 113/242=47% | 32/45=71% |
| [-] | 64/375=17% | 23/46=50% |

Tabela 19: Cruzamento: frequência de uso da forma *tu* em função dos fatores função sintática e expressividade

Verificamos como é alta a frequência da forma *te* em contextos de maior expressividade. Podemos afirmar que em Santos é muito mais expressivo ou enfático dizer “ai se **você** começar a atirar ele começa a **te** metralhar...” (I.01,GS) do que dizer a mesma sentença substituindo o *te* por *você*: “ai se **você** começar a atirar ele começa a metralhar **você**”. Outro exemplo: “começa a **te** dar... ordem de prisão...” (I.01,GS) e “começa a dar **a você**... ordem de prisão”. Esse último exemplo é o mais improvável de ser ouvido na região.

Em função subjetiva, *tu* apresenta 47% das ocorrências e contextos mais expressivos. Já em contextos menos expressivos, a frequência de uso de *tu* cai drasticamente para 17%. Já no caso de uso de *tu* em contextos menos expressivos com função objetiva, a frequência fica em 50%. A leitura da tabela permite-nos concluir que as formas *tu/te* ocorrem com mais frequência em contextos mais expressivos.

Também cruzamos o fator função sintática com o fator monitoramento, e obtivemos o seguinte resultado:

| Fatores | Função | |
|----------------------|---------------|-----------|
| | Subjetiva | Objetiva |
| Monitoramento | | |
| [-] | 134/318=42% | 40/57=70% |
| [+] | 43/299=14% | 15/34=44% |

Tabela 20: Cruzamento: freqüência de uso da forma *tu* em função do fator Função Sintática e Monitoramento

É notável que em contextos menos monitorados, o uso da forma objetiva de *tu* apresente a freqüência de 70%. Percebemos que, quando os informantes não sabiam que estavam sendo gravados, a freqüência de uso de *tu* em função subjetiva ficou em 42% (contra 58% de freqüência para *você* em função subjetiva) e nas gravações conscientes, ou seja, quando os informantes sabiam da gravação, mesmo sem saber ao certo a finalidade dela, prestavam mais atenção à fala e a freqüência de uso de *tu/te* caiu para 14% e 44%, respectivamente. Nesse contexto, as formas *você* (função subjetiva) e *você* (função objetiva) ficaram com 86% e 56%, respectivamente.

Assim, é possível confirmar, mais uma vez, o valor social e pragmático que é dado à forma *tu*, como sendo mais informal e de uso mais íntimo.

Ainda com relação à alternância de formas num mesmo contexto, MONTEIRO (1994:163) afirma que as modalidades de tratamento se misturam em função de fatores pragmáticos e essa intercambialidade acontece devido à instabilidade no sistema.

Segundo ele, a alternância ou mistura das formas de tratamento, sugere indícios de flutuação no comportamento dos interlocutores e marca a própria natureza da relação social. “Associar *te* com *você* conota talvez maior intuito de aproximação ou de intimidade do que *lhe* com *você*” (p.163) (grifos do autor).

Convém salientar que não encontramos nenhuma ocorrência da forma *lhe* em nosso corpus. Segundo a gramática normativa, o pronome *lhe* se usa para *você*, *senhor*, *senhora*, *Excelência*, ou qualquer outro pronome de terceira pessoa. Assim, tradicionalmente, a forma *lhe* não combina com *tu*. Tal fato talvez se dê porque a

forma *lhe* esteja muito ligada à expressão *o senhor*, que indica nível alto de formalidade.

É possível afirmar que a marcante presença da forma *te* no *corpus* analisado, bem como sua utilização em outras regiões de São Paulo, comprova que as formas de referência à segunda pessoa do discurso *tu* e *te* ainda estão longe de serem extintas, conforme pregam alguns.

Gostaríamos de finalizar este item ressaltando a importância dos fatores pragmático-discursivos e da configuração do contexto discursivo para a seleção das formas pronominais de tratamento, e mesmo das formas objetivas de tratamento.

“ Fica-nos claro, a título de conclusão, que os pronomes pessoais não se submetem a regras rígidas derivadas de princípios estruturais da língua” (MONTEIRO,1994:164).

Ficamos, então, com a reflexão conclusiva de Monteiro sobre a não submissão dos pronomes às estruturas lingüísticas como um todo, podendo estas estruturas até mesmo entrarem em processo de reestruturação em virtude do uso , como está sendo também o caso do paradigma verbal do Português Brasileiro.

4.8 Fatores Sociais

4.8.1 Escolaridade

O grupo “escolaridade” foi o fator considerado em último lugar pelo programa. Apresentamos abaixo os resultados dos cálculos de freqüência e probabilísticos obtidos.

| Escolaridade | Freqüência | Peso Relativo |
|-----------------|-------------|---------------|
| Ensino Médio | 82/203 =40% | 0,6 |
| Ensino Superior | 150/505=29% | 0,4 |

Tabela 21: Freqüência e peso relativo de uso da forma *tu* em função do fator escolaridade

Podemos afirmar que os falantes menos escolarizados possuem uma maior probabilidade de uso da forma *tu* em sua fala. Já os falantes mais escolarizados ou com escolaridade superior, tendem a evitar o uso dessa forma ou a usam em situações mais específicas.

Convém esclarecer que não incluímos na pesquisa falantes não alfabetizados ou com menos de 08 anos de escolaridade. Nosso propósito com essa tomada de posição era de verificar como se configurava o uso do *tu* entre os falantes mais escolarizados, e pareceu-nos suficiente a divisão entre os estudantes ou concluintes do Ensino Médio e os graduandos ou graduados.

MODESTO (2004), analisou os julgamentos de valor sobre a forma *tu* numa comunidade escolar (Ensino Fundamental) da cidade de São Vicente, vizinha de Santos. Baseando-se em questionários em que os informantes selecionavam a forma de tratamento – *tu*, *você* e *senhor* – que consideravam a mais apropriada em determinados contextos apresentados (situações simuladas), Modesto chegou à seguinte tabela que sugere algumas nuances semântico-pragmáticas entre as formas *tu* e *você*:

| TU | VOCÊ |
|----------------------|----------------------|
| Íntimo | Distante |
| Amigos e irmãos | Estranhos/Superiores |
| “Malandro” | Bonito |
| Rude | Educado |
| + Informal | + Formal |
| Coloquial/ Incorreto | + Correto |

Quadro 23: Diferenças semântico-pragmáticas entre *você* e *tu* (MODESTO:2004)

Os resultados dos cálculos de freqüência apontaram que 15% dos informantes selecionaram *tu* contra 32% que selecionaram a forma *você*, e 47% selecionaram a forma *senhor*. Segundo Modesto, as formas *tu* e *você* podem ocorrer num mesmo contexto, porém, a forma *tu* sofre estigmatização por parte da comunidade, preferindo-se conscientemente o uso de *você*.

Se considerarmos São Vicente e Santos, cidades vizinhas em que há o uso de *tu* correlacionado com *você*, como comunidades lingüísticas, podemos sugerir

que a freqüência de uso entre os falantes com menos de 8 anos de escolaridade também é baixa nos contextos analisados.

Geralmente, entende-se que os falantes mais escolarizados tendem a evitar o uso de construções estigmatizadas, como é o caso do *tu* com verbo na terceira pessoa do singular. Para testar essa hipótese, cruzamos o fator escolaridade com o fator monitoramento e obtivemos os seguintes resultados:

| Fatores | Monitoramento | |
|-----------------|---------------|------------|
| | [+] | [-] |
| Ensino Médio | 5/60=8% | 77/143=54% |
| Ensino Superior | 53/273=19% | 97/232=42% |

Tabela 22: Cruzamento: freqüência de uso da forma *tu* em função do fator Escolaridade e monitoramento do falante

Ao fazermos a leitura da tabela acima, percebemos que a presença da forma *tu* em contextos de menos monitoramento é maior tanto entre falantes de Ensino Médio quando do Ensino Superior, evitando-se o uso de *tu* em contextos mais monitorados.

Também nos chama a atenção o fato de que, em contextos mais monitorados, os falantes do ensino médio utilizam o *tu* com menos freqüência do que os falantes mais escolarizados. Convém lembrar que a baixa freqüência absoluta dos dados nesse contexto pode ter causado um enviesamento nos resultados.

Também cruzamos o fator escolaridade com o gênero, no intuito de descobrir como homens e mulheres mais ou menos escolarizados usam a forma *tu* na região. Obtivemos a seguinte tabela:

| Fatores | Escolaridade | |
|----------|--------------|-----------------|
| | Ensino Médio | Ensino Superior |
| Homens | 52/160=32% | 111/347=32% |
| Mulheres | 30/43=70% | 39/158=25% |

Tabela 23: Cruzamento: freqüência de uso da forma *tu* em função do fator Escolaridade e gênero do falante

Os resultados mostram que as mulheres com menos escolaridade apresentam uma freqüência de uso muito maior do que aquelas com maior escolaridade. A diferença é marcante (70% e 25%), e indica que as mulheres mais

escolarizadas tendem a evitar o uso de *tu*, talvez devido ao estigma social que esta variante carrega quanto à conjugação não padrão com a terceira pessoa do verbo.

Assim, as mulheres mais escolarizadas preferem a forma *você*, que em tese não é estigmatizada socialmente. Entre os homens, não há variação de frequência quanto ao uso de *tu* em função de sua escolaridade. O percentual fica em 32% para ambos. O fator escolaridade, portanto, não possui relevância para se determinar o uso da forma *tu* entre os homens.

4.8.2 Gênero

Segundo Paiva (in MOLLICA&BRAGA,2003:34), a variável gênero é importante para a análise da dimensão social da variação e da mudança lingüística, principalmente quando estas envolvem o binômio forma padrão/forma não padrão.

Segundo a pesquisadora, as mulheres utilizam mais as formas lingüísticas consideradas padrão. Ela cita um estudo de Scherre em que mostra que as mulheres, por exemplo, tendem a realizar mais a concordância nominal do que os homens.

Com relação às formas de tratamento ela cita o estudo de SILVA(2003b) que trata da correlação *tu/você* na fala carioca, pesquisa baseada em dados de interação face a face. A pesquisa mostra que a ocorrência da forma *tu* sem a concordância canônica do verbo é mais freqüente na fala de homens (peso relativo de 0,57) do que na fala de mulheres (peso relativo de 0,47).

Diferentemente do que ocorre no Rio de Janeiro, em Santos, essa variável foi descartada pelo programa GolVarb, como sendo irrelevante para explicar a seleção das formas de tratamento. Os coeficientes de probabilidade que o programa atribuiu para esta variável são muito próximos: 0,49 para homens e 0,51 para mulheres, o que os tornam estatisticamente não relevantes.

Segundo Paiva

“as análises de conversações espontâneas têm permitido mostrar diferenças significativas na forma como homens e mulheres conduzem a interação verbal. Enquanto os homens

tendem a manifestar um estilo mais independente e uma postura que garante seu prestígio, as mulheres orientam sua conversação de uma forma mais solidária, que busca o envolvimento do interlocutor” (MOLLICA& BRAGA: 35).

Sugerimos que na cidade de Santos pode existir uma neutralização do uso da forma tu quanto ao gênero, o que não pode ser desconsiderado para análises futuras. A forma de tratamento “tu” sempre foi considerada, mesmo nas gramáticas normativas, mais solidária do que as outras formas. CUNHA & CINTRA (1985:284), por exemplo, afirmam que o pronome tu é empregado como forma própria da intimidade, usado entre pais e filhos, amigos, entre outros, com tendência a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita, em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente, aproximativa.

Uma explicação para essa neutralização de uso quanto ao gênero poderia ser o fato de que em Santos, homens e mulheres podem tender a orientar sua conversação para uma relação mais recíproca, não se atendo ao valor social, mas sim ao valor discursivo e pragmático da forma de tratamento. O contexto em que as gravações ocorreram, em sua maioria, indica uma relação de grande proximidade entre os interlocutores, e de, como diriam GILMAN& BROWN(1960), de solidariedade. SILVA (2003) amplia o conceito para uma relação de solidariedade informal, “marcadas por relações recíprocas informais” (p.176).

Apesar de o programa ter desconsiderado o gênero como responsável pela seleção das formas de tratamento, decidimos fazer o cruzamento deste com a faixa etária para verificar se esta pode interferir na escolha do tratamento em se tratando do gênero. Este cruzamento retornou os seguintes resultados:

| Fatores | Frequência | |
|-----------------|-------------|------------|
| | Homens | Mulheres |
| Faixa Etária | | |
| 15 a 20 anos | 52/154=34% | 13/14=93% |
| 21 anos ou mais | 111/353=31% | 56/187=30% |

Tabela 24: Cruzamento: frequência de uso da forma tu em função do fator gênero e faixa etária do falante

Comparando o índice de uso da forma *tu* entre falantes homens e mulheres pertencentes às duas faixas etárias sob análise, vemos que as mulheres entre 15 e vinte anos, ao selecionarem uma forma de tratamento, tendem a escolher a forma *tu*.

A confiabilidade destes resultados, no entanto, é prejudicada pelo baixo índice de ocorrência de formas de tratamento entre mulheres desta faixa etária. Nos demais casos, percebemos que os números apresentados são muito próximos. A diferença não se mostra numericamente significativa, mas sugere que mulheres mais novas tendem a usar com mais freqüência a forma *tu*.

Um último ponto que devemos salientar é o fato de que mudanças na organização social podem estar afunilando as fronteiras entre papéis sociais desempenhados por homens e mulheres. Essas transformações podem, de certa forma, estar ligadas à neutralização deste fator quanto à seleção das formas de tratamento.

As freqüências apresentadas pelo programa nos levam ao entendimento de que o gênero realmente não explica o fenômeno em análise.

4.8.3 Faixa Etária

A faixa etária foi o segundo fator a ser desconsiderado pelo programa; não atuando, portanto na escolha das variáveis. A probabilidade de uso da forma *tu* quanto à variável faixa etária foi 0,5 para ambas as faixas, conforme verificamos abaixo.

| Faixa Etária | Freqüência | Peso Relativo |
|-----------------------------|-------------|---------------|
| Primeira(15 a 20 anos) | 65/168=38% | 0,5 |
| Segunda (21 anos em diante) | 167/540=30% | 0,5 |

Tabela 25: Freqüência e peso relativo de uso da forma *tu* em função do fator escolaridade

É importante refletirmos sobre o fato de que a alternância entre as formas pode estar neutralizada (variável estável²³). Outra possibilidade é de que o processo de mudança ainda poderá desenvolver-se. Tais reflexões, porém, não trarão

²³ Voltamos a ressaltar que não se trata aqui, de um estudo de variação lingüística prototípica, conforme expusemos em 3.4.

conclusões definitivas sobre este aspecto, pois consideramos nesta pesquisa apenas duas faixas etárias, o que inviabiliza essa possibilidade.

As pesquisas sociolinguísticas têm buscado traçar um perfil da mudança em progresso e um perfil da variação estável através da combinação dos resultados das variáveis idade, sexo, classe social e nível de escolaridade, a partir da noção de prestígio.

“No que concerne à faixa etária, a variação estável se caracterizaria por um padrão curvilíneo, no qual as faixas intermediárias apresentariam a maior frequência de uso das formas de prestígio; já na mudança em progresso, a distribuição seria inclinada, com os mais jovens apresentando a maior frequência de uso das formas inovadoras (...). Mas a tendência aferida pelos resultados da faixa etária deve ser confirmada pelos resultados das outras variáveis sociais”.²⁴

Entendemos, assim, que para se chegar a algumas conclusões sobre a interferência desse fator (faixa etária) na escolha das formas, é necessário fazer o cruzamento desta com outros fatores. Cruzamos assim a faixa etária com o fator expressividade, na intenção de verificarmos a hipótese de que os mais jovens tendem a usar formas mais expressivas, obtendo o seguinte resultado:

| <i>Fatores</i> | Faixa Etária | |
|-----------------------|---------------------|------------------------|
| | <i>15 a 20 anos</i> | <i>20 anos ou mais</i> |
| Expressividade | | |
| [+] | 38/65= 58% | 107/222= 48% |
| [-] | 27/103=26% | 60/318= 19% |

Tabela 26: Cruzamento: frequência de uso da forma *tu* em função do fator gênero e expressividade do ato comunicacional.

Como fica claro na tabela acima, falantes de ambas as faixas etárias usam o *tu* em situações discursivas de maior expressividade, porém os mais novos a usam

²⁴ Extraído de <http://www.vertentes.ufba.br/socio.htm>

em contextos menos expressivos em maior escala que os mais velhos. Os mais velhos tendem a utilizar a forma *tu* em menor escala que os mais novos em todos os contextos de maior ou menor expressividade.

Diante de todas as reflexões aqui engendradas, podemos inferir que, no presente momento (sincronia) do português de Santos, não há qualquer indício de um processo de mudança lingüística, em que uma das formas possa vir a substituir a outra.

Finalizando a análise dos dados segundo os fatores sociais, nosso entendimento é de que estes, de uma forma geral, não explicam – quando tomados isoladamente - a alternância entre as formas *tu* e *você* em Santos. Quando alguns cruzamentos são efetuados, porém, alguns resultados podem contribuir para a análise.

4.9 Algumas considerações sobre a intercambialidade de pronomes em Santos

Segundo MONTEIRO (1994:161), a introdução e a aceitação do pronome *você* que, embora leve o verbo para a terceira pessoa, se reporta à segunda pessoa do discurso ocasionou - ao lado da implementação também de “a gente” – um desequilíbrio no sistema pronominal do português.

O lingüista afirma:

“As formas *tu* e *vós*, que eram dirigidas ao interlocutor, perderam aos poucos a razão de existir, em virtude da concorrência imposta pela disseminação de *você*. Fato análogo está ocorrendo com o pronome *nós*, sem que se possa por enquanto predizer o seu desaparecimento”.

Vemos nessas afirmações um tom marcadamente categórico, e os resultados de pesquisas com pronomes e formas de tratamento em diversas regiões do Brasil

têm demonstrado que o pronome *tu* continua vivo, concorrendo e co-ocorrendo com *você*, muitas vezes até suplantando seu uso em termos de frequência.

Nesta direção, DUARTE (1993) defende a hipótese de que com o emprego do pronome *você*, em lugar do pronome *tu*, deu-se a redução no quadro de desinências verbais. De um paradigma formado de seis pessoas distintas, passou-se a um paradigma de quatro formas: eu canto, *você/ele* canta, nós cantamos, *vocês/eles* cantam.

Os resultados obtidos nesse trabalho, que analisa uma das variedades do português brasileiro – a variedade santista – também demonstram que a forma *tu*, ainda que com um uso menos freqüente que em outras regiões do Brasil, continua produtiva no falar da região, sempre combinada com forma verbal de terceira pessoa.

Indo mais além, verificamos a alta frequência da forma *te*, e vimos que o fenômeno ocorre em outras partes do Brasil, indicando que o pronome de referência à segunda pessoa do discurso não perderam ainda “a razão de existir”, conforme diz o autor.

Contudo, é fato incontestável que a disseminação da forma *você* no português tem sido ampla e, arriscamos dizer, está presente em todo o território nacional.

Ainda segundo MONTEIRO(1994:162), o sistema pronominal, em virtude dessas novas manifestações lingüísticas, teve de entrar em um processo de reorganização. A consequência imediata dessa reorganização foi a quebra da uniformidade pessoal nas relações sintáticas, de modo que foram criadas novas formas de correspondências para as formas que originalmente eram privadas de certas funções.

É o caso da alternância de *você* e *te* no português brasileiro como um todo, e mais especificamente como encontrado no *corpus* do português falado em Santos Temos em nosso *corpus*, conforme vimos no item 4.6.1, 60% de usos de *te* contra 39% de usos de *você* em função objetiva.

Exemplo

F1: mas ah... por exemplo tipo na Alemanha... que é uma... hiperpotência assim... mundial... eles... num pode fazer nem o... num pode fazer o sinal do nazismo... num pode falar do nazismo... num pode fazer nada... só que dizem que quando o... tem algum estrangeiro em Berlim... né... que é... que é a capital... ainda tem os grupos nazistas que **te** matam... **você** tem que se passar por alemão ou **você** tem que sair correndo e... **te** garantir... (I.04,GS).

Exemplo

F1: era igual **a você**... até usa óculos igualzinho...(I.06,GS).

Monteiro explica que a associação do pronome *você* à forma oblíqua *te* se deve provavelmente à extinção dos pronomes átonos *o* e *a*, de emprego às vezes ambíguo. Outra explicação que ele dá é que o uso de *te* estaria ligado a uma distinção que o falante faz quanto ao uso de *lhe*. Citando MOREIRA DA SILVA (1983:12), o autor diz que os clíticos *te* e *lhe* perderam a oposição acusativo x dativo, passando a ter uma nova organização de distribuição, em virtude de que o tratamento possa ser mais familiar (*te* se associando a *você*) ou diferencial (*lhe* correspondendo a *senhor*).

Acreditamos, porém, que os fatores pragmáticos estejam ligados a esse fenômeno. Fato que comprova essa afirmação encontra-se no exemplo abaixo, na alternância, além de *te* e *você*, das formas *você* e *tu* num mesmo contexto, retirado de nosso *corpus*:

Exemplo

F2: pra equipe... a gente fala assim(...) não não por causa do ego mas **ce** tem... ah... assim... só de vo/ por exemplo de **você** tá ali... sem querer **você** tá à frente... num é porque **você** é mais velha... é porque tem alguma coisa que é... é... **você** não consegue ver as coisas ali parada... **ce** quer... tem que fazer... **tu** vai e faz...entendeu... (I.04, GS).

Assim, concordando aqui com Monteiro, entendemos que a intercambialidade decorre da instabilidade do sistema e envolve também processos pragmático-discursivos. O autor diz que a mistura ou alternância das formas pronominais sugere indícios de flutuação no comportamento dos interlocutores e marca a própria natureza da relação social.

Analisando os dados de que dispomos, pudemos perceber que a alternância das formas em um mesmo contexto não se sujeita a regras sintáticas categóricas. Não vimos indícios sintáticos ou regulares que pudesse sugerir os critérios de ordenação, se houver.

Acreditamos, consoante às reflexões que fizemos no item 1.3, que a sociedade está se transformando, se globalizando, e essa abertura social capta, produz e instiga um comportamento cada vez mais aberto, informal e de quebra de certos papéis sociais.

Lembramos que consideramos a hierarquia social e a divisão de classes fatores que estimulam na escolha do termo adequado para o tratamento, mas notamos que as transformações sociais e as quebras de papéis nas relações pai x filho, mãe x pai, mãe x filho, superior x inferior ajudam a promover o que Monteiro chama de instabilidade do sistema pronominal de tratamento.

Não entendemos, desta forma, que os falantes modernos da língua portuguesa do Brasil apliquem “regras” de tratamento baseadas apenas em relações de poder e solidariedade. Vimos neste trabalho que diversos outros fatores de ordem discursiva atuam na escolha da forma de tratamento adequada.

Os estudos sobre as formas de tratamento sempre estiveram ligados às questões exclusivamente sociais, ligadas à hierarquia social, e às relações de poder e solidariedade. Neste trabalho, verificamos outros fatores ligados ao contexto da interação verbal em que o processo de seleção ocorre, e comprovamos que alguns fatores como o monitoramento, a expressividade, entre outros, se apresentaram como importantes

É importante lembrar que, quanto ao uso das formas *você* e *tu* na Baixada Santista, não verificamos diferenças de uso quanto às questões exclusivas de hierarquia social e poder e solidariedade, mas sim em termos de relações que se estabelecem entre os interlocutores durante o evento comunicativo.

Considerações Finais

Buscamos verificar, neste trabalho, como se configura a alternância das formas de tratamento no falar informal do santista, no que concerne à utilização de *tu* e *você*.

Inicialmente, fizemos uma abordagem sócio-histórica sobre as formas de tratamento, relatando alguns trabalhos desenvolvidos sobre o tema. Em seguida, no segundo capítulo, apresentamos a cidade de Santos, demonstrando aspectos de sua importância histórica no cenário brasileiro e alguns dados populacionais.

Em seguida, passamos à apresentação, no terceiro capítulo, dos pressupostos teórico-metodológicos que nortearam essa pesquisa. Aqui tratamos da abordagem funcionalista da linguagem, da teoria da variação lingüística e descrevemos o *corpus* sob análise, apresentando os contextos em que cada evento de fala se realizou.

Por fim, no quarto e último capítulo, apresentamos os resultados finais de nossa pesquisa, baseando-nos em resultados estatísticos fornecidos pelo programa GoldVarb.

A análise dos dados confirmou algumas hipóteses e contestou outras; há ainda algumas que foram confirmadas parcialmente. Os falantes santistas tendem a usar a forma *tu* em situações informais, mas, diferente do que imaginamos, seu uso não supera estatisticamente a forma *você*. A forma *você*, já nas primeiras análises em termos de frequência bruta, superou a forma *tu*, apresentando como resultados 67% de usos para *você* e apenas 32% de usos para *tu*.

Confirmamos a hipótese de que a alternância das formas de tratamento em Santos não é aleatória, mas condicionada por um conjunto de fatores lingüísticos, sociais e pragmático-discursivos, definindo assim, um contexto conversacional de natureza lingüística e pragmático-discursiva.

Dentre os fatores analisados, foram selecionados como estatisticamente relevantes:

1. monitoramento;
2. expressividade;

3. função sintática;
4. referenciação e
5. escolaridade.

Abaixo colocamos em uma tabela a configuração do contexto conversacional e lingüístico em que a forma *tu* é a mais provável de ser usada. Foi considerado o fator envolvimento, pois as gravações foram feitas entre interlocutores com grande envolvimento (amigos, irmãos, colegas de trabalho e de classe).

| Contexto favorável ao uso de <i>tu</i> | |
|--|-----------------------|
| (+ monitorado) ----- | ⊖- (- monitorado) |
| (+ expressivo) -⊖----- | (- expressivo) |
| (+ envolvimento) -⊖----- | (-envolvimento) |
| (+ escolaridade)----- | ⊖- (- escolaridade) |
| (função subjetiva)----- | ⊖ - (função objetiva) |

Tabela 27: Configuração do contexto conversacional e lingüístico favorável ao uso de *tu*

Assim, confirmamos a hipótese estabelecida de que o uso de *tu* é desencadeado pela configuração de situações de [+] envolvimento, [-] monitoramento e [+] expressividade. Quanto ao uso de *você*, verificamos que ela ocorre, conforme prevíamos, em situações de [+ monitoramento] e [-expressividade], porém seu uso em nosso corpus é expressivo em termos freqüências, o que indica, diferente do que pensamos inicialmente, que ela também pode ser usada em contextos de [+] envolvimento.

Também confirmamos a hipótese de que a forma objetiva *te* é a opção mais produtiva no falar da região, atuando em diversos contextos, muitas vezes intercambiando-se com *tu* e *você* num mesmo ato de fala.

Quanto à concordância verbal, verificamos que, categoricamente, em nosso *corpus* não foi encontrada nenhuma ocorrência de concordância canônica de segunda pessoa do verbo com o pronome *tu*.

Com relação aos papéis sociais, entende-se, conforme vimos em 1.3, que, historicamente, as formas de tratamento são reguladas por padrões comportamentais provenientes do papel e do *status* que cada indivíduo ocupa na sociedade..

Assim, no tocante à alternância das formas de tratamento *tu* e *você*, não verificamos em nosso *corpus* nenhuma indicação de que estas sejam selecionadas em função do *status* ou dos *papéis sociais*, em todos os contextos analisados, que constituem situações informais e com participantes com grande grau de envolvimento e solidariedade. Ambas as formas são usadas nesse contexto de solidariedade. O uso das formas *tu* e *você* não está ligado intimamente ao *status* dos interlocutores, mas sim à *interpretação* das atitudes de cada interlocutor na interação verbal e na *avaliação* de cada situação por parte do falante.

Por fim, verificamos que as duas formas continuam vivas no falar da região, e que há realmente uma linha sutil que delimita um ou outro uso. Não verificamos que haja mudança em progresso, pois as variáveis gênero e faixa etária, grande indicadores de mudanças lingüísticas, mostraram-se estatisticamente irrelevantes pelo programa de análise. Acreditamos que haja uma relação de contemporização, estáveis em sincronia, co-ocorrendo em situações lingüísticas diferenciáveis pelo contexto pragmático-discursivo. Mas não descartamos a hipótese de que uma mudança lingüística de transição para uma ou outra forma de maneira definitiva ainda possa ocorrer.

Retomamos agora os fatores analisados, os considerados significantes pelo programa e os que foram descartados, destacando os pontos mais importantes da discussão aqui apresentada.

Monitoramento da fala

O monitoramento da fala foi considerado o fator mais relevante pelo programa GoldVarb. Verificamos que contextos conversacionais que envolvam um menor monitoramento entre os falantes favorecem o aparecimento da forma de tratamento solidária e expressiva *tu*, enquanto que o mesmo contexto desfavorece a aplicação da forma *você*. O cruzamento dos fatores monitoramento e faixa etária indicaram que nos contextos menos monitorados, falantes jovens usam a forma *tu* com mais freqüência que os mais velhos (52% e 44%, respectivamente). Já nos contextos mais monitorados os mais jovens evitam o *tu* em maior proporção que os mais velhos (10% e 19%, respectivamente).

Expressividade

O fator expressividade foi o segundo a ser selecionado como relevante pelo programa e comprovou nossa hipótese de que a forma *tu* possui um traço [+] expressivo quando em uso no falar do santista. Verificamos que a forma *tu* foi usada em diversos contextos em que o falante demonstrava emoção em seu ato de fala, buscando enfatizar a informação veiculada ou abordar o interlocutor de maneira mais enfática.

O pronome *você*, apesar de ter uma freqüência maior de uso no *corpus* analisado, mostrou-se improdutivo em contextos de maior expressividade.

A forma *tu*, como forma de expressividade, realiza-se na inter-relação da situação com o interlocutor, servindo como meio de reforço da expressão pragmática do seu discurso, consolidando, assim, um fato de variação estilística.

Função Sintática

A função sintática foi o terceiro fator a ser selecionado pelo programa computacional GoldVarb. Os resultados mostraram que a função sintática constitui um fator relevante para escolha da forma *tu*, quando na função de objeto, em sua forma *te*. Constatamos em nosso *corpus* que a forma *te* é usada em 60% dos casos, quando em função de objeto, contra apenas 39% de *você*. É interessante notar que ela pode alternar-se, ao lado da forma subjetiva *tu*, com a forma *você* em diversos contextos, mesmo naqueles onde não seria propício ao uso de *tu*.

Entendemos que tal fato se dê devido a um processo de neutralização das marcas desinenciais do verbo, e da perda da distinção formal entre funções exercidas por pronomes. Assim, mais uma vez, entendemos que a escolha das formas depende, mais que de questões estruturais, de questões pragmáticas e discursivas.

Referenciação

O fator Referenciação, considerado relevante em quarto lugar pelo programa, apontou que a preferência geral é realmente pelo pronome *você*, tendo a referência direta como maior fator que favorece o uso de *você*, que conta com 42% de

freqüência nesta função e uma probabilidade de uso de 0,61. Assim, a referência direta é um alto desfavorecedor para o uso da forma *tu* nos contextos apresentados.

Também verificamos que a forma *tu* é mais provável de ocorrer em contextos mais expressivos nos três tipos de referência estudados, sendo que nos contextos expressivos o uso de *tu* como referência direta e indireta é preferência da maioria dos falantes (com 57% e 51%, respectivamente).

LOREGIAN (2004) também analisou a interferência do fator “determinação do discurso” na escolha das formas. Esse fator analisado por Loregian pode ser comparado ao grupo “Referenciação” analisado neste trabalho.

Em Porto Alegre e Florianópolis o fator “discurso determinado” foi selecionado como relevante, da mesma forma que em nossas análises o fator “Referência direta ao interlocutor”. O discurso indeterminado se apresentou como desfavorecedor em relação à aplicação da regra, da mesma forma que ocorreu em nosso trabalho.

Escolaridade

O fator escolaridade foi o último a ser considerado relevante pelo programa. Os dados confirmaram que há maior freqüência de uso da forma *tu* entre falantes do Ensino Médio, indicando que, quanto maior o grau de escolaridade, menos freqüente será o uso da forma *tu*. Isso sugere que *tu*, embora com valor [+] expressivo e [+] informal, pode ser considerado como uma forma com algum grau de estigma social.

Conjeturamos que o fenômeno pode estar associado à conjugação verbal do *tu* com a terceira pessoa do singular, considerada como “erro”. A cobrança para se falar “corretamente” no Ensino Superior pode ser um fator de pressão social para que a forma *tu* seja evitada, dando lugar a *você*. Mas tal afirmação só pode ser comprovada em momento posterior, talvez com um trabalho futuro.

Gênero do falante e faixa etária

Estes fatores foram desconsiderados pelo programa, por apresentar entre homens e mulheres, jovens e adultos, freqüências e pesos relativos muito próximos, mostrando a preferência geral pelo pronome *você* e uma tendência a usar *tu* apenas em contextos específicos.

Um fator relevante para o estudo das formas de tratamento no Brasil é o fato de os fatores sociais gênero e faixa etária terem sido desconsiderados pelo programa durante a análise dos dados.

Trabalhando com gravações espontâneas de jovens brasileiros, o estudo de LUCCA(2005) revela um alto índice de *tu* na região (72%), e mostra que a variação *tu/você* na região é determinada pelo gênero do falante, pelo tipo de relação entre os pares, pelo tópico discursivo e pela região administrativa de onde o falante provém.

Nossos resultados diferem em grande parte: enquanto em Brasília a maior parte dos jovens selecionam a forma *tu*, em Santos apenas 38% preferem utilizar *tu* nas relações de mais envolvimento e afinidade. Outra diferença crucial é que os resultados aqui encontrados descartaram o fator gênero do falante (considerado relevante em Brasília). Enquanto *tu* é amplamente utilizado entre jovens brasileiros do gênero masculino, aqui predomina o uso de *tu* entre jovens do sexo feminino, com 93% de frequência entre as mais jovens.

Em Porto Alegre e Florianópolis, também se afastando de nossas constatações feitas em Santos, LOREGIAN (2004) mostra que o fator gênero, aparece também como um fator relevante para a seleção das formas: mulheres tendem a usar mais o *tu* (peso relativo .92) e, os homens tendem a evitar o uso (peso relativo .03)

SILVA (2003c), analisando o uso de *tu* no Rio de Janeiro, afirma que o gênero masculino é o principal fator para a seleção de *tu*, enquanto o gênero feminino é desfavorecedor. Novamente os resultados se distanciam dos nossos, pois no Rio o fator gênero foi considerado o primeiro em ordem de relevância.

Assim, diferente do que ocorre em outras regiões do Brasil, em Santos a forma *tu* não é selecionada em função exclusivamente do falante, mas em função da configuração do contexto conversacional, em que estão imbricados fatores discursivo-pragmáticos.

Esperamos que, ao concluir esta pesquisa, possamos ter contribuído para o entendimento das formas de tratamento usadas em situações informais em Santos. Sabemos que há inúmeros trabalhos sobre as formas de tratamento usadas em diversas regiões do Brasil, mas até então não havia notícias de trabalhos feitos

sobre a variedade santista. Este trabalho , então, soma-se aos outros empreendidos sobre as diversas variedades de português espalhadas pelo Brasil, constituindo-se em mais um referencial que pode vir a explicar as nuances do português brasileiro.

Nosso estudo, porém, não esgota as possibilidades de análise das formas de tratamento. Não verificamos, por exemplo, diferenças de uso quanto às questões exclusivas de hierarquia social e *poder e solidariedade*, mas sim em termos de relações pragmáticas que se estabelecem durante o evento comunicativo. Um estudo mais aprofundado sobre esse aspecto possa ser feito, com base em dados provenientes de diferentes atores sociais.

Futuros estudos devem ainda analisar outros *corpora* e verificar como os fatores de natureza pragmático-discursiva selecionados como relevantes em nosso trabalho podem influenciar a seleção da forma de tratamento em outras regiões do Brasil.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Maria Tereza dos Santos & VEIGA, José Luiz da (1988) O tratamento em Curitiba: o pronome zero. In: *Ilha do Desterro*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina.

BASTO, Cláudio (1931) Forma de Tratamento. *Revista Lusitana*, p.30.

BECHARA, Evanildo (2004) *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro, Lucerna.

BEZERRA, Maria Auxiliadora (1997) Uso de tu/você - estratégias de polidez. *Revista Intercâmbio*. São Paulo, PUC/SP, v. VI, parte I, p.496-519.

_____. (1994) Uso de tu/você em interações infantis. *Letras*. Campinas, PUCCAMP, v. 1, n. 13, p. 96-118.

BERNARDES, Marisa de Murilo Silva (1981) Objeto direto pronominal: um estudo sociolingüístico. Rio de Janeiro, PUC. In: MONTEIRO (1994) *Pronomes Pessoais*. Fortaleza, Edições UFC.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris (1997). *A análise do português brasileiro em três continua: o continuum rural-urbano, o continuum de oralidade-letramento e o continuum de monitoração estilística*. Congresso Substandard e Mudança no Português do Brasil. Berlim, outubro de 1997.

_____. (2002) Um modelo para a análise sociolingüística do português do Brasil. In: BAGNO, Marcos (org). (2002) *Lingüística da norma*. São Paulo, Loyola, p. 333-350.

BRAIT, Beth (1993) O processo interacional. In: *Análise de textos orais*. São Paulo, FFLCH/USP. p.194.

BRAGA, Maria Luiza (1992) Os condicionamentos Discursivos. in: MOLLICA, Maria Cecília (org.) (1992) *Introdução à sociolingüística variacionista: Cadernos Didáticos*. Rio de Janeiro, CEU/UFRJ, p.57-79.

BROWN, R. e GILMAN, A. (1960) The pronouns of power and solidarity. In: FISHMAN, Joshua. (org.)(1960) *Readings in the Sociology of Language*. La Haya, Mouton.

BOTELHO RAMOS Myrian Pereira (1999) *Formas de Tratamento no Sul do Brasil: Coocorrência de tu e você em Florianópolis*. Santa Catarina, UFSC.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org) (1992) O português do Brasil. in: ILARI, Rodolfo (1992) *Lingüística Românica*. São Paulo, Ática.

_____ & PRETI, Dino (orgs.) (1987) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo; diálogos entre dois informantes*. São Paulo, T. A. Queiroz / FAPESP.

_____ & PRETI, Dino (orgs.) (1986) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo; elocuições formais*. São Paulo, T. A. Queiroz.

CÂMARA Jr., J. Mattoso (1983) O sistema de pronomes em português. In: - *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 13 ed. pp. 117-24.

_____ (1970) Os pronomes. In: *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 4 ed., rev. e aum., pp. 153-5.

CHAFE, W.L (1982) Integration and involvement in speaking, writing, and oral literature. In: TANNEN, D. (ed)(1982) *Oral and written discourse*. Norwood, N.J.

_____ (1985) Linguistic Differences produced by differences between speaking and writing. In: D.R. Olson; N. Torrance, A. Hildyard (eds) (1985). *Literacy, Language and Learning*. Cambridge, Cambridge University Press, p.105-123

CINTRA, Luis F. Lindley (1986) *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Coleção Horizonte. Rio de Janeiro, Livros Horizonte.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley (1985) *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2 ed.

_____ (1967) *Evolução das Formas de Tratamento em Português*, Lisboa, Livros Horizonte.

DIK, Simon C. (1989) *The theory of functional Grammar*. Dordrecht-Holland/Providence RI -USA, Foris Publications.

_____ (1986) On the notion 'Functional Explanantion'. In: *Working Papers in functional grammar*. Amsterdam, University of Amsterdam, n11, July.

DUARTE, Maria Eugênia (1993) Do pronome nulo ao pronome pleno, in ROBERTS, Ian & KATO, Mary (orgs.) (1993) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da Unicamp.

ELIA, Sílvio (1994) O português do Brasil. *Lexikon der Romanistischen Linguistik* (LRL). Tübingen:Max Niemeyer Verlag, Band/Volume VI,2.

EMILIO, Aline (2003) Diminutivo x grau normal: um fenômeno estilístico no enfoque da abordagem variacionista. In: *Revista da ABRALIN*. Vol. II, n 01, p.9-49.

FERNÁNDEZ, F. M. (1997) *Princípios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona, Ariel.

_____ (1990) *Metodología sociolingüística*. Madrid, Gredos.

GADET, F. (1992) Variation et hétérogénéité. In: GADET, F. (org) (1992) *Hétérogénéité et variation: Labov, un bilan*. *Langages*, 108:05-15.

GASPARINI-BASTOS, Sandra Denise (2004) *Os constituintes extrafrasais com valor epistêmico: análise de entrevistas jornalísticas no espanhol e no português*. Tese (doutorado).Araraquara,UNESP.

GOFFMAN, Erving (1967) *Interaction Ritual: essaies on face-to-face behavior*. Nova York, Garden City.

_____ (1970) *Ritual de la interacción*. Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo.

_____ (1974) *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. New York, NY et al.: Harper & Row.

GRYNER, H. & OMENA, N.P. (2003) A interferência das variáveis semânticas. In: MOLLICA, M.C. & BRAGA, M.L.(2003) *Introdução à sociolingüística*. São Paulo, Contexto, pp.89-100.

HALLIDAY, M. A. K. (1985) *An introduction to functional grammar*. New York, Edward Arnold.

_____ (1976) Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, John (org.) (1976) *Novos horizontes em lingüística*. São Paulo, Cultrix / EDUSP.

_____ (1975) *Learning how to mean: explorations in the development of language*. London, Edward Arnold.

_____ (1974) Os Usuários e os Usos da Língua. In: HALLIDAY, M.A.K. et alii. (1974) *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Petrópolis, Editora Vozes.

HENGEVELD, K.(2000) *The Architecture of a Functional Discourse Grammar*. Preliminary version, Amsterdam, Department of Linguistics, University of Amsterdam.

ILARI, R., FRANCHI, C. & NEVES, M.H.M. (1996) Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, A.T. & BASÍLIO, M. (orgs) (1996). *Gramática do português Falado . Volume IV Estudos Descritivos*. Campinas, Editora da Unicamp.

LABOV, W. (2001). *Principles of linguistic change. Social factors*. Cambridge, Blackwell.

_____ (2001) *The anatomy of style-shifting*. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John. (orgs) (2001) *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 85-108.

_____ (1994) *Principles of linguistics change. Internal factors*. Cambridge: Blackwell.

_____ (1972) *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia, University of Philadelphia Press.

_____ (1983) *Modelos Sociolingüísticos*. Madrid: Ediciones Cátedra.

_____ (1968) The reflection of Social Processes in Linguistic Structures. In: FISHMAN, Joshua (ed.). *Readings in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton, p.240-51.

_____ (1969) *Language in the Inner City*. London, Pennsylvania Press.

LAVANDERA, B.R. (1984) Los limites de la variable sociolingüística. *Variación y significado*. Buenos Aires, Hachette, pp.37-46.

LEVELT, W.J.M. (1989) *Speaking: from intention o articulation*. Cambridge, MIT Press.

LEVINSON, S. (1983) *Pragmatics*. Cambridge, Cambridge University Press.

LINDLEY CINTRA, L.F. (1967) Origens do sistema de formas de tratamento do português actual. In: *Brotéria Revista de Cultura (1967)* Lisboa, 84, 49-70.

LUCCA, Nívia Naves Garcia (2003) *A expressão gramatical da 2ª pessoa do discurso em Minas Gerais: séculos XIX e XX*. Brasília, UnB. (mimeo)

LOREGIAN, Loremi (1996) *Concordância verbal com o pronome tu no sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras/Lingüística). Florianópolis, UFSC.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi (2004) *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. Tese (Doutorado em Letras/Lingüística). Curitiba, UFPR.

LOPES, Célia Regina dos Santos; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (2003) De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S.; MOTA, M. A. (orgs.) (2003) *Análise Contrastiva de Variedades do Português: Primeiros Estudos*. Rio de Janeiro, In-Fólio. p. 61-76.

MENON, Odete Pereira da Silva (2000) Pronome de segunda pessoa no Sul do Brasil: tu / você / o senhor em Vinhas da Ira. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 121-164.

MODESTO, Artarxerxes Tiago T. (2005) Estudo sobre as formas de tratamento em uso na baixada santista. *Letra Magna Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa Lingüística e Literatura*, v. 02/03, n. 01. [www.letramagna.com]

_____ (2004) Formas de tratamento em São Vicente: julgamentos de valor. In: CARAMORI, Alessandra Paola. (org.) (2004) *Português ou Brasileiro: Que língua é essa?*. São Paulo, 1 ed. p. 47-55.

MOLLICA, M.C. & BRAGA, M.L (orgs.) (2003) *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo, Contexto.

MONTEIRO, José Lemos (2005) *A estilística*. Petrópolis, Vozes.

_____ (2004) Estilística e Pragmática: alguns pontos de intersecção. *Revista de Letras*. Fortaleza, UFC. n26. vol.1/2.

_____ (2000) *Para compreender Labov*. Petrópolis, Vozes.

_____ (1994) *Pronomes Pessoais*. Fortaleza, Edições UFC.

_____ (1991) *Os pronomes pessoais no português do Brasil*. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, mimeo.

MOREIRA DA SILVA, Samuel (1983) Études sur la symétrie et l'assymétrie sujet/objet dans le portugais du Brésil. Paris, Université de Paris VIII. In: MONTEIRO (1994). *Pronomes Pessoais*. Fortaleza, Edições UFC.

NEVES, Maria Helena Moura (2001) *Gramática. História, teoria e análise, ensino*. São Paulo, Unesp.

_____ (2000) *Gramática de Usos do Português*. São Paulo, Editora UNESP.

_____ (1997) *A Gramática funcional*. São Paulo, Martins Fontes.

NARO, Anthony Julius (2003) Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs).(2003). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo, Contexto. p. 15-25.

OLIVEIRA, M.& RAMOS, J. (2002) O estatuto de 'você' no preenchimento do sujeito. *Texto apresentado como comunicação no Encontro da Alfal realizado em Costa Rica*. (mimeo)

OLIVEIRA, Pérsio Santos de (2004) *Introdução à Sociologia*. São Paulo, Ática. 25 ed.

PINTZUK, Susan (1988). *VARBRUL programs*. inédito.

PITOMBO, Eliana.(1998) *Tu e Você no português da Bahia no século XIX*. Por uma lingüística sócio-histórica. (mimeo)

PRETTI, Dino (org.) (1997a) *O discurso Oral Culto*. São Paulo, Humanitas/FFLCH-USP.

_____ (1997b) *Análise de textos Oraís*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP.

_____ (2000) Formas de tratamento e papéis sociais em *A Ilustre Casa de Ramirez*, de Eça de Queiroz. In: Berrini, B. (Org.) *Eça de Queiroz. A ilustre casa de Ramirez. Cem Anos*. São Paulo, Educ/FAPESP.

_____ (2002) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo, Humanitas/FFLCH-USP.

PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro.(1998) Concordância verbal com o pronome 'tu' na fala pessoense. In: *Anais do Congresso da Abralín*.

RAMOS, Jania Martins.(2001) Formas de tratamento no português brasileiro atual. *Texto apresentado como palestra*. Tübingen, Universidade de Tübingen. (mimeo)

_____ (1997) O uso das formas você, oce e ce no dialeto mineiro. In: HORA, Dermeval(org.)(1997) *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa. p.43-60.

RODRIGUES, Ângela C.S. (1993) Língua falada e língua escrita. In: *Análise de textos oraís*.(1993) São Paulo, FFLCH/USP, p.18.

_____ (1987) *A Concordância Verbal no Português Popular em São Paulo*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP.

ROBINSON, John; LAWRENCE, Helen; TAGLIAMONTE, Sali (2001) *GoldVarb 2001. A multivariate analysis application for Windows*. York, 2001.[<http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/manual/manualOct2001.html>]

SALLES, Miguel (2001) *Pronomes de tratamento do interlocutor no português brasileiro: um estudo de pragmática histórica*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Filologia e Língua Portuguesa. São Paulo, FFLCH/USP, mimeo.

SANTOS LUZ, Marilina dos (1956) Formas de tratamento. *Revista Portuguesa de Filologia*. Lisboa. Vol.VII, tomos I e II. p.251-363

SILVA, Luiz Antonio (2003a) Tratamentos familiares e referenciação dos papéis sociais. IN: PRETI, Dino. (org) (2003) *Léxico na língua oral e escrita*. São Paulo, Humanitas.

SILVA, Vera Lúcia Paredes (2003b) Relevância das variáveis lingüísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (2003) *Introdução à sociolingüística*. São Paulo: Contexto, pp.67-71.

_____. (2003c) O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs). *Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro, 7Letras. p. 160-169.

SILVA-CORVALÁN, Carmen (1989) *Sociolingüística: teoría y análisis*. Madrid, Editora Alhambra.

SOARES, Izabel Cristina R.; LEAL, Maria da Graça Ferreira (1993) Do *senhor* ao *tu*: uma conjugação em mudança. *Moara. Revista do curso de mestrado (UFPA)*, Belém, n. 1, p. 27-64, mar/set

SOARES, Maria Elias (1980) *Formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio de Janeiro, PUC/RIO.

SOTO, Ucy (1997) De "Vossa Mercê" a "Você": Um Percurso de Mudanças no Tratamento de 2ª Pessoa. Boletim 21. *Abralin. Atas do I Congresso da Abralin, Maceió*.

TARALLO, Fernando (1990) *Tempos lingüísticos. Itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo, Ática.

_____. (org.) (1989) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas, Pontes/UNICAMP

_____. (1986) *A Pesquisa Sociolingüística*. São Paulo, Ática.

VILELA, M. (1992) *Gramática de valências: teoria e aplicação*. Coimbra: Livraria Almedina.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. (1968) Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Yakov (eds). (1968) *Directions for Historical Linguistics: A Symposium*. Austin: University of Texas Press, p.95-195.

WILHELM, Axel Eberhard. (1979). *Pronomes de distância do português actual em Portugal e no Brasil*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.

ANEXO

INQUÉRITO Nº 01

Tipo de inquérito: Gravação secreta (GS)

Duração: 10 minutos

Data de registro: 20/04/2004

Falante 1: Homem, 24 anos, professor, santista

Falante 2: Homem, 18 anos, instrutor, santista

NÍVEL DE AUDIÇÃO DA GRAVAÇÃO: BOA

F1: ce coloca ela pra cima né (no fogo ela toda só num pode morrer asfixiada ainda)...

... ..

F2: esse joguinho seu é legal, num é?

F1: muito legal... eu tirei a cópia já...

... ..

F2: como é que é ce você entrar no... no... no e numa moto? Na moto num tocou né...

F1: ãh?

F2: na moto num tocou... música nenhuma né....

F1: toca...

F2: qual?

F1: eu num sei (...) mas toca...

((voz ao fundo))na moto?

F1: na moto... legal que dá pra tu levar os outros na moto...

F2: nossa...

...

F1: (...)ai ce vai na... porque... tipo a missão é assim por exemplo... eu tinha que ir lá eu acho que era... tinha... e:: os cara tavam... e:: brigando... com ... contra a empresa... ai eu fui lá... numa loja... vesti igual... o macacão igual o dos trabalhador... peguei o carro fui lá eles tavam brigando eu tinha que matar os cara lá:: um cara... ai depois explodir os caminhão lá... num entendi direito sei que acabei... fazendo a missão... agora essa outra que eu tô é fogo... (...) é um campo de golfe né...

F2: ãh...

F1: ce chega lá assim... ai o carinha tá... tá com quatro guarda costa... ai ele manda os guarda costas pegar ... ai os carinha vem com aquilo... sabe aquelas chibata de... de cavalo...acho que é daquilo... ô mas aquilo lá dói meu... os carinha dá uma já caiu já dá mol raiva... ai eu tenho eu tenho que pular do negócio... pegar aqueles carrinho

de golfe... e correr atrás do do do chefe deles que é o que tá com carro de golfe... e matar ele... é fogo...

F2: Legal heim...

]

F1: aí... eles tiram minha arma lá na frente a gente não pode entrar com arma...

F2: e aquele negócio que ce tava falando da música como é que mesmo? ce tem que pegar a mús/ tem que pegar o carro e ligar o rádio ou não?

F1: não... já vem... dependendo do carro que tu pega vem a música... vem comentário... comédia... monte de coisa...

(voz do fundo: inglês ou português?)

]

F2: nossa que legal...

F1: tudo em inglês... tem tradutor na Internet tem um site que é... ãh... a gente pesquisou lá que é... (...) igual teve um aluno meu que ficou fascinado pelo jogo... ai ele falou que... ai a gente procurou lá ele... como ele tem gravador de cd... ai ele... porque no site tem... carros novos... tipo bmw tem... pôrshe...porshe...como é que é?

F2: Pórshe...

F1:Pórshe...tem um monte de tipo de carro lá né... por mais que... (...) na realidade num dá acho que... deve dar uns cinqüenta tipo de carro... sem brincadeira... tipo... carro... é lancha... moto... caminhão... contando com tudo...

F2: e ce pode escolher aquele que (...) tu quiser?

F1: é... só que tu tem que ir fazendo as fazes até chegar né... igual aquela moto... aquela Harley lá... ce faz uma fase ai você ganha uma... ai depois começa a circular... são... três tipos de moto que eu vi até agora... uma igual a bizz, ce senta assim com pé... a outra é aquela lá que ce tava que era de... de... de fazer manobra mesmo né na duna... e... e a Harley... Ah e tem mais uma que é aquela... aquela Suzuki... corre pra caramba (faz o som da moto correndo)...

F2: nossa....

F1: são quatro... quatro tipo de moto... até agora que eu vi... carro não dá pra contar... cada vez eu pego um diferente...

F2: caramba mol legal hein...

F1: e agora tem outras ferramentas tem martelo tem... faca... pode bater nos outros com martelo... nada a ver meu...

F2: bater nos outros com martelo?

F1: nesse site... tem tudo... detonado do jogo... todas as missão... ai eu li e passo entendeu? Ai lá que eu li ai sei tudo o que tem que fazer no jogo agora...

F2: entendi...

F1: tem... tipo... você criar seu carro... tem um programa que cria seu carro lá... (aí o menino) vai baixar... tem tipo... lugares novos... diferentes...estabelecimento assim... ce coloca no jogo ai aparece ele no jogo...

F2: nossa bastante coisa heim...

F1: é muita coisa... tem muito lugar assim pra você entrar... que tem que ir de acordo com o jogo que tu vai jogando... se/ olha... tem muita fase...deve ter umas... deve ter umas....

F2: qual a parte que tu mais gostou? até agora....

F1: até agora? missão?

F2: é... de missão...

F1: chovê a primeira... é ... é assim (você vai...)é você vai entra no hotel... ai você conversa com os cara lá... ai ... é muita conversa... entendeu... (...) daí tem os (...) chefão e tal...

F2: tem que ter muita lábia...

F1: tem...e... e tem outro que tipo o cara que manda você fazer as coisas né... agora eu ka tô trabalhando pra outro é um caipira...(que é rico pra caramba)... é esse que me mandou ir no campo de golfe... eu num tô conseguindo...

(...)

F1: é... a missão que eu mais gostei até agora... ah essa é legal essa a/... porque as outras.../ ah... a que o... tipo muito louco... o carinha pega assim... ai tu tem que... entrar num lugar... que vai ter um cozinheiro o cozinheiro começa a falar com você num sei o que que é... ai... ai ele (atira assim quando) você começa a brigar com ele. Ai você mata o cozinheiro...

F2: ãh...

F1: batendo... ai você pega o... o walkie-talkie dele... né.... ai aparece outro cara um negão assim... ai... ele começa a falar com você... né... eu acho que ele... tipo... ele tava procurando alguma coisa sei lá... ai de/ do nada assim surge três cozinheiro atrás de você... ai o cara ta com uma arma na mão esse negão né...

F2: ãh...

F1: ele joga pra você assim ai você aponta e sai correndo....ai tu tem que sair correndo atrás do negão ai ele entra no carro tu entra atrás dele... ai você sai correndo...

F2: no::sa....

F1: vai comprar arma com ele...

F2: nossa muito louco...

F1: é legal que você que faz parte assim daquilo entendeu...é muito legal...ai você opina em querer matar os cara os cozinheiros ou... fugir... eu fujo... ai eu vou lá comprei a arma...

(voz de fora: se matar... num acontece nada....)

F1: não... acho que não... ruim que a polícia vê né... se polícia pegar... a polícia é chatona ai viu... o bom é que ce pode bater nela agora né...

(voz de fora: na polícia?)

F1: é... nos... nos.... nos outros você... prendeu já era né... nesse agora ce briga... sai na mão com a polícia mesmo... (risos)

F2: caramba... é mesmo né... ontem mesmo eu briguei com a polícia...

F1: e... o ruim é que... tem as estrelinha né... eu nunca cheguei até a última...pra tu vê né eu já zoei naquele jogo e eu nunca cheguei até a última... se chegar acho na terceira... que acontece o helicóptero começa a vim... ai o helicóptero só começa a te metralhar se você... atirar nele... começa a te dar... ordem de prisão...ai se você começar a atirar ele começa a te metralhar...ai se tu piorar a coisa... começa a descer carinha....da... tipo da swat lá...

F2: ãh....

F1: tudo tudo tudo encapuçado assim ó... com metralhadora... começa a descer da... do helicóptero começa a ...(...)

F2: o que eu notei é que os carinha lá também do... dos carro que num era nem policial tava te metralhando...

F1: Pro ce ver... pro ce ver... num dá pra entender aquele jogo...que às vezes os carinhas dos policiais vão lá aparece os...os carros... tipo... vem mol carrão assim dá mol freada... aí sai os carinhas... desce... desce e começa tudo a atirar em você também...num entendo...tem que ler o... o jogo né pra entender...

F2: ah com certeza...

F1: no começa precisa ver o enunciado do jogo o começo né...é tipo uma troca de...começa assim o... cara conversando numa mesa...aí lá traz dá pra ver um frigorífico assim umas carne.. tem um corpo pendurado dum cara assim...ai o cara começa a conversar tipo... ficar conversando lá sobre alguma coisa...acho que é sobre um... era negócio de trocar droga por dinheiro né...

F2: ãh...

F1: ai conversa conversa... ai aparece outra esquema ai vão no aeroporto... ai no aeroporto entra um cara lá (muito muito)... você tá junto de todos né...só que você só tá vendo né...só o enunciado do jogo só o começo...ai...o... no aeroporto tal lá o cara conversa conversa ai vocês pegam um táxi e vão até um lugar... ai ces param é um lugar mol reservado assim ai uns cara desce do helicóptero...ai o helicóptero desce... ai desce dois cara cum... umas duas malas... vocês.. também saem do carro com maleta... ai o cara chega assim começa a conversar com você ... você deixa as maleta no chão...ele deixa a maleta no chão...ai ce mostra o dinheiro pra ele.... ele abre a maleta mostra o dinheiro... ai quando ce vai colocar a maleta no chão... o cara do outro (lado) ta atrás...bem atrás... ai sai... sai metralhando todo mundo só você que sobrevive... ai você sai... se joga na... na janela do carro... ai (faz som de carro saindo) sai correndo com o carro e vai embora...

F2: caramba...

F1: mol emocionante o jogo meu....

F2: foi o único que sobreviveu...

F1: ai você volta pro... pro hotel ai o carinha... ai você liga pro... pro chefão...ai o chefão fica louco com você né... eu acho que é isso... que os cara corre atrás dele...porque ele perdeu todo o dinheiro...

F2: ah:::::.....

F1: ele devia ter morrido... (risos) acho que o cara pensa isso né... como é que ce num ajudou os outros? mas num tinha jeito...eles tavam cercados... é mol história o jogo...

INQUÉRITO 02

Tipo de inquérito: Gravação Consciente (Não – Secreta)

Duração: 15min. 09seg.

Data de registro: 10/08/2004

Falante 1: Mulher, 39 anos, fonoaudióloga/pedagoga, santista

Falante 2: Mulher, 40 anos, psicóloga, santista.

Falante 3: Mulher, 32 anos, psicóloga, santista

P: paciente (garota adolescente de 15 anos)

NÍVEL DE AUDIÇÃO DA GRAVAÇÃO: BOA

F1: ... quatro meia meia quatro... então aí a mãe da Gabi ligou... pedindo pra... se a gente podia atender essa semana que o marido dela....ce leu meus recados?

F2: não num li nada...ligar para mãe da Gabi... e marcar (se possível) para quinta feira... quinze do oito...

F1: e a Cláudia será que tu num...

F2: não... eu acho que até... eu posso num posso? eu posso depois das sete e meia pra mim tudo bem...

F1: e a Vanessa?

F3: ãhn? peraí Val... deixa eu ver a mensagem...

(...)

F1: ce quer... você vai... atender o Matheus uma vez na semana ou duas?

F2: eu pretendo atendê-lo duas vezes na semana...

F1: porque na quinta às seis vai atrapalha (a gente toda) (...) eu vou fazer um bolinho (pra ele)...

F2: ai fala pra ele (...) ai ce coloca ele pra mim...

F1: ai que bom.... ai porque...

F2: Matheus.... o Matheus já...

F1: ai gente eu fui na Stileto porque tá em promoção né... eu comprei duas sandalitas da... Arezzo (gastei dez real...)

F2: então eu vi... é... rosinha... num tem essas cores... num é assim?

F1: (ce vê tão caras) né...

F3: eu comprei...

((risos))

F1: uma que que põe uns (...) da Arezzo e aquelas básicas tá...

F3: (comprou daonde a daqui ou a da cidade?)

F1: aqui (no Shopping)...

F3: ((espirra)) ai....

F1: que ce tá ligando aí (...)?

(...)

F1: mas se você já tem...

F2: eu num preciso ver?

F3: nossa eu tô atacada (aqui da rinite)...

(...)

F2: não ela vem às seis ela falou que vinha né...

F1: (deixa assim o celular porque ela é capaz de ligar...) (...)

((telefone toca))

F2: ai nós já saberíamos...

F3: alô...

F1: e aí?

((telefone toca))

F3: alô...

F2: não... tudo bem...

F1: tem gente marcada sete e meia? Eu já começo a fazer agora o relatório então... que número que era?

F3: ah... a mãe/ ligou a mãe da escola Nascimento viu...

((telefone toca))

F1: ligou? já?

(...)

F3: ... o menino já passou em tudo que é psicólogo e médico do Guilherme Álvaro²⁵ e ela tava na lista da psicopedagoga mas como o menino agora esse ano ela resolveu colocar ele numa escola paga... ai agora ele não vai ter direito...

F1: ... ela deve ser bem simplória... porque... ela já (passou) por todos os psicólogos do Guilherme Álvaro... e agora ela entrou na lista da psicopedagoga mas como esse ano ele tá em escola particular ele num pode ser atendido... mas eu perguntei... ai... por que ele tem algum probleminha né... ele tem onze anos tal... começou a convulsionar agora... eu perguntei que série segunda série... se tem probleminha... segunda série...

F2: segunda série... hum... hum... hum...

F1: onze anos...um pequeno probleminha... ai eu falei da avaliação e que se fosse da escola Nascimento teria vinte por cento de desconto... (ai ficou tudo encaminhado...) (ai quando eu falei o preço com os vinte por cento de desconto... a mulher ficou) ah tá... então eu vou falar com meu marido... depois eu ligo...

F3: (ela ligou (...))

F2: éh...

F3: (...) tem uma outra que num fala... (tá no segundo ano) e num fala deve ser problema de fala...

F2: éh...

²⁵ Hospital de Santos

F3: dez anos num fala...

F2: tá... então....

F3: ah... esse é o... essa... essa é a mulher lá do...

F1: eu to animada pra fazer o relatório... deixa eu começar...

(...)

F3: ((risos)) ai meu Deus.... ai gente... é cada uma né...

F1: que ce fez esse final de semana?

F2: eu?... Ai Dica ninguém merece...

F1: deixa eu contar pra vocês

F2: conta (...) conta (...)

F1: primeiro que... (o Vinícius resolveu engordar de novo um quilo né...)

F2: ele que interrompeu? (foi o Gabriel?)

(...)

F1: assim... (sabe como é que eles são) cada um faz o que quer né... tinha o aniversário de uma professora né... ai eu até comprei... a Vanessa não foi... e eu comprei a(...) pra ele no(...) né...

F2: ãhn...

F1: aí (...) né... ficou na mesa... e eu... Sandra Val... a Mônica e uma amiga... Leila ninguém merece né... (...)

F2: ((risos))

F1: chegou uma hora... eu levantei... fui jantar sozinha... ce imagina? a Mônica... o marido dela... a Val e a Sandra... na mesa... eu mereço isso?

F2: ((risos))

F1: eu levantei fui jantar sozinha... eu fiquei lá uma hora dentro daquele... (eu peguei também jantei sozinha...)

F3: mas deixa ela quando ela vier eu falo vou falar com ela...

F1: gente eu vou no brigadeiro também... (...)

F3: ahn?

F1: deixa ela chegar eu vou no brigadeiro também da Festa(...)

F3: eu tô com uma vontade de comer um brigadeiro...(...) hoje ainda a... (num lembro hoje) quem tava conversando comigo e aí falou ah hoje vai ter festa na escola né...

F2: Rafael?

F1: ela foi ontem... deixa eu falar da Rosa Maria...

F2: falar o quê?

F3: da reunião...

F1: (tô por aqui com a Rosa...) ontem eu tive reunião com ela de novo... (porque ela num) vai na reunião pedagógica) Rosa Maria (não vai a) reunião pedagógica... num

participa de nada... a menina... quando vinha da escola... pra casa... pesquisa.... num faz nada... ai quando chega na escola quer cobrar tudo... ela quer... mandar.... o que eu tenho que fazer.../

F3: ela muda né?

F1: ela muda... ai eu falei assim... olha Rosa...

F2: ai... é o estilo dela né...

F1: se você não confiar na escola pra que a Larissa tá aqui? não mas eu confio eu tô adorando num sei o que.... mas ela percebeu... sabe... que assim... eu fui curta e grossa... falei meu... já tentei tudo que::.... sabe o que que é a gente nunca dá sorte né então... agora não dá sorte por quê? se você num tá satisfeito... e agora por que que ela tá aqui... ai ela veio (me disse) que o ano passado.... ce vê... num viu... (pra você e pra Larissa (...))

F3: coisa de louco viu...

F2: como assim?... num foi..... como assim?...

F1: foi você que falou num podia levar a Larissa.... (porque ela interrompeu o tratamento...)

F2: ai... gente eu num acredito que ela...

F1: falou... (falou pra mim...) olha gente...sem esquecer que daí continua... porque o outro ano né... eu que dava aula né... (que tanto até ela...) porque a Patrícia saiu porque começou a atender (num sei o que)... ai você levava ela tal... eu disse assim olha... esse ano a gente continua atendendo... é mas num dá pra Vanessa vir atender aqui na escola? eu falei Rosa... ô... Rosa...

F2: a dom.... não...

F3: (...) folgada né...

F1: eu falei assim...

F2: é...(...) tipo a domicílio né... como se fosse uma incapaz né...

F1: éh... (não e aí até contei que quando a gente tem um (...) caso) eu falei assim de deficiente físico... né.... falei do Gustavo que é... é.... parálítico né...

F2: você num acredita quem eu vi...

F3: conta...

F2: domingo... de manhã...é... o Gu.... que vinha aqui...

F1 e F3: ah::::.....

F2: gente... ele mora perto do Luiz...

F3: é ele mora lá perto da minha casa...

F2: então... menina... aí... ai eu olhei... nossa ele tá um homem... mas ele tá só (pelinha)... então... ai.... o Luiz falou assim (...)... ai... o Luiz... aquele menino ali é o que ia pro... Criação... mas ele tá sempre no Inter...

F3: éh....

F1: é que ele joga tamboréu no Inter... ((risos)) (...) ele falou nossa ele tá direto lá...

F3: (sabe quem que direto joga tamboréu no Inter) é o pai da... da Luana... que tem Síndrome de Down... porque o mais velho (gosta de) tamboréu...

F2: ah é...

F3: é...

F1: ãhn....

F2: nossa mas ele tá bem fortinho viu... num é?

F1: é?

F2: acho que ele (precisa sair) ele cresceu mais... engordou... tá mais assim... sabe que ele num fica assim... gordinho né... mas ele tá bem grande... num é?

(...)

F3: (ah) ela veio me cumprimentar veio me dar abraço... ela faz um tipo né...

F1: faz tipo né... veio pra... ai ela falou assim...

F3: quem vê pensa que é a melhor mãe do mundo...a mais dedicada... a a...

F1: não daí ela vim aqui porque eu (nem sei) se é a melhor idéia... (ces sabem (...) a Larissa...) eu falei como é que é? ... esse é o projeto... da escola... mas a Larissa tem (sérias dificuldades individuais)... eu falei... de matemática... de português porque ela não acompanha uma terceira série agora dá pra gente fazer um projeto pedagógico... totalmente diferenciado porque... aqui é uma escola especial...

F2: não... inseri-la né... isso daí... isso aí... essa aí também é a idéia num é...

F1: ló::gico...

F2: num é verdade? como é que ce vai fazer uma coisa... vai... discriminar... (...)

(...)

F2:gen... gente... aquele dia que eu fui lá... ela andando de um lado pro outro... e falando num sei o quê... pedindo coisas... indo pegar coisas...

F1: ela almoça com a Ofélia... todo dia... bate papo...ce vê como é que elas são porque a Larissa tá ficando gatinha... (...) que ela (num) vai sair dessa escola nunca mais que ela adora...

F2: ai gente mais que... ((risos))

(...)

F1: porque ela... se sente super... importante almoçando com a diretora...

((telefone toca))

F2: ai que graça tá vendo....

F3: alô...

F2: nossa mas eu achei que ela tá tão despachada assim...

F3: alô... oi Jô...

(...)

F2: anda de um lado pro outro... (...)

F1: já foi pra Portugal?

(...)

F2: como é que é? tomou fora de quem? (...) não... posso... tirar?

F3: pode...

F3: o... Guilherme vai vim hoje viu?

F2: senta aqui... qual o passeio que tu vai fazer?

F1: não... as crianças... na verdade as professoras de educação física tinham inventado um passeio de canoagem... mas... a prin/ a princípio até acharam tudo bem uma boa... mas depois quando a velha parou... me fez refletir... eu vi que num era adequado sair com as crianças... esses adolescentes... e ir fazer um passeio de canoagem... mesmo porque... tem mães que num iriam deixar... sua mãe ia deixar você ir Lene?

P: não...

F1: então...

(...)

F2: e ai tu ia ficar muito triste... (...)não... (ia ter) raiva da tua mãe num ia?

P: não...

F2: num ia?

P: naum...

F1: a princípio porque assim... eu a princípio num achei que era nada demais porque... eles iam de colete... tem dois professores pra dar aula...

P: pois é...é::.....

F1: mas... sabe... a gente sabe o que é grupo... quando ce sabe que tens uns lá que são o que são né...

P: é o Adrew...

F1: naum num precisa citar nomes... a gente já sabe... né...né entaum... é isso acabou mixando o nosso passeio... entaum assim uma polêmica né...

F3:e o Hopi Hari?....

F1: o Hopi Hari eu já falei com a velha concordou...

P: ah... ainda bem...

F2: tem a noite do horror num é isso?

P: é... a noite do terror...

F2: é... a noite do... é... num é horror?

P: terror...

F2: terror...

F1: é Leila... eu num sei o que que eu faço porque (eu finjo) que nada acontece... porque quando a gente quer (ter lá) as coisas a gente dá trabalho né...

F2: a sempre... toda vez...

F1: (provavelmente..)

P: ainda (...) tá gravando?

F2: lógico que eu tô gravando...

((risos))

(...)

F1: e ainda... apesar que hoje (...) sabe fazer de conta que num viu... que num escutou... sabe? mas eu num consigo mais fazer de conta... as coisas... eu num consigo fazer de conta...

F3: (todo mundo hoje tava reclamando lá da escola) né...

F1: todo mundo tava... (...)...

F2: problema né...

F1: (...) Leila o que que eu faço da minha vida Leila tava tão bem pelo menos segunda feira ainda te falei ufa que bom to feliz com a velha...

((risos))

F1: apesar de que a velha ainda duvide de que eu goste dela...

F2: ah mas é porque confunde tudo né na verdade... ai que pecado viu... ah mas sabe o que que é (às vezes) eu acho que pegou meio de surpresa... talvez ela não esperasse isso... então eu acho que até valeu a pena retomar isso ai... entendeu... porque::... assim... porque... falar as coisas... é::... que nós já estamos né... já tá muito sedimentado né já tá muito complicado isso... de repente tem alguém...

F1: (...) que ainda... a impor regra...

F2: então...por quê... porque isso foi pedido a ela... ai agora... tu faz o quê? (...)((para a paciente)) (...vai onde?

(...)

F2: e aquela viagem... você já... você... e o André já acertaram...?

F3: (a gente tá só esperando né...)

(...)

F3: ah eu falei pra você ce virou e falou num quero...

F1: então eu sei que eu num queria mas... (...)

F3: ainda falei... vou fazer...

(...)

F1: (...) uma pousadinha baratinha (numas férias)... (...)mas é baratinha ou é...

F3: mas é só cento e setenta e cinco o feriado inteiro...

F1: quanto?

F3: cento e setenta e cinco...

F1: pode passar pra cá...

((risos))

F3: não mas é assim... é duzentos e quarenta o casal... com uma cama inteira... que se for... é... é... dois casais... que aí é um quarto que é maior com... quatro camas num sei o quê é...

F1: ah não quero separado... eu vou ficar... eu nem sei dizer mas...

F3: o Cris o que que tem eu sempre vou co' o meu primo co'a namorada porque... a pousada tá cheia a gente fica num... (...)

F1: lógico né... ((risos)) (...) (vem aqui) eu vou viajar...

(...)

F2: então... olha aí... Cris... a viagem... (...)olha... Cris...Cris... (...) a oportunidade... olha aí...

F1: que foi Lene?

P: os namorados não dormiam juntos?

F1: é porque ela quer ir... eu já não... entendeu Leila...

P: ó... vai Cris... vai...

F1: vou?

P: é vai...

F2: bom então vai...

F3: então calma... mas pode ser que não tenha é isso aí

F3: tem que ligar pra lá...

F1: sabe que eu num conheço Maresias...

F2: mentira...

F1: verdade...

F2: é bom... não é a minha preferida...

F3: também não... a minha é Barra do Caí a minha preferida...

F2: ah a minha é Camburi...

F3: a minha não... é Barra do Caí...

P: eu adoro Barra do Una... e também...

F2: (...) é uma do lado da outra...

(...)

P: vai pra Barra Bonita....

F3: nossa... e essa pousadinha é toda limpinha arrumadinha... que eu já fui...

P: Barra Bonita também é linda nossa...

((risos))

F3: e ai tudo certo já...?

F1: não...

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)